

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TALITA DE OLIVEIRA COSTA

DOS ESTADOS UNIDOS PARA O CHILE: memórias de um ativismo de esquerda  
transnacional

NITERÓI,  
2014

TALITA DE OLIVEIRA COSTA

DOS ESTADOS UNIDOS PARA O CHILE: memórias de um ativismo de esquerda  
transnacional

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-  
Graduação em História da Universidade  
Federal Fluminense, como requisito parcial  
para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> CECÍLIA DA SILVA AZEVEDO

NITERÓI,  
2014

TALITA DE OLIVEIRA COSTA

DOS ESTADOS UNIDOS PARA O CHILE: memórias de um ativismo de esquerda  
transnacional

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Aprovada em março de 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cecília da Silva Azevedo (UFF)  
Orientadora

---

Prof. Dr. Robert Sean Purd (USP)  
Arguidor

---

Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ)  
Arguidor

Suplentes

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Rollemberg Cruz (UFF)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Torres Schittino (UFF)

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

C837 Costa, Talita de Oliveira.

Dos Estados Unidos para o Chile: memórias de um ativismo de esquerda transnacional / Talita de Oliveira Costa. – 2014.

125 f.

Orientador: Cecília da Silva Azevedo.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014.

Bibliografia: f. 118-125.

1. Estados Unidos. 2. Chile. 3. Memória. 4. Nova esquerda (Ciência Política). 5. Direitos humanos. I. Azevedo, Cecília da Silva.

II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 320.531

## Agradecimentos

Quando era ainda uma caloura do curso de História não poderia imaginar que sairia da graduação para o mestrado, tampouco que o meu objeto de estudo incluiria a realidade estadunidense. E como foi difícil o percurso da pesquisa: elaboração do projeto, acesso às fontes, entendimento do período e processo estudados, definição e redefinição dos objetivos, estratégias, além da necessidade de conciliar as atividades da pesquisa com o início do trabalho como professora. Mas, se por um lado encontrei obstáculos, por outro recebi a ajuda de muita gente, a quem devo justos agradecimentos.

À minha mãe, Maricé, que se dedica integralmente à família. Pela confiança quase cega na minha capacidade, apesar da insistência em dizer que “se tivesse escolhido História do Brasil teria sido menos complicado”.

À minha irmã Thaís pela compreensão e pelas queridas sobrinhas Maria Eduarda e Ana Beatriz. Fazer parte da infância de vocês, podendo acompanhá-las nas brincadeiras, enche a minha vida de alegria e amor.

À minha irmã Taiara pelo tempo gasto, escutando minhas dúvidas e ensaios de apresentação. E por desde o trabalho de Geo-história, no segundo período, não ter me deixado esquecer que “, toda relação social é uma relação de poder.”

À Caravana de amigos (deste e do outro mundo) que se interessam e torcem por mim. Aos inesquecíveis amigos da escola, a época mais rica, a qual estão vinculadas as minhas melhores lembranças. Passamos juntos pela pressão do Ensino Médio e chegamos à Universidade, todos à UFF. Aos amigos feitos na UFF, companheiros de disciplinas, frustrações, lamentos, debates acadêmicos e existenciais, além das risadas. Da etapa do Mestrado devo citar, em especial, Fernanda Pires Rubião, Eric Assis dos Santos e Erika Natasha Cardoso,

Aos professores da Universidade Federal Fluminense, que contribuíram para que o período universitário me tornasse uma pessoa mais segura, particularmente à Cecília. Após tantas disciplinas, tornou-se naturalmente orientadora. Ainda bem que seu entusiasmo e carinho acabaram pesando mais do que as minhas angústias. Obrigada pelo empenho em ler meus textos, comentá-los e propor caminhos.

Aos professores Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira e Thaddeus Gregory Blanchette por aceitarem integrar a banca de qualificação. Suas críticas e sugestões foram decisivas para que eu aprofundasse a minha análise e aprimorasse o

resultado final. Ao Thaddeus, mais uma vez, e ao professor Robert Sean Purdy por comporem a banca de defesa e avaliarem meu trabalho com tanta atenção.

Aos finistas com os quais estabeleci contato, pela ordem: Steven, Mishy, David e Andrew. Todos foram muito gentis em compartilhar um pouco dessa História situada “fora do radar”, como bem definiu o professor Henrique, permitindo que eu trouxesse a público parte de suas experiências. À Joyce Horman, esposa de Charles, que além de responder minhas perguntas, direcionou-me a Christian Kelleher, arquivista da Benson Latin American Collection na Universidade do Texas, onde estão localizados os documentos da família Horman. Christian ajudou muitíssimo, enviando documentos digitalizados por e-mail.

Enfim, não teria conseguido sem vocês. Muito Obrigada!!

A CAPES financiou o segundo ano desta pesquisa.

**Resumo**

Esta pesquisa analisa a presença de um grupo de estadunidenses no Chile durante a administração Allende (1970-1973). Atraídos pela proposição de uma via democrática ao socialismo na América do Sul e inconformados com as políticas econômicas e sociais dos Estados Unidos, os jovens ativistas fundaram o boletim de notícias Fuente de Información Norte-americana (FIN) na intenção de dialogar com a esquerda chilena e divulgar os movimentos norte-americanos críticos ao governo do seu próprio país. No entanto, suas atividades no Chile foram interrompidas pelo golpe e pela instauração da ditadura pinochetista, que não isentou finistas de se tornarem alvos da repressão. Dois deles, Charles Horman e Frank Teruggi foram presos e mortos no Chile. A partir da imposição dessa nova realidade, a dissertação tenta acompanhar a emergência do Movimento em Solidariedade ao Chile nos Estados Unidos, movimento de reação ao regime autoritário com vistas a apoiar às vítimas do terror e a difundir o preceito dos direitos humanos como guia para a política externa norte-americana. Contrariando uma visão predominante de consenso, o estudo verifica que a interação entre os sujeitos chilenos e estadunidenses significou uma tentativa real de internacionalização da esquerda.

**Palavras Chaves:** EUA, Chile, Memória; Nova Esquerda, Direitos Humanos.

**Abstract**

This research analyzes the presence of a group of Americans in Chile during the Allende administration (1970-1973). Drawn by the possibility of a democratic road to socialism in South America, and dissatisfied with socioeconomic politics in the United States, the group of young activists founded the news magazine Fuente de Información Norte-americana (FIN) with the intention of creating a dialog with the Chilean left and spreading information about the American movements that were critics of their own government. Their activities in Chile were interrupted by the coup and by the Pinochet dictatorship, making them targets of repression. Two of them, Charles Horman and Frank Teruggi, were arrested and killed in Chile. Considering the imposition of this new reality, the dissertation tries to follow the birth of the U.S. Movement in Solidarity with Chile, a movement that reacted to the authoritarian regime with hopes of supporting victims of terrorism and disseminating human rights ideals as a guide for American foreign policy. Contradicting a mainstream perception of consensus, the study shows that the interaction between Chilean and American subjects meant an actual attempt of leftist internationalization.

**Key Words:** U.S.A, Chile, Memory, New Left, Human Rights.

**Sumário**

Introdução	10
Capítulo I. Histórias Cruzadas: trajetórias, experiências e memórias:	15
Charles Horman	16
Frank Teruggi	22
Steven Volk	25
Mishy Lesser	26
Andrew Zimbalist	29
Outros Finistas	30
A experiência chilena	31
Capítulo II. Em(FIN), outro olhar sobre os Estados Unidos: texto e contexto político	52
Capítulo III. De volta aos Estados Unidos: o Movimento em Solidariedade ao Chile e a luta pelos direitos humanos:	82
Missing: discurso cinematográfico e debate político	90
Considerações Finais	111
Anexo I	115
Bibliografia	118

## INTRODUÇÃO

“Aquele 11 de setembro, aquela manhã de terça- feira letal, eu acordei com medo do som dos aviões voando acima da minha casa. Quando, uma hora mais tarde, eu vi fumaça levantando-se do centro da cidade, eu sabia que a vida havia mudado para mim, para o meu país, para sempre (...)”<sup>1</sup>

Essas palavras evidenciam uma experiência traumática, desencadeada por uma ação violenta que ameaçou a democracia e a liberdade, instaurando o medo e matando milhares de pessoas. A maioria dos leitores que tivesse acesso a essa breve descrição, sem dúvidas diria que o trecho acima faz referência aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 que resultaram na queda das torres gêmeas do World Trade Center em Nova York. A menção a esse fato faria as pessoas lembrarem imediatamente do incêndio ocasionado pela explosão dos aviões, das pessoas que ficaram presas nos andares dos prédios e desesperadamente se atiraram ao chão, dos pedestres boquiabertos sem entender o que havia acontecido, da chuva de papel e poeira que tomou as ruas por conta do desabamento, da queda de um terceiro avião no perímetro do Pentágono, do medo que apavorou a população dos Estados Unidos nos dias seguintes, dos discursos de George W. Bush justificando a necessidade de se empreender uma guerra ao terror, do conflito com o Afeganistão e de tantas outras imagens assustadoramente chocantes. Mas, o relato continua...

“(...) Era 11 de setembro de 1973, e o país era o Chile e as forças armadas tinham acabado de bombardear o palácio presidencial em Santiago como a primeira etapa do golpe contra o governo democraticamente eleito de Salvador Allende. Ao final do dia, Allende estava morto e a terra onde nós sonhamos ser possível uma revolução pacífica havia se tornado um matadouro.”<sup>2</sup>

Numa dimensão mais ampla, sobretudo para as gerações mais jovens que acompanharam a perseguição incansável a Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda responsabilizado pelo o que ocorreu em 2001, fica difícil não pensar nos Estados Unidos assumindo a condição emblemática de vítima. São inúmeros os documentários e

---

<sup>1</sup> “That September 11, that lethal Tuesday morning, I awoke with dread to the sound of planes flying above my house. When, an hour later, I saw smoke billowing from the center of the city, I knew that life had changed for me, for my country, forever. (...)” DORFMAN, ARIEL. *Epitaph for another September 11: Chile and United States offer contrasting models of how to react to a collective trauma*. In: The Nation, 30 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.thenation.com/article/163056/epitaph-another-september-11#>

<sup>2</sup> “(...) It was September 11, 1973, and the country was Chile and the armed forces had just bombed the presidential palace in Santiago as the first stage of a coup against the democratically elected government of Salvador Allende. By the end of the day, Allende was dead and the land where we had sought a peaceful revolution had been turned into a slaughterhouse.”

homenagens que recontam a tragédia a cada ano. Certamente essa é a lembrança do 11 de setembro preponderante no imaginário estadunidense.

Já o mais antigo 11 de setembro, o de 1973 – de onde os Estados Unidos não estiveram completamente ausentes –, o qual o trecho evoca originalmente, parece ter sido abafado, silenciado, quase circunscrito a escala nacional chilena. Dentro do país, em particular, o significado do golpe é historicamente disputado, sendo possível verificar a cada ano o confronto recorrente entre militares e militantes de direita que apoiaram o golpe e integrantes de movimentos sociais, incluindo principalmente aqueles envolvidos com a causa dos direitos humanos. A esquerda chilena usa a data para justificar sua luta: esclarecimento dos crimes e abusos cometidos durante o regime ditatorial pinochetista, culpabilização das autoridades que institucionalizaram a repressão, superação dos enclaves autoritários remanescentes daquela época e críticas às políticas imperialistas são algumas das pautas levantadas. A direita chilena, por sua vez, reverencia a data, interpretando positivamente o golpe como serviço prestado em defesa da chilenidade frente à ameaça comunista.

O objeto de análise desta pesquisa encontra-se exatamente delimitado pela experiência menos lembrada, o 11 de setembro de 1973, ao examinar a presença de estadunidenses no Chile no início dos anos 1970. Contudo, diferentemente da história mais difundida, essas pessoas não foram funcionários da CIA ou das Forças Armadas dos Estados Unidos, que financiaram e instrumentalizaram uma situação de crise política e econômica, ajudando a fomentar condições ao golpe. Em contrapartida, essa investigação se propõe a observar um pequeno grupo atraído pela experiência da via chilena, pacífica, ao socialismo. Nesse sentido, chama atenção para um micro momento da História, trazendo à cena atores e processos pouco analisados pela comunidade historiográfica e pouco conhecidos do público em geral.

Um debate iniciado em artigos da *Foreign Affairs*<sup>3</sup>, em primeiro lugar, despertou a curiosidade e o interesse pelo tema ainda na graduação. Naquela ocasião, a compreensão da participação dos Estados Unidos no processo golpista de 1973 foi o principal objetivo do estudo. Diante de negações e afirmações a respeito do papel desempenhado pelos Estados Unidos, esbarrei no caso Horman retratado pelo filme

---

<sup>3</sup> MAXWELL, Kenneth. “ *The other 9/11: The United States and Chile, 1973*” In: *Foreign Affairs*, novembro/dezembro de 2003 Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/59382/kenneth-maxwell/the-other-9-11-the-united-states-and-chile-1973>

ROGERS, William D. “ *Fleeing the Chilean Coup: The Debate over U.S. Complicity.*” In: *Foreign Affairs*, janeiro/fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/59547/william-d-rogers-kenneth-maxwell/fleeing-the-chilean-coup-the-debate-over-us-complicity>.

*Missing*, do diretor Costa Gravas, datado de 1982. Essa obra traduziu em imagens a passagem do jornalista Charles Horman pelo Chile a partir de 1972. Charles foi preso nos primeiros dias da ditadura civil militar pinochetista. E apesar de conferir maior visibilidade ao que foi vivenciado por Charles, *Missing* traz à tona também a narrativa do sequestro de outros dois norte-americanos : Frank Teruggi e David Hathaway. Naquele contexto, dos três estadunidenses citados, apenas o último escapou da morte.

No Chile, suas histórias se cruzaram por meio da participação no desenvolvimento da publicação intitulada Fuente de Información Norte-Americana – Fonte de Informação Norte-Americana – FIN. Em companhia de outros norte-americanos, se engajaram na confecção de boletins informativos direcionados ao público local, combinando, em maior escala, traduções para o espanhol de notícias veiculadas na imprensa de esquerda dos Estados Unidos e notas/matérias autorais, assinadas pelo grupo, em menor quantidade. Por conta disso, a vinculação a essa publicação foi o critério utilizado para selecionar os indivíduos que seriam seguidos por esse estudo.

Tendo em vista a intenção de compreender uma extensão internacional da experiência chilena, enfatizando especificamente as relações que se estabeleceram entre os Estados Unidos e o Chile durante a Guerra Fria, esta pesquisa se distancia da perspectiva conservadora da chamada Diplomatic History. Tal abordagem das relações interamericanas restringiu ao âmbito do Estado a prerrogativa do exercício do poder, enxergando aspectos políticos e institucionais em detrimento dos demais. Conseqüentemente, orientou narrativas que apreciaram, exclusivamente, políticas desenvolvidas pelo governo dos Estados Unidos para a América Latina. Como alternativa à premissa que pudesse realçar uma passividade e sujeição do hemisfério sul, enquadro esse trabalho numa linha de pensamento que julga essencial valorizar as particularidades dos sujeitos, em suas interações, trânsitos simbólicos-culturais e resistências. Logo, ao invés de marcar uma experiência irrevogavelmente linear, a proposta é centrar esta análise nos processos de disputa e negociação que tiveram curso na História.<sup>4</sup> Além disso, vale salientar que se trata de um estudo que recorre a uma perspectiva histórica transnacional, aporte teórico que sugere relacionar a História dos Estados Unidos a outros processos, analisando conexões e intercâmbios que se

---

<sup>4</sup> Para um debate historiográfico mais aprofundado sobre relações interamericanas ver: AZEVEDO, Cecília. “Relações Interamericanas no século XX: percursos e debates acadêmicos” In: AZEVEDO, Cecília e RAMINELLI, Ronald (orgs.) História das Américas: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

estabeleceram para além das fronteiras dessa nação, tornando possível a compreensão da sua História a partir de um ângulo diferenciado.<sup>5</sup>

Tributária dessa reflexão, esta dissertação pretende, portanto, revelar elementos que poderiam parecer invisíveis à primeira vista, destacando uma experiência político-cultural que transcende o estereótipo de imobilismo e individualismo que configura uma imagem da sociedade estadunidense. Sem negar, de fato, que essas características compõem e direcionam parte da população, mas, evitando generalizações, atenta-se para um segmento da sociedade que demonstra interesse em projetos distintos daqueles dominantes, constituindo uma corrente de dissenso, movimento de protesto, que, historicamente, entrou em confronto com a política oficial de seu país.

Não fosse pelos relatos de memória e pelos contatos estabelecidos com alguns dos integrantes do grupo FIN, não teria acessado essa experiência. É claro que os relatos por si mesmos, sem o exercício da crítica e sem o contexto, não são suficientes para dar conta da complexidade das relações estabelecidas entre os dois países e seus cidadãos durante o período estudado. Utilizando a memória como objeto para a produção do conhecimento histórico, recorro a Elizabeth Jelin para esclarecer que, quando nos referimos à memória, olhamos atentamente para

“Vivências pessoais diretas, com todas as suas mediações e mecanismos dos laços sociais, do manifesto e do latente ou invisível, do consciente e inconsciente. E também de saberes e crenças, padrões de comportamento, sentimentos e emoções que são transmitidos e recebidos na interação social, nos processos de socialização, nas práticas culturais de um grupo.”<sup>6</sup>

Enquanto processo subjetivo, a memória para a autora está diretamente relacionada ao conceito de trabalho, uma conotação que associa o exercício de memória à imagem daquele que ativamente transforma a si mesmo e o mundo. Dessa maneira, sujeitos elaboram e (re)elaboram o passado. A partir daí, o “trabalho de rememoração”, para mencionar o termo trazido por Jelin, se insere no campo do político, pois evidencia tanto embates ideológicos, quanto ausências, o que interessa, e muito, à História.

E porque, em última instância, a História produz uma narrativa, vale sugerir, conforme faz Jeanne Marie Gagnebin, uma associação entre a figura do narrador qualificado por Benjamin como “catador de sucata (...) que recolhe cacos, os restos”<sup>7</sup> e a

---

<sup>5</sup> TRILLO, Maurício Tenório. “*Caminhando para a desestadunização da história dos Estados Unidos : um diálogo.*” In: Revista Estudos Históricos . Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

<sup>6</sup> JELIN, Elisabeth. Los trabajos de la memoria. Madri: Siglo Veinteuno Editores, 2001, p. 18

<sup>7</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006, p.53.

figura do historiador, que se interessa pelo que é ignorado, o que aparenta não revelar sentido algum, o inusitado, aquilo que não é mencionado pela história oficial. Seguindo essa lógica, a autora assegura que mais do que dizer o indizível, a tarefa do historiador aponta para a identificação dos sujeitos sem nome, dos quais ninguém lembra.<sup>8</sup> É justamente esse o sentido desse trabalho, é a isso que ele se dedica.

Para tanto, a dissertação está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo são apresentados os jovens estadunidenses envolvidos com o trabalho do boletim de notícias FIN na década de 1970 no Chile. Na medida do possível, o capítulo reúne informações a respeito dos integrantes do grupo e algumas fotos individuais na tentativa de observar as suas trajetórias antes da experiência chilena e as suas vivências durante o governo de Salvador Allende, traçando ainda um paralelo entre os acontecimentos políticos dos anos 70 no Chile e nos Estados Unidos. No segundo capítulo, a análise volta-se para o ambiente político dos anos 60 nos Estados Unidos, que originou a Nova Esquerda. Um olhar para a Nova Esquerda precede uma apreciação das notícias veiculadas por FIN com vistas a chamar atenção para a relação estabelecida entre essa corrente política e as afinidades do grupo estudado. Para finalizar, o terceiro capítulo dedica-se a examinar uma obra cinematográfica que passa indiretamente pela história do grupo FIN. Ainda que o filme *Missing*, de Costa-Gravas, tenha como objetivo principal a divulgação de uma história individual, suscita a necessidade do retorno ao contexto estadunidense pós 11/09/1973 para que se conheça e avalie o trabalho e a repercussão do Movimento em Solidariedade ao Chile, do qual alguns finistas participaram.

---

<sup>8</sup> *Ibdi*, p. 54

## **CAPÍTULO I. Histórias Cruzadas: trajetórias, experiências e memórias**

O primeiro objetivo deste capítulo é reunir alguns dados biográficos para remontar as trajetórias de vida dos participantes do grupo FIN. Optei por apresentar, inicialmente, os integrantes do boletim, os finistas, como se denominavam e são conhecidos, a fim de tornar mais clara a exposição das ideias que foram difundidas por meio de sua publicação, que será o foco do próximo capítulo. Ao todo foram identificados seis membros do grupo residentes no Chile em 1973. Apesar dos esforços, devido às dificuldades enfrentadas durante a pesquisa, não será possível discorrer sobre todos igualmente. Nesse sentido, enquanto as informações sobre alguns serão mais abundantes, outras estarão limitadas a breves notas. Do conjunto de questões levantadas durante a investigação, destacaram-se como fundamentais os seguintes aspectos: a vivência universitária nos Estados Unidos, a inserção em movimentos sociais norte-americanos e o período vivido no Chile.

Quando me refiro à trajetória, aludo ao conceito de trajetória no sentido atribuído por Bourdieu, que pressupõe indivíduo e sociedade numa relação indissociável. Observando os perigos de se tentar delimitar uma história de vida marcadamente linear e harmônica, e, atentando para a importância de se considerar o contexto, o autor define trajetória como “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.”<sup>9</sup> A partir dessa reflexão, será possível perceber que o lugar político-social ocupado pelos atores privilegiados por este estudo extrapola as páginas de FIN e não se encerra com o término, forçado, da edição dos boletins.

A intenção é dar conhecimento sobre seus perfis políticos para, em seguida, entender tanto o(s) motivo(s) da escolha do Chile como destino naquele início dos anos 1970, quanto os sentidos atribuídos ao que vivenciaram. Por isso, numa segunda parte, o capítulo expõe as falas desses sujeitos, dando voz as suas próprias narrativas sobre aquela experiência. Integrando as suas afirmativas e questionamentos ao contexto, esse item busca conectar o micro – memórias individuais – ao macro – a conjuntura revolucionária chilena, bem como os movimentos de dissenso nos Estados Unidos.

---

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 189.

## Charles Horman<sup>10</sup>



As variadas falas de Elizabeth e Edmund Horman sobre o filho demonstram uma extrema admiração por Charles, filho único descrito pela família como aluno de destaque tanto na escola quanto na universidade. Charles cursou jornalismo em Harvard no início dos anos

1960, tendo passado também pela Phillips Exeter Academy, e durante os anos de faculdade integrou o movimento pelos direitos civis.<sup>11</sup> Em agosto de 1963 esteve presente na March on Washington Jobs and Freedom (Marcha em Washington por Empregos e Liberdade). Na ocasião cerca de 250.000 pessoas partiram do Monumento Washington em direção ao Lincoln Memorial, negros e brancos, exigindo “aprovação de legislação significativa sobre direitos civis, eliminação da segregação racial nas escolas públicas, proteção para manifestantes contra a brutalidade policial, um grande programa para geração de empregos, aprovação de uma lei que proibisse a discriminação racial em lugares públicos e privados, um salário mínimo de U\$:2,00 a hora e um autogoverno para o distrito de Columbia, que tinha população de maioria negra.”<sup>12</sup> O protesto pacífico que teve uma grande cobertura televisiva também foi registrado em fotografias por Charles (Anexo I) e uniu ativistas de seis grandes organizações sociais pela igualdade racial. Lá se fizeram representar National Association for the Advancement of Colored People (NAACP); The National Urban League; Congress of Racial Equality (CORE); Brotherhood of Sleeping Car Porters;

<sup>10</sup> As duas fotos retratam Charles a caminho do Chile entre 1971 e 1972. Primeiro, fotografado sozinho no Panamá, registro retirado do perfil da *Charles Horman Truth Foundation* no facebook. Em seguida ao lado de sua esposa, Joyce, foto postada no blog *In Memoriam Charlie Horman*, do seu amigo de escola David Nelson. Encontram-se disponíveis respectivamente em: [https://www.facebook.com/photo.php?fbid=151582988371816&set=pb.131447947051987\\_-2207520000.1388238931.&type=3&theater](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=151582988371816&set=pb.131447947051987_-2207520000.1388238931.&type=3&theater) e <http://cdavidnelson.blogspot.com.br/2012/05/joyce-and-charlie-on-their-way-to-chile.html>

<sup>11</sup> HAUSER, Thomas. *Desaparecido: um grande mistério (Missing)*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

<sup>12</sup> “The stated demands of the march were the passage of meaningful civil rights legislation; the elimination of racial segregation in public schools; protection for demonstrators against police brutality; a major public-works program to provide jobs; the passage of a law prohibiting racial discrimination in public and private hiring; a \$2 an hour minimum wage; and self-government for the District of Columbia, which had a black majority.” ROSS, Shmuel. *All about March Washington, August 28, 1963*. Disponível em: <http://www.infoplease.com/spot/marchonwashington.html>

Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC) e The Southern Christian Leadership Conference (SCLC).

Após 1964 Charles integrou a WNET-TV em Nova York e a KING-TV em Seattle, emissora na qual colaborou para realização dos documentários Huelga e Napalm<sup>13</sup>. O primeiro focava a organização United Farm Workers e o seu fundador César Chávez. Já o segundo, dirigido por Don Lenzer e premiado pelo Festival de Cinema de Cracóvia, retratou um protesto antiguerra do Vietnã na Califórnia, mais precisamente em Redwood City.

No contexto de agravamento da Guerra do Vietnã, Charles serviu por um período de 6 meses na National Air Force e, ainda, integrou o Federal Program to Poverty<sup>14</sup>. A sua participação é relatada também em mais uma demonstração de apoio à causa dos direitos civis, no protesto de 1968 que ficou conhecido como Resurrection City, vinculado à SCLC (Southern Christian Leadership Conference). Dessa vez, os ativistas vindos do Mississippi ocuparam uma área ao redor do Espelho D'água em Washington – Reflecting Pool – com o objetivo de edificar uma cidade, chamando atenção para a questão racial. Pouco mais de um mês desde sua implementação, após a realização de uma marcha que reuniu cerca de 50.000 pessoas em favor da Resurrection City, a polícia destruiu a ocupação.<sup>15</sup>



<sup>13</sup> “Provoking films” foi a expressão usada por David Nelson para caracterizar esse trabalho. Disponível : [http://pea60.enersen.org/Horman\\_Mem.pdf](http://pea60.enersen.org/Horman_Mem.pdf)

<sup>14</sup> Essas informações foram pontuadas muito brevemente pela obra de Hauser. Vale explicar que, no âmbito da assistência social, o Programa Guerra à Pobreza foi iniciativa do governo Lyndon Johnson congregando várias frentes de ação em prol da superação de taxas de desenvolvimento social muito baixas nos Estados Unidos. Nesse contexto, particularmente, o programa estabeleceu forte conexão com o movimento pelos direitos civis. Ver mais em: Azevedo, Cecília. Guerra à Pobreza: EUA, 1964. In: Revista de História. São Paulo: USP, 153 ( 2º-2005).

<sup>15</sup> Não tive acesso a registros feitos por Charles desse protesto. A foto acima foi retirada de uma entrevista com Tunney Lee, um dos responsáveis por projetar a cidade. Disponível em: [http://thresholds.mit.edu/issue/41/t41\\_lee\\_vale.pdf](http://thresholds.mit.edu/issue/41/t41_lee_vale.pdf). Outras fotos podem ser encontradas em: <http://blackamericaweb.com/36142/little-known-black-history-fact-resurrection-city/> e <http://www.theawl.com/2011/10/martin-luther-king-jr-%E2%80%99s-lessons-for-occupy-d-c>

Ainda nos Estados Unidos, escreveu para a revista “The Nation”, o jornal “The Christian Science Monitor” e a revista “Innovation”<sup>16</sup>. Os dois primeiros podem ser qualificados como inclinados a uma perspectiva *libera-left*. Ambos ressaltam uma posição desvinculada de interesses comerciais/corporativos, tendo como propósito o desafio ao status quo, representando vozes independentes, sobretudo, em relação a partidos políticos. A revista “The Nation” se auto denomina “*flagship of the Left*” e ostenta uma visão bastante orgulhosa de si mesma por proporcionar ao leitor o acesso a uma visão plural de qualquer assunto. É possível enumerar entre as bandeiras levantadas por ela a defesa da paz, da justiça econômica e social, dos direitos civis e dos direitos humanos.<sup>17</sup> Não fugindo completamente dessa orientação, “The Christian Science Monitor” apresenta como missão a premissa: “*To injure no man, but to bless al making*”, se levantando exatamente em oposição ao caráter sensacionalista do que considera ser o “*yellow journalism*”. Seu projeto valoriza um ideal de verdade definido pela pureza da notícia, que assume uma conotação libertadora, equivalendo a um direito humano essencial. Dessa maneira, acredita que por meio do acesso às informações o leitor possa tomar suas próprias decisões. Fundado no início do século XX, faz questão de lembrar o pioneirismo da sua fundadora, uma mulher num ambiente onde às mulheres ainda não era concedido o direito ao voto.<sup>18</sup>

Totalizando um universo de 17 artigos entre os anos 1967 e 1971, a produção de Charles no Christian Science Monitor<sup>19</sup> evidencia um jornalista de coluna predominantemente cultural, mas que não perdeu de vista o cenário social no qual os diversos programas, eventos e publicações que cobriu ou resenhou estavam inseridos. A temática do negro na sociedade norte-americana, por exemplo, é assunto recorrente em suas matérias. Há, ainda, outros temas relevantes como a crítica ao movimento de expansão da fronteira norte-americana em direção às terras indígenas e o controle sobre a *wilderness*<sup>20</sup>, a denúncia da condição de opressão a que estavam submetidas as

---

<sup>16</sup> Innovation era “uma revista de negócios para executivos das grandes corporações”. Destoando um pouco do grupo de trabalho, Charles teria sido identificado como “o liberal da equipe”. In: Hauser, Thomas. Desaparecido: um grande mistério (Missing). Rio de Janeiro: Editora Record, 1978, p.18.

<sup>17</sup> [http://www.amazon.com/The-Nation/dp/product-description/B000CNEFRE/ref=dp\\_proddesc\\_0?ie=UTF8&n=599858&s=magazines](http://www.amazon.com/The-Nation/dp/product-description/B000CNEFRE/ref=dp_proddesc_0?ie=UTF8&n=599858&s=magazines)

<sup>18</sup> <http://www.csmonitor.com/About/The-Monitor-difference>

<sup>19</sup> Vale acrescentar que a ligação de Charles a esse jornal pode estar associada, ainda, ao cotidiano de seus pais, estudiosos da Ciência Cristã. Hauser, Thomas. Desaparecido: um grande mistério (Missing). Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

<sup>20</sup> Na matéria – uma resenha de livro feita por Charles – em que o conceito é utilizado, o sentido empregado remete à expansão territorial em direção ao Oeste, o domínio das terras indígenas. Considerada um componente da identidade nacional e imaginário estadunidense, a noção de *wilderness*,

comunidades indígenas nos anos 1960, além da referência à Guerra do Vietnã, ora ressaltando a brutalidade do conflito para a sociedade, ora mencionando um Estado que profissionalizava cada vez mais funcionários para gerenciar e refletir sobre os métodos de guerra.

Joyce, esposa de Charles, revela que a fixação definitiva do casal no Chile não foi planejada desde o princípio, mas, o resultado espontâneo de uma longa viagem pela América Latina iniciada em fins de 1971, cuja finalidade seria a de lhes proporcionar mais tempo juntos. Assim, antes do Chile, passaram por México, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Equador.<sup>21</sup>

Morando no Chile, Charles se envolveu em alguns projetos. Um dos mais significativos foi o trabalho como roteirista para a empresa estatal Chile Films. Essa atividade foi questionada e qualificada como subversiva pelos agentes de Estado estadunidenses e teria suscitado uma investigação por parte do setor de Inteligência do Estado Maior e a Defesa Nacional do governo militar, antes e após sua morte.<sup>22</sup> Um documento desclassificado pelos Estados Unidos<sup>23</sup> afirma que dentro da Chile Films Horman trabalhava para Eduardo Paredes, que, segundo o próprio documento, havia sido Diretor de Investigações de Allende e era integrante do MIR. Caracterizando negativamente o contato entre eles, o documento aventa a possibilidade de Charles ter sido colocado numa situação de risco por estar associado à figura de Paredes ou, até mesmo, estar próximo a Paredes para recolher fontes para a sua análise sobre o assassinato do general René Schneider.<sup>24</sup> Membro do Comitê Central do Partido Socialista, Paredes estava no Palácio La Moneda no dia do golpe, lá permanecendo até o

---

explica Mary Junqueira, varia segundo o contexto e o tempo em que é utilizada. No entanto, está sempre relacionada a um espaço desconhecido, podendo suscitar conotações positivas ou negativas. Para saber mais ver: JUNQUEIRA, Mary. A. "Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. Revista Brasileira de HISTÓRIA. São Paulo, v. 21, nº42, 2001.

<sup>21</sup> Hauser, Thomas. Desaparecido: um grande mistério (Missing). Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

<sup>22</sup> Ver resolução do Ministro da Corte de Apelações de Santiago, Jorge Zepeda, de 29/11/2011 processo que investiga os homicídios de Charles Horman e Frank Teruggi, p. 25. Disponível em: <http://www.poderjudicial.cl>

<sup>23</sup> “ (...)Were Paredes’ activities considered so unsavory that they tainted Horman? Was Horman using Paredes as a source for his study of the Schneider’s assassination?” In: Department of State, SECRET, "Charles Horman Case: Gleanings,"(Undated but written in August 1976) Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/>

<sup>24</sup> Charles se dedicava à elaboração de um livro centrado na morte do general legalista René Schneider, ocorrida em 1970. Havia a suspeita de que a CIA estivesse envolvida na morte de Schneider, naquela época comandante do Exército chileno. Militar legalista, Schneider representava um obstáculo aos esforços golpistas, pois criticava a participação das Forças Armadas na política e, igualmente, o apelo à violência como recurso para mediar ou solucionar assuntos dessa órbita. Num cenário em que ainda seria preciso ratificar o resultado das eleições que deram a vitória presidencial a Allende, analistas avaliam que seu assassinato contribuiu inesperadamente para assegurar a legitimidade do governo Allende, fazendo com que o Congresso confirmasse o percentual das urnas.

momento da sua prisão. Ainda hoje, figura como um dos desaparecidos da ditadura pinochetista.<sup>25</sup>

Em funcionamento desde 1942, foi no governo Allende que a Chile Films ganhou mais importância. Ligada à UP e inserida no contexto de implementação do socialismo, a estatal não escapou das dificuldades, como a falta de material, fruto das crises de abastecimento. Contudo, na avaliação dos pesquisadores, os três anos do governo Allende foram imprescindíveis para a gestação de uma geração de cineastas chilenos. O objetivo seria o de “conscientizar a população ante a necessidade de apoiar as mudanças implementadas no país.”<sup>26</sup> Nesse sentido, enquadradas no gênero documentário, as temáticas de suas produções estavam associadas ao processo de transição, contemplando o registro daquela experiência. Em sua maioria eram produzidos filmes, de curta duração, exibidos, principalmente, para as camadas populares “em centros não comerciais, como federações de estudantes, sindicatos, ocupações de terras e moradias”<sup>27</sup>, mas também havia a divulgação em cinemas.

Outra atividade no campo cinematográfico em que Charles teria se envolvido foi a autoria de um roteiro para a Pueblo Films que focasse a realidade econômica chilena. Nesse projeto, Charles trabalhou ao lado do diretor peruano Jorge Reyes que buscava retratar o processo de transição ao socialismo a partir de Allende. O produto final só foi lançado no circuito francês em 1975 – 2 anos após a morte de Charles – com o título “Avenue des Amériques” – Avenida das Américas. A viagem de Walter Locke, cineasta estadunidense, para EUA pouco antes do golpe, possibilitou que as imagens capturadas não se perdessem definitivamente.<sup>28</sup>

Parte das seqüências filmadas, em 1974, foi integrada a outro projeto, dando origem ao filme “Chile: with poems and guns”. Um memorando do Departamento de

<sup>25</sup> [http://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-P/juan\\_antonio\\_eduardo\\_paredes\\_bar.htm](http://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-P/juan_antonio_eduardo_paredes_bar.htm)

<sup>26</sup> AGUIAR, Carolina Amaral de. “O Chile na Obra de Chris Marker: um olhar da Unidade Popular desde a França.” Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2013, p. 107. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13082013-144044/pt-br.php>

<sup>27</sup> Ibid, p. 108.

<sup>28</sup> Um trecho de 12 minutos do filme está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2SJiPj9HLH4>. Um letreiro confirma a participação de Charles Horman como roteirista do filme. As primeiras cenas mostram a intensa mobilização popular em favor da Unidade Popular, a população nas ruas em campanha pela esquerda e o carinho demonstrado a Salvador Allende. Em seguida, entremeando imagens da militarização do país com seu último discurso, exibe o bombardeio ao palácio La Moneda, a rotina de prisões pós-golpe e fortes imagens de corpos mortos pela cidade, revelando a violência do governo da junta militar. Apresenta-nos, também, imagens da posse de Pinochet. A última parte se concentra na denúncia de intervenção da CIA em governos latino-americanos. Por fim, exibe um testemunho bastante emocionado de Joyce, esposa de Charles, tentando relatar a experiência assustadora daqueles dias. Ela não consegue levar o testemunho adiante e o vídeo encerra em silêncio com uma imagem de Allende sendo queimada.

Estado dos Estados Unidos associa também esse material à figura de Charles, sugerindo que o seu envolvimento nesse tipo de trabalho possa ter contribuído para a sua morte.<sup>29</sup> Segundo Marjorie Bray, “Chile with poems and guns” é uma obra panfletária com a intenção de desfazer uma visão negativa construída sobre o Chile, mostrando, assim, para uma plateia essencialmente americana que o governo Allende “foi democraticamente eleito e estava tentando superar a pobreza e a desigualdade causadas por séculos de exploração.”<sup>30</sup>

Para além de tudo isso, Charles estava envolvido na redação de um roteiro de desenho animado e trabalhava para a Ford Foundation como tradutor. Em abril de 1973, ele teria participado, na companhia de outras 49 pessoas, de uma demonstração de protesto em frente ao Consulado dos EUA em Santiago por conta da continuidade de Guerra do Vietnã, com bombardeios à região da Camboja.<sup>31</sup>

Às vésperas do golpe, Charles acompanhou a amiga Terry Simon a uma rápida visita à cidade Viña del Mar. Era 10 de setembro, Charles e Terry, ao final do passeio turístico, foram obrigados a permanecer na cidade, hospedando-se no hotel Miramar, devido ao fechamento das estradas da região. Já haviam se iniciado os preparativos para a derrubada do governo Allende. Na manhã seguinte, 11 de setembro, os dois amigos tomaram conhecimento do golpe, deflagrado pela Marinha atracada em Valparaíso. Terry e Charles, lá retidos, entraram em contato com diversos militares estadunidenses que circulavam na região, pois contribuíram com a operação.

Durante todo o tempo que passaram no litoral – cerca de uma semana – Charles e Terry conversaram constantemente com os militares na esperança de retornarem a Santiago o mais depressa possível. Presenciando aquela movimentação, teriam reunido informações a respeito da intervenção direta dos Estados Unidos naquela manobra. De carona com Ray Davis - 1º homem da Marinha dos EUA: comandante da seção naval no Chile – partiram de volta para Santiago, chegando no dia 16 de setembro.<sup>32</sup> No dia seguinte, 17 de setembro, Charles foi preso em casa e levado para o Estádio Nacional.

---

<sup>29</sup> Department of State, Memorandum (classification excised), "Film by Charles Horman," April 12, 1974. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/>

<sup>30</sup> Nesse contexto a autora adverte que por exploração não se entendia desenvolvimento, mas imperialismo. BRAY, Marjorie Woodford. “The making of Chile: with poems and guns – a personal recollection.” In Latin American Perspectives, volume 20, nº 10, janeiro de 2012.

<sup>31</sup> Complaint for Declaratory and Injunctive Relief and for Damages, p.5. Disponível em: <http://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/19267>

<sup>32</sup> Ibid, p. 10.

## Frank Teruggi <sup>33</sup>



Filho mais velho de uma família de Des Plaines, subúrbio de Chicago, Frank era descendente de italianos e eslovenos – avós paterno e materno –, que imigraram para os Estados Unidos no início do século XX. Seu pai foi tipógrafo e veterano da Segunda Guerra

Mundial, sua mãe, operária.<sup>34</sup>

Numa época em que não havia internet, o jovem costumava a usar o rádio para estabelecer contato com pessoas desconhecidas, promovendo fóruns de discussão. Após o término do Ensino Médio na Notre Dame High School – 1967 –, ganhou uma bolsa de estudos para California Institute of Technology, em Pasadena. A partir daí, conheceu a SDS – Students for a Democratic Society.<sup>35</sup> A SDS é uma das mais consagradas organizações da Nova Esquerda surgida na década de 1960, representando “um desafio moral a uma desigualdade clara que contradizia os próprios valores enfatizados na cultura norte-americana, como a democracia e a igualdade perante à lei.”<sup>36</sup> Através da ação direta, esse núcleo do movimento estudantil aderiu a diferentes pautas como a luta pela integração racial, a demanda por uma reforma universitária e oposição às políticas da Guerra Fria. Por fim, o segmento auto-denomido Weathermen entrou para a clandestinidade, optando pela luta armada.

Data de 1968 o envolvimento de Frank com a CADRE – Chicago Area Draft Resisters<sup>37</sup> – um grupo regional marcadamente contrário à Guerra do Vietnã que organizava demonstrações de protesto, das quais duas contaram com a participação de Frank. A primeira, uma marcha pacífica comemorativa do Hiroshima Day, onde as pessoas se fantasiaram de vítimas de guerra. E a segunda, uma performance teatral em oposição à guerra durante a Convenção Nacional Democrata de Chicago de 1968. Com o objetivo de promover a educação política das pessoas, o grupo encenou um protesto, chamando atenção para o aspecto da violência policial. Nessa ocasião, Frank e outro

<sup>33</sup> Ambas as fotos estão disponíveis no site da Charles Horman Truth Foundation : [http://www.hormantruth.org/ht/bio\\_teruggi](http://www.hormantruth.org/ht/bio_teruggi) e <http://www.hormantruth.org/ht/>

<sup>34</sup> Ver: [http://www.hormantruth.org/ht/bio\\_teruggi](http://www.hormantruth.org/ht/bio_teruggi)

<sup>35</sup> Não há maiores detalhes sobre seu contato com a SDS.

<sup>36</sup> SOUSA, Rodrigo Farias de. “A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Weathermen (1960-1969)”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2007, p. 80.

<sup>37</sup> Para saber mais sobre CADRE, ver: <http://areachicago.org/chicago-area-draft-resisters/>

jovem foram presos acusados de causar tumulto, “atrapalhando a paz”.<sup>38</sup> Um pouco mais tarde, ao ingressar na Universidade da Califórnia, na área da sociologia, Frank ajudou, também, a organizar eventos antiguerra, queimando inclusive o seu cartão de alistamento – draft card.

Identificado à perspectiva da Teologia da Libertação, em 1969 integrou o Chicago Area Group on Latin America – CAGLA . A tarefa dessa organização envolvia a coleta e distribuição de material da imprensa de esquerda norte-americana, contemplando movimentos de luta revolucionária na América Latina. Com esse grupo, protestou contra a reeleição de Nixon.<sup>39</sup>

A sua simpatia aos estudos latino-americanos o teria levado a se vincular à NACLA – National Congress on Latin America. Fundada na década de 1960 por estudantes em Nova York, explica Cecília Azevedo, a NACLA agregava interessados em protestar e interromper as intervenções do governo e empresas dos EUA na América Latina. De acordo com a autora, essa organização assumiu duas dimensões que não eram excludentes. A primeira caracterizava-se por uma postura mais “militante e ativista” no sentido de exigir mudanças em relação às políticas direcionadas para a região. Já a segunda, seguia uma perspectiva mais acadêmica, voltada para a pesquisa, dando origem a NACLA Report on the Americas, um periódico bastante conhecido. Atuando dessa forma, assinala que essa organização foi responsável por reunir diversos segmentos nos Estados Unidos como o religioso, o pacifista, o feminista e o sindical, visando o estabelecimento de redes de contato com militantes latino-americanos.<sup>40</sup>

Um documento desclassificado pelos Estados Unidos constata sua participação como delegado na Conferência Anti-Imperialismo realizada em agosto de 1971, no Colorado sob a organização do CRV – Committee of Returned Volunteers, que reunia ex membros do Corpos da Paz , “os quais defendiam o apoio a Cuba e todos os revolucionários do Terceiro Mundo, se opondo ao ‘Imperialismo e à Opressão’ dos EUA em relação ao estrangeiro.”<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> Ver: [http://www.hormantruth.org/ht/bio\\_teruggi](http://www.hormantruth.org/ht/bio_teruggi)

<sup>39</sup> Ver resolução do Ministro da Corte de Apelações de Santiago, Jorge Zepeda, de 29/11/2011, processo que investiga os homicídios de Charles Horman e Frank Teruggi, p. 25. Disponível em: <http://www.poderjudicial.cl>

<sup>40</sup> AZEVEDO, Cecília. A esquerda americana e o Brasil – 1960-1970. Comunicação apresentada em reunião do Brazilian Studies Association, Brasília, 2010.

<sup>41</sup> “CRV is a national group composed primarily of returned Peace Corps volunteers who espouse support of Cuba and Third World revolutionaries and oppose United States ‘Imperialism and Oppression’ abroad.” FBI, Memorandum (classification unknown), "Frank Teruggi," December 14, 1972. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/>

Frank viajou ao Chile – entre o final de 1971 e início de 1972 – para estudar a realidade do país, inscrevendo-se na faculdade de Economia da Universidade do Chile e no Centro de Estudos da Realidade Nacional da Universidade Católica (CEREN). Em 1973, após o golpe, foi preso em casa na companhia de David Hathaway, também integrante de FIN, com quem dividia moradia. A justificativa pública das autoridades para a sua prisão foi a de que teria desrespeitado o toque de recolher. Assim como no caso de Charles, as investigações sobre Frank iniciaram-se pelos agentes estadunidenses, que consideravam o material de FIN sensível, atividade midiática “subversiva”. No entanto, analisa Thomas Hauser, seu contato com Charles foi superficial e propiciado pelo grupo de amigos que tinham em comum.

Nas lembranças de Andrew Zimbalist, finista como ele,

“Frank era uma espécie de radical oportunista e ele sempre quis estar onde a ação estava (...) quando ouvia sobre alguns protestos estudantis, ele deixava os nossos encontros ou abandonava tudo o que tivesse fazendo e ele estaria no protesto, ele sempre queria estar lá. E quando ele estivesse lá, ele sempre estaria defendendo a prática radical. Eu lembro de uma vez em que ele foi para uma demonstração estudantil e os carabineiros estavam usando balas, balas de borracha, mas não obstante eram balas, e ele teve parte do seu calcanhar atingido numa dessas demonstrações, então, não foi surpresa que ele, de alguma maneira, tivesse sido preso e depois alienado. Os guardas do Estádio Nacional olhavam para ele como um radical.”<sup>42</sup>

Outros documentos desclassificados datados de 1972 reforçaram a ideia de que Frank estaria sendo acompanhado pelo serviço secreto. Uma correspondência sua enviada do Chile para um “dissidente antiguerra” na Alemanha teria sido repassada para a CIA pelos agentes de inteligência alemães. Por consequência, seu endereço foi enviado para o FBI, que se responsabilizou em dar seguimento às investigações.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Quando fala oportunista quer dizer no sentido de aproveitar bem as ocasiões, mas não no tom de desonestidade/malandragem que essa expressão possa remeter. No entanto, é possível imaginar que como estava mais integrado ao universo da CUT no Chile, Andrew não tenha usado essa palavra por acaso. Ela pode esconder uma divergência política entre os dois finistas. Mais próximo da linha do presidente Allende – moderada – é provável que Andrew tenha esboçado uma crítica ao segmento mais radical da UP, com o qual Frank estaria mais identificado. “Frank was something of an opportunistic radical and he always wanted to be where the action was. (...) when he could hear about some student protest he would leave our meetings or leave whatever he was doing and he would be in the protest he would always wanted to be there. And when he was there he would always be advocating radical practice. I remember once he went to a student demonstrations and the carabinieri were using bullets, rubber bullets but none the less they were bullets, and he had part of his heel shot off at one of these demonstration, so it wasn't surprising the he somehow got himself arrested and them alienated. The guards of the national stadium looked upon him as a radical” In: Entrevista realizada com Andrew Zimbalist em 06/12/12, p.2.

<sup>43</sup>PAGE, Janis Teruggi. Did US Intelligence Help Pinochet's Junta Murder My Brother? In: Mother Jones, 22/09/2013, p.4. <http://www.motherjones.com/politics/2013/09/us-intelligence-pinochet-junta-murder> Vale lembrar que esse periódico, uma organização sem fins lucrativos e que se apresenta como independente a qualquer corporação/conglomerado, faz parte de uma longa tradição de dissenso nos Estados Unidos. Ver: <http://www.motherjones.com/about>

## Steven Volk<sup>44</sup>



Na juventude Steven Volk integrou organizações de esquerda bastante conhecidas como a NACLA – National Congress on Latin

America –, onde começou como voluntário em 1969, e a Union of Radical Latin Americanists, da qual foi membro fundador em 1970. A principal motivação para a criação dessa última foi a crítica à persistência da vinculação entre especialistas em América Latina, o Pentágono e as corporações herdadas do governo Kennedy. Esse grupo passou a publicar a revista acadêmica, ainda hoje existente, *Latin American Perspectives*. Como organização, a URLA nasceu de um protesto no interior da LASA – Latin American Studies Association. Uma geração mais jovem de pesquisadores rompeu com a LASA por reivindicar um espaço mais aberto à discussão e participação, acusando a sua direção de exercer um “controle elitista sobre as atividades”.<sup>45</sup>

Na década de 1970, estava no Chile concluindo a sua pesquisa de Doutorado. Ao se deparar com a falta de acesso dos estudantes chilenos a estudos sobre a América Latina e os Estados Unidos, se movimentou para levar à biblioteca da Universidade do Chile títulos que contemplassem as realidades política e econômica citadas. Após o golpe, permaneceu cerca de um mês e meio no Chile e conta que “Por muitas semanas (...)” levou “uma pasta para a livraria da Universidade do Chile todo o dia (...)”, retirando “os livros, um por um, para que o governo não os destruísse.”<sup>46</sup> Foi Steven quem foi convocado para fazer o reconhecimento do corpo de Frank Teruggi.

Foi apontado por Andrew Zimbalist – outro membro de FIN – como o líder do grupo. Steven é atualmente professor de História da América Latina na Oberling

<sup>44</sup> A primeira foto é datada de 1973 e pode ser encontrada num perfil localizado na página da Universidade onde atua como professor: [http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven\\_volk\\_profile.html](http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven_volk_profile.html). A mais recente está disponível em: <http://web.gc.cuny.edu/dept/bildn/events/2013.09.10.shtml>. Ela registra a participação de Steven no evento *Forty Years Since de Chilean Coup: Screening of Missing followed by a discussion* realizado em 10 setembro de 2013 no Bildner Center for Western Hemisphere Studies.

<sup>45</sup> Ver: <http://lap.sagepub.com/content/40/6/11.extract>

<sup>46</sup> “For several weeks, I took a briefcase into the University of Chile's library every day and removed books one by one so that the government wouldn't destroy them.” In: [http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven\\_volk\\_profile.html](http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven_volk_profile.html), p. 2.

College e desde 1973 integra, como membro efetivo, a equipe da NACLA, tomando assento, a partir de 1984, no Conselho Editorial.<sup>47</sup>

### Mishy Lesser<sup>48</sup>



Durante o período da faculdade, Mishy foi estudante do “Friends World College”, uma Universidade em Nova York de tradição quaker que oferecia uma proposta de “cidadania global, aprendizado pela experiência e estudo independente.”<sup>49</sup> Quaker é a denominação para uma corrente religiosa de base cristã, nascida na Inglaterra no século XVII, visando resgatar os valores do cristianismo primitivo, comunitário. Dispensando hierarquias e rituais, prega “uma doutrina igualitária e universalista, defendendo que todos, desde o nascimento, dispunham de uma “luz interna”, ou de outro modo, que o Espírito Santo habitava cada um e todos os viventes.”<sup>50</sup> Esse grupo de refugiados religiosos, historicamente associado ao dissenso político, atuou nos Estados Unidos em causas como luta contra a escravidão, movimento pelos direitos civis, oposição a Guerra do Vietnã, a luta pelos direitos das mulheres e pelos direitos humanos. Na década de 1980, por exemplo, os quakers estiveram a frente do Movimento em Solidariedade à América Central. Pregando, sobretudo a não-violência, acreditam no engajamento político como instrumento para a transformação da sociedade. Nessa lógica, o ativismo é entendido como parte integrante da sua religião, verdadeira demonstração de fé.

Como fazia parte da filosofia da instituição, depois de concluído o primeiro ano, Mishy deveria escolher outro lugar para seguir seus estudos. Seu destino inicial foi o México, mais exatamente Cuernavaca. Ela destaca que sua opção pela América Latina e

<sup>47</sup> Embora tenha respondido a alguns e-mails, Steven não preencheu o questionário como foi solicitado.

<sup>48</sup> As fotos foram retiradas dos seguintes endereços: <http://www.pri.org/theworld/?q=node/20840> e [http://mishylessner.com/About\\_Us.html](http://mishylessner.com/About_Us.html)

<sup>49</sup> Ver: <http://www.liu.edu/Global/About/History>

<sup>50</sup> AZEVEDO, Cecília. “Um quaker desafia a América de Reagan: Jim Corbett e o movimento do Santuário” Comunicação apresentada na ANPHLAC em São Paulo, julho de 2012. Ver também: [http://www.bbc.co.uk/religion/religions/christianity/subdivisions/quakers\\_1.shtml](http://www.bbc.co.uk/religion/religions/christianity/subdivisions/quakers_1.shtml)

o despertar de seu interesse foram movidos pela inquietação: “Por que parece que tantas pessoas odeiam o meu país?” De algum lugar dentro de si, afirma, obteria, na região escolhida, a resposta para a pergunta. Tentando dar um sentido exato para a decisão pela América Latina ela relembra vagamente uma atividade escolar e uma disciplina no Ensino Médio sobre História e questões sociais da América Latina, que a impressionaram bastante. Foi no México, em janeiro de 1971, que ela soube da eleição de Allende. Mishy ficou entusiasmada e pediu autorização da faculdade para viajar ao Chile, lá chegando em junho do mesmo ano.<sup>51</sup>

Vivendo no Chile, entrou em contato com grupos comunitários, envolvendo-se com a questão urbana, especialmente o Acampamento Nueva la Habana, localizado em Santiago. Foram dois anos acompanhando a organização daquela população para a promoção de saúde, melhores condições de moradia e elaboração de um currículo educacional diferenciado. O Acampamento Nueva La Habana durante o governo da Unidade Popular acolheu 1.500 famílias, totalizando cerca de 9.000 pessoas, em sua maioria jovens provenientes de todos os cantos de Santiago. Segundo Boris Cofré Schmeisser, apesar de estar alinhado às propostas de Allende e ter como o seu condutor o MIR, Nueva La Habana não significou simplesmente um quadro de eleitores ou de defensores da luta armada.<sup>52</sup> Na sua avaliação, trilhou um caminho peculiar, independente, exercendo pressão no Estado para alcançar as demandas populares, privilegiando a dimensão coletiva da experiência.<sup>53</sup>

Assim que soube do golpe, Mishy deixou seu apartamento amedrontada e dirigiu-se para Nueva la Habana. Antes, porém, narra que pediu aos vizinhos que

---

<sup>51</sup> Essas informações foram obtidas com a própria Mishy através do preenchimento de um questionário enviado por e-mail.

<sup>52</sup> Apesar do MIR não ter composto a plataforma de esquerda que lançou a candidatura de Salvador Allende, Miguel Enríques definiu a relação entre o MIR e o presidente como uma “aliança informal de apoio crítico.” É preciso notar que dentro da própria coligação de esquerda os partidos apresentavam visões divergentes a respeito do ritmo que deveria reger a passagem ao socialismo. Enquanto o PC defendia um movimento de transição por etapas, confirmando a permanência do Estado democrático, o PS era mais radical, negava o conceito de revolução gradual e afirmava a necessidade de destruição do Estado vigente e a configuração de um Estado paralelo que desse início imediato ao socialismo. O MIR se aproximava da perspectiva do PS, embora, como seu nome ressaltava, fosse uma força da esquerda independente, já que alertava para a legitimidade de um movimento armado. Integrando a chamada esquerda “rupturista”, o MIR potencializou as ações revolucionárias vindas de baixo, como por exemplo, a organização das “tomas”. Desobrigando-se a atender as especificações legais que guiavam o governo no processo de desapropriação dos terrenos ou fábricas, acabou acelerando a efetivação das transformações previstas por Allende. Ver: El MIR y Allende. Punto Final, edição 665, 26 de junho de 2008. Disponível em <http://www.puntofinal.cl/665/mir.php>.

<sup>53</sup> Para saber mais: SCHMEISSER, Boris Cofré. Historia de los pobladores del campamento Nueva la Habana durante la Unidad Popular (1970-1973). Monografía (Graduação). Universidade ARCIS, Escuela de Historia y Ciencias Sociales, 2007.

abrigassem sua amiga de quarto, a quem classificou como afro-brasileira. Argumentou que, sendo negra, ela seria associada imediatamente a uma militante de Cuba ou a uma exilada do Brasil, o que a transformaria numa prisioneira em potencial.

No acampamento, Mishy passou quatro noites sendo acolhida por famílias diferentes. Lembra-se dos helicópteros que sobrevoavam a cidade à noite, incentivando as pessoas, por meio de mensagens escritas em folhetos ou através de comunicações de rádio, a entregar aqueles que fossem favoráveis a Allende, além de estrangeiros, cuja intenção, de acordo com os militares, seria a de matar os chilenos.<sup>54</sup> Seus amigos do acampamento intercederam a seu favor, pedindo ao médico<sup>55</sup> que trabalhava no posto de saúde de Nueva La Habana para levá-la a um local mais seguro. O médico a abrigou em sua casa, localizada numa área de classe média de Santiago. Passados alguns dias, seu namorado chileno<sup>56</sup> também ficou hospedado na casa onde se escondia.

A essa altura, conta que estava com seu visto de estudante expirado. Reconhecia que precisava sair do país, mas sabia do risco que corria caso fosse questionada pela polícia acerca das atividades no grupo FIN e no acampamento. Com a ajuda de um amigo que se candidatava a uma vaga de doutorado numa Universidade dos Estados Unidos, elaborou uma carta falsa, atestando ser uma doutoranda de História no Chile. A carta foi validada, ainda, por um funcionário da Embaixada dos EUA. Além disso, com a ajuda do médico que a recebeu, conseguiu de um carabineiro aposentado um pedido por escrito para que deixasse o Chile em segurança.

Mishy possui doutoramento em Educação pela Universidade de Massachusetts – Amherst. Atualmente é consultora nessa área, possuindo experiência em trabalhos direcionados para a juventude. Seu site descreve seu trabalho como sendo caracterizado por “cultivar jovens líderes emergentes, desenvolvendo suas habilidades sociais e redes de relacionamento para o controle/domínio pessoal e a transformação social.”<sup>57</sup> O seu

---

<sup>54</sup> LESSER, MISHY. *The Journey Back and Forward: journalistic notes and blog postings for a public radio documentary*, 2008, p. 4. Disponível em: [http://www.mishylessor.com/Home\\_Page.html](http://www.mishylessor.com/Home_Page.html)

<sup>55</sup> Durante a ditadura, o médico e sua esposa, Carmencita, foram presos por seis meses e passaram pelo centro de tortura de Villa Grimaldi por duas semanas. Ao que parece, foram denunciados pelos vizinhos para a polícia. Seus filhos foram entregues aos cuidados dos avós. De alguma forma, Mishy se sente culpada pelo que aconteceu com a família, acreditando que o casal tenha “pago caro” pela ajuda que ofereceu a ela. Quando questionada por Mishy sobre a motivação para ter lhe dado proteção naqueles dias, Carmencita, sem entrar em detalhes políticos-ideológicos, explicou simplesmente que “eles não poderiam imaginar o que deveria ter sido pego num país que não é o seu, incapaz de sair e ir para casa.” Mishy complementa afirmando “Eles queriam me ajudar a me reunir com meus pais.”

<sup>56</sup> Chico, namorado chileno de Mishy, foi preso em 1976, torturado e morto. Antes disso, no período em que foi abrigado pela família do médico do acampamento, conseguiu escapar de uma tentativa de prisão.

<sup>57</sup> Disponível em: [http://www.mishylessor.com/Home\\_Page.html](http://www.mishylessor.com/Home_Page.html)

mais recente trabalho chama-se *Coexist*. Trata-se de um documentário de 2010 centrado no genocídio ocorrido em Ruanda em 1994, voltado para o público escolar.

### **Andrew Zimbalist**<sup>58</sup>



Andrew Zimbalist se apresentou como tendo sido um estudante militante do movimento anti-guerra e membro de um grupo de economistas progressistas conhecido como URPE (Union for Radical Political Economics), uma organização fundada em 1968, cuja principal intenção era o estudo e a promoção de debates interdisciplinares. Crítica do sistema capitalista, a URPE pensava e defendia políticas sociais progressistas que pusessem fim a formas de opressão e exploração. Daí, o apego à alternativa socialista.<sup>59</sup>

Ele esteve no Chile em duas oportunidades. A primeira por três meses em 1971, antes de voltar para os Estados Unidos a fim de terminar os estudos em Harvard. No Chile pela segunda vez, a partir de agosto de 1972, trabalhou na CUT com um grupo de funcionários, enquanto se dedicava a sua tese de doutorado. Durante essa experiência, realizou, em parceria com Juan Espinosa, uma investigação sobre a participação dos trabalhadores nas fábricas que estavam sendo apropriadas pela população em consonância com o processo de nacionalização iniciado pelo governo.<sup>60</sup> O seu objetivo era analisar o processo em curso e seus resultados, as consequências da atuação e gestão dos trabalhadores.<sup>61</sup> Por isso, esteve em contato direto com operários, citando, especialmente, uma fábrica Têxtil na cidade portuária Tomé, localizada na província de BíoBío, chamada Bela Vista Tomé, que de acordo com a sua observação possuía uma liderança bastante radical.

<sup>58</sup> A fotografia foi retirada do seu perfil profissional disponível em: <http://sophia.smith.edu/~azimbali/>

<sup>59</sup> Ver: <http://www.urpe.org/about/abouthome.html>. As informações obtidas sobre ele foram fruto de uma entrevista realizada em 06/12/2012 no Rio de Janeiro. O encontro foi proposto por David Hathaway, outro integrante de FIN, pois naquele momento Zimbalist visitava o Brasil para participar de uma conferência sobre Eventos Esportivos na PUC.

<sup>60</sup> Para mais informações, consultar: BORGES, Elisa de Campos. "Con la UP ahora somos gobierno! Experiencia dos Cordones Industriales no Chile de Allende." Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, 2011.

<sup>61</sup> A pesquisa resultou no livro: ESPINOSA, Juan G. e ZIMBALIST, Andrew. *Democracia económica: la participación de los trabajadores em la industria chilena, 1970-1973*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

Andrew permaneceu no Chile até o dia 07/09/1973, portanto 4 dias antes do golpe. Afirma que deixou o Chile de avião, assim que foi aconselhado por Sérgio Bitar, Ministro da Mineração do Chile, para sair do país o quanto antes.

Hoje em dia, é professor de Economia na Smith College, especialista em economia do setor esportivo.

### **Outros Finistas<sup>62</sup>**

David Hathaway foi preso em companhia de Teruggi e também levado ao Estádio Nacional. Contudo, diferentemente do amigo, foi solto dias depois e autorizado a retornar para os Estados Unidos. Desde a década de 1980 vive no Brasil, trabalhando com tradução. Tive contato com ele em duas situações: a primeira por telefone, a segunda por e-mail. Embora não tenha respondido ao questionário, base para uma futura entrevista, foi ele que intermediou a minha entrevista com Andrew. David possui um blog, cujos assuntos estão principalmente voltados para a temática do meio ambiente. Não foi encontrada, nesse endereço virtual, nenhuma referência que remetesse à experiência chilena.<sup>63</sup>

A respeito de Jill Hamberg consegui apurar, apenas, que possui doutorado em Planejamento Urbano pela Universidade de Columbia, sendo professora de estudos urbanos e latino-americanos na Empire State College, em Nova York. Também não consta em nota/ perfil profissional qualquer referência sobre as atividades no grupo FIN, em particular, ou ao período vivido no Chile.

---

<sup>62</sup> Somente após a defesa encontrei o nome de outros integrantes do grupo FIN. São eles: Kathy Fitzgerald; Susan Rabinovitz; Jack Spence; Kyle Steenland; Jon Lepie; Dinah Volk e Ruth Needleman. A identificação foi registrada no programa do Evento “Tributo à Justiça, lembrando 40 anos”, organizado pela Charles Horman Truth Foundation. Como ressalta o documento, outros participantes desejaram permanecer anônimos. Disponível em: <http://www.hormantruth.org/ht/sites/default/files/files/2013Tribute/TTJprogramFinalHiRes.pdf>

<sup>63</sup> Ver: <http://davidlhathaway.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-02:00&max-results=1>

## **A experiência chilena**

Rejeitando uma explicação que possa apontar para uma mera confluência do destino, essa pesquisa parte do pressuposto de que esses estrangeiros não se detiveram a observar, simplesmente, o regime implementado por Allende. Através da inserção individual e específica de cada um dos integrantes do boletim FIN em diferentes setores da sociedade chilena, ocuparam um lugar no processo de transformação para o socialismo, estabeleceram contato com organizações locais, manifestando apoio à plataforma da esquerda chilena e legitimando a agenda política da nova administração. A esse respeito, Mishy Lesser ressalta que quanto mais se dedicava às atividades e residentes chilenos, menos tempo disponibilizava para as atividades do grupo FIN.<sup>64</sup>

Aparentemente unida, a esquerda chilena chegou ao poder com 36,3% dos votos. Personificada na figura de Salvador Allende, apresentou um programa que previa um conjunto de mudanças econômicas, políticas e culturais para a construção de um novo Chile. Em documento oficial aprovado em 1969, a Unidade Popular<sup>65</sup> detalhou seus objetivos de governo criticando a elite latifundiária e rechaçando veementemente a dependência do país ao capital estrangeiro. Exatamente para se livrar da dominação imperialista e superar o quadro de injustiça social no qual a população chilena estava imersa, a UP concebeu, dentre outros, três mecanismos importantes para a condução do Chile ao socialismo. Foram eles: 1. Área de Propriedade Social (APS): estratégia lançada pelo Estado para a progressiva aquisição do controle dos meios de produção. O desenvolvimento econômico seria estimulado pela nacionalização de empresas e monopólios. Dentro dessa categoria se encaixaram, por exemplo, o setor explorador de minérios como o cobre e o sistema bancário; 2. Reforma Agrária: expropriação de terras que ultrapassassem um limite determinado, assim como daquelas em situação de abandono ou exploração deficiente/improdutivas. Depois de expropriadas essas propriedades seriam distribuídas aos camponeses, sobretudo, em forma de cooperativa em detrimento da posse individualizada, opção que fora privilegiada pelo governo anterior, o de Eduardo Frei; 3. Poder Popular: mudança na estrutura política que contemplasse a demanda pela participação da população nas tomadas de decisões. Em

---

<sup>64</sup> “I lived in Chile for over two years and dedicated less time to FIN as I became more involved with Chilean activists and residentes of na urban shantytown on the perimeter of Santiago.” Informações obtidas através de um questionário respondido por Mishy em 30/04/2012 por e-mail, p.3.

<sup>65</sup> A Unidade Popular foi uma coalizão da esquerda chilena integrada pelos Partidos Socialista, Comunista, o Social Democrata, Radical, o Movimento Ação Popular independente (API) e o Movimento Ação Popular Unitária (MAPU)

síntese, o governo popular visava o combate ao “centralismo burocrático”<sup>66</sup>, promulgação de uma nova Constituição e instituição de uma Câmara Única, onde se expressariam e integrariam as diferentes tendências, já que o programa negava a extinção de partidos políticos, afirmando a possibilidade de uma oposição.

Evidenciando baixos indicadores de desenvolvimento econômico e qualidade de vida da população chilena, os finistas denunciaram as estruturas política e econômica desiguais que vigoravam antes do governo Allende, notando, em especial, a responsabilidade das empresas dos Estados Unidos pela situação lamentável do país até 1970.

“Quando a UP assumiu a presidência 40% dos chilenos sofriam de desnutrição. Um pouco antes disso, 68% dos trabalhadores da nação ganhavam menos do que era oficialmente definido como salário de subsistência; outro grande número de pessoas estava vivendo ligeiramente acima da linha da pobreza. E enquanto o sistema permitia a milhões de chilenos viverem sob essas condições, autorizava estrangeiros a drenarem grande quantidade da riqueza natural nacional. Sozinhas, nos últimos 60 anos, as companhias dos Estados Unidos exploradoras de cobre, operando no Chile, lucraram o equivalente à metade do valor dos ativos da nação acumulados por um período de 400 anos. O pouco que restou da riqueza do país tradicionalmente tem-se concentrado nas mãos de poucos privilegiados.”<sup>67</sup>

Remetendo-se ao discurso de Allende, que afirmava como “missão estabelecer um projeto social para o homem”, Sergio Bitar avalia que o “Programa da UP não representava um esquema reformista a mais, nem também uma tentativa utópica de alterar radicalmente a correlação de força existente”<sup>68</sup>. Marcando, então, um divisor de águas na História chilena, Allende elaborou uma via ao socialismo com características e identidade próprias, que, considerando as especificidades daquela realidade, incluiu e

---

<sup>66</sup> O Programa da Unidade Popular previa a integração das organizações populares à administração, com a possibilidade de participação ativa, de partilha do poder, seja no processo de tomada de decisões, seja no trabalho de fiscalização. Na interpretação da UP, os chilenos estavam alheios ao exercício do poder, porque a burguesia monopolista era quem dava o rumo da política no Chile. Sendo assim, a esfera política estava sob o controle de poucos.

<sup>67</sup> “When the UP took office, 40% of Chileans suffered from malnutrition. Shortly before this, 68% of the nation’s workers were earning less than what was officially defined as a subsistence wage; another large number of people were living slightly above what we would call the poverty level, And while allowing millions of Chileans to live under such conditions, this system permitted foreigners to drain off vast quantities of the nation’s natural wealth. In the past 60 years alone, the U. S. copper companies operating in Chile have taken home profits equivalent to half the value of all the nation’s assets, accumulated over a period of 400 years. What little remains of the country’s wealth has traditionally been concentrated in the hands of a privileged few. In: Fuente de Información Norte-Americana, nº9. Julho de 1973, p.3. Ratificando essa avaliação e explicitando o abismo social e a alta concentração de renda no Chile, Sergio Bitar mostra que, em 1967, enquanto 10% dos mais pobres compartilhavam apenas 1,5 da riqueza do país, os 10% mais ricos ficavam com 40,2%. In: Transição, Socialismo e Democracia: Chile com Allende. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 35.

<sup>68</sup> BITAR, Sergio. Transição, Socialismo e Democracia: Chile com Allende. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 25.

aprofundasse uma experiência democrática, viabilizando as reformas pretendidas. O apego desse socialismo à natureza democrática fez crescer o significado daquele projeto político, provocando otimismo entre militantes e simpatizantes do socialismo por todo o mundo. Como outros jovens, Mishy se disse atraída “pelo entusiasmo colossal, energia criativa e profundo engajamento do povo chileno.”<sup>69</sup> No mesmo tom, Steven explicou a opção pelo Chile “porque parecia um bom lugar para realizar a minha pesquisa e porque me deu a chance de não apenas estudar a história, mas vivê-la”<sup>70</sup> Vale lembrar, ainda, que o Chile, último país da América do Sul a cair em regime ditatorial, recebeu inúmeros exilados políticos vindos de países vizinhos. Nesse contexto, o destino escolhido pelos finistas possuía uma importância simbólica que transcendia as fronteiras chilenas, canalizando as esperanças de amplos segmentos da esquerda mundial. Na verdade, o Chile daquela década ganhou status de laboratório para aqueles que sonhavam ou tinham curiosidade em relação à realidade socialista. E não foi diferente para os integrantes do grupo FIN.

Joyce, esposa de Charles, qualificou o Chile de Allende como um paraíso se comparado aos outros países latino-americanos visitados por eles, certamente aludindo às condições de vida da população que melhoraram significativamente a partir do seu governo. Ambos ficaram impressionados com o Chile que estavam conhecendo, um mundo diferente que serviu de inspiração a Charles, um mundo “onde os cuidados médicos eram gratuitos e cada criança recebia meio litro de leite por dia. Fomos para Santiago e Charles disse: Este é o lugar em que posso escrever. É aqui que quero ficar.”<sup>71</sup> Mishy corrobora essa visão, descrevendo uma atmosfera positiva: “(...) chegamos a provar um novo mundo onde as pessoas são tratadas com mais respeito e dignidade(...)”<sup>72</sup>

De fato, os índices econômico-sociais obtidos no primeiro ano de governo revelaram bons resultados.

“Do ponto de vista do crescimento econômico, o produto interno bruto atingiu em 1971 a marca histórica de 7,7% ( o crescimento anual era em média de 4%). Quanto à redistribuição da renda, a participação dos assalariados cresceu de 52,8%, em 1970, para 61,7% ,em 1971. A taxa de desemprego foi reduzida, com a grande Santiago registrando apenas 3,8%. O ritmo inflacionário também

<sup>69</sup> LESSER, MISHY. The Journey Back and Forward: journalistic notes and blog postings for a public radio documentar, 2008, p. 3. Disponível em: <http://www.mishylesser.com/>

<sup>70</sup> Ver: [http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven\\_volk\\_profile.html](http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven_volk_profile.html), p. 1.

<sup>71</sup> HAUSER, Thomas. Desaparecido: um grande mistério (Missing) Rio de Janeiro: Editora Record, 1978, p. 41.

<sup>72</sup> Questionário, p. 4.

diminuiu em 1971, apresentando uma inflação de 22%, menor do que os 34,9% de 1970.”<sup>73</sup>

Contudo, não foi possível sustentar esse desempenho. E os Estados Unidos figuraram como um dos principais agentes a contribuir para a polarização política e instabilidade econômica do Chile na era Allende. Já em 1972 a Revista NACLA publicou memorandos que revelavam uma cooperação entre o governo e uma multinacional estadunidense – nesse caso, a International Telephone and Telegraph (ITT)<sup>74</sup> – a fim de resguardar os interesses comerciais corporativos no país, que estariam em risco devido às pretensões de um governo socialista. Representantes da ITT manifestavam “profunda preocupação com a situação no Chile, não só do ponto de vista do (...) investimento pesado, mas também por conta da ameaça para todo o hemisfério.”<sup>75</sup> A empresa, que nos Estados Unidos já havia financiado ilegalmente a campanha de Nixon à presidência, se comprometeu a disponibilizar dinheiro para retirar Allende da cena política chilena<sup>76</sup>. As investigações realizadas pela Comissão Church, finalizadas em 1975, destacaram que a ITT investiu “250 mil dólares no comando eleitoral direitista e outros 100 mil dólares diretamente no Partido Nacional”<sup>77</sup> para garantir que o candidato Alessandri saísse vitorioso das eleições presidenciais chilenas de 1970.

Para além de uma ação isolada, verificou-se que o início das ações encobertas dos Estados Unidos direcionadas ao Chile datava da década de 1960, por ocasião das eleições presidenciais de 1964. Já nessa época, a CIA impulsionou financeiramente a campanha do candidato Eduardo Frei Montalva, representante do Partido Demócrata Cristão (DC). Tendo como objetivo atacar a candidatura de esquerda, foi lançada uma verdadeira campanha de terror através da propaganda negativa nos meios de comunicação para difundir um sentimento de medo em relação ao adversário, Salvador Allende. Sua imagem foi recorrentemente associada à máquina de guerra soviética e à

---

<sup>73</sup> AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993, p.119.

<sup>74</sup> Os laços entre a empresa e o governo se tornaram mais estreitos, já que John McCone, que naquela época trabalhava para a ITT, havia ocupado anteriormente um cargo de direção da CIA.

<sup>75</sup> In a memo dated September 14, J.D. Neal, an ITT operative in Chile, wrote that he had spoken with "Pete" Vaky, the State Department's Latin American advisor to Henry Kissinger: "I told him of Mr. Geneen's deep concern about the Chile situation, not only from the standpoint of our heavy investment, but also because of the threat to the entire hemisphere. Secret Memos from ITT. NACLA Report on the Americas, vol VI, n.º.4, abril, 1972

<sup>76</sup> ZINN, Howard. "The Seventies: under control?" In: *The Twentieth Century: a People's History*. Harper Perennial, 1992, pp. 304 e 310.

<sup>77</sup> VERDUGO, Patrícia. *Chile, 1973: Como os Estados Unidos derrubaram Allende*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 34.

violência do governo cubano, insinuando uma vinculação direta entre eles. Toda essa estratégia se repetiu em 1970, dessa vez, no entanto, não foi suficiente.

Em resposta à vitória de Allende, Nixon, tendo como secretário de Estado Henry Kissinger, agiu, em primeiro lugar, para impedir a sua posse e, posteriormente, para minar o seu governo. Para tanto, foi concebido o projeto Fubelt ( Cinturão para o Chile), um plano de ação dividido em dois setores: Track I e Track II. O primeiro, sob o comando do embaixador Korry, agia sob o aval do Departamento de Estado no campo político, encaminhando resoluções econômicas e de propaganda. Já o segundo tinha como responsável o diretor da CIA, Richard Helms, com autorização para se valer de ações criminosas a fim de alcançar as metas definidas. Sua linha de atuação previa, inclusive, arregimentação das forças militares chilenas em oposição a Allende.

Os Estados Unidos, ao longo desses anos, costuraram uma extensa rede de colaboradores, sempre compensados financeiramente. Orlando Sáenz – presidente da Associação de Fomento Fabril no Chile – atuou como intermediário dos pagamentos e nomeou os setores chilenos beneficiados

“Depositava-se, em dólares, em cinco contas que tínhamos na Europa, Estados Unidos e América Latina. Dinheiro da CIA? Da ITT ou de outras empresas multinacionais? Esse não era nosso problema. Só sabíamos que era preciso dispor de muito dinheiro para criar as condições de um golpe militar. (...) As cinco contas eram bi-pessoais. Eu era o fator comum das cinco. Para apoiar os caminhoneiros em sua greve, entreguei dinheiro ao dirigente León Vilarín e alguns mais. Para apoiar o movimento Pátria y Libertad, dei quantias a Pablo Rodríguez. No caso do Partido Nacional, o intermediário era o senador Pedro Ibañez. No Partido Demócrata Cristão, Felipe Amunátegui. Também passei dinheiro ao Movimento Gremialista, através de Jaime Guzmán.”<sup>78</sup>

Essencialmente anti-comunista, a política externa dos Estados Unidos pareceu não medir esforços para deter as transformações propostas pela administração Allende. Mesmo sem saber de todos os detalhes sobre a atuação estadunidense, o grupo FIN se apresentava como um instrumento para a tomada de consciência e para o intercâmbio entre aqueles que lutavam nos dois países para superar as estruturas econômicas e

---

<sup>78</sup> Ibid, p. 81. Sem retirar a responsabilidade dos Estados Unidos, esse trecho nos permite pensar que o país só obteve sucesso, porque encontrou no seio da sociedade chilena setores igualmente interessados em frear a experiência da via democrática ao socialismo. Nesse sentido, não seria prudente analisar isoladamente a intervenção e a participação dos atores estadunidenses. Seguindo essa perspectiva, Alberto Aggio representa uma corrente historiográfica que, para além de constatar a derrota, enxerga também o fracasso, pois verifica divergências políticas dentro da própria esquerda chilena que contribuíram para a instabilidade do governo Allende. Para saber mais sobre o papel desempenhado pelos agentes chilenos no contexto de crise do governo Allende, ver: AGGIO, Alberto. Democracia e Socialismo: a experiência chilena. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

políticas do capitalismo. Falando diretamente ao público norte-americano, advertiu “(...) nós deveríamos saber o papel desempenhado pelo nosso governo nos eventos que atualmente se desenvolvem no Chile. E deveríamos nos opor a toda e qualquer ação lançada pelos EUA contra o povo Chileno”<sup>79</sup> Mishy complementa assegurando:

“Nós estávamos profundamente perturbados pelo comportamento do nosso país no cenário mundial (a guerra no Vietnã estava ascendendo enquanto estávamos no Chile e já existia um profundo histórico intervencionista dos Estados Unidos em relação à América Latina em termos de soberania e do direito de autodeterminação) e nós queríamos usar o nosso privilégio como ativistas e estudantes norte-americanos com acesso à informação sobre a política externa dos Estados Unidos para ajudar o povo chileno na medida em que lutava para proteger a sua democracia da interferência dos EUA.”<sup>80</sup>

O finista Steven Volk faz menção à percepção de que a Embaixada dos Estados Unidos em Santiago não aprovava o trabalho de FIN, colocando-o sob monitoramento. Ele conta que assim que o grupo se instalou num endereço fixo e tentou utilizar o telefone do escritório, ao invés de ouvir o sinal de discagem, a linha estabeleceu contato direto com a Embaixada.<sup>81</sup> O depoimento de Richard Fagen – professor da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais corrobora a ideia de que a Embaixada via com maus olhos o comportamento de norte-americanos que não partilhassem do posicionamento oficial do governo.

“Em Santiago – recorda Fagen – conheci diversos jovens americanos que estavam vivendo e trabalhando na cidade, favoráveis à experiência de Allende, em diversos graus. Não estava em Santiago há muito tempo quando percebi claramente que a hostilidade manifesta da Embaixada Americana contra o governo Allende se estendia aos membros da comunidade americana que eram conhecidos por cooperar, simpatizar ou mesmo manter uma posição neutra em relação ao regime. Palavras como “traidores” e “comunas” eram usadas comumente em referência a muitos dos meus amigos e conhecidos americanos.”<sup>82</sup>

<sup>79</sup> Fuente de Información Norte-Americana, nº9. Julho de 1973, p. 23.

<sup>80</sup> Questionário, p. 2. Cabe notar que se trata de uma fala de 2012, portanto posterior à experiência. De 1970-1973 a interferência dos Estados Unidos não foi conhecida detalhadamente, não representou lugar comum para a maioria dos chilenos, tampouco para estadunidenses, apesar das denúncias de 1972 e as suspeitas de envolvimento da CIA no assassinato do general René Schneider. Esse grupo se diferenciava, justamente por estar em contato com algumas informações a mais, podendo elaborar uma visão mais esclarecida do que acontecia. Contudo não possuía em mãos os detalhes revelados pela Comissão Church, datada de 1975.

<sup>81</sup> VOLK, Steve. “Judgment Day in Chile” In: NACLA Report on the Americas. Open Forum, vol. 36, nº1, julho/agosto 2002.

<sup>82</sup> HAUSER, Thomas. Desaparecido: um grande mistério (Missing) Rio de Janeiro: Editora Record, 1978, p. 231.

Frank Teruggi, por sua vez, ao não ter algumas de suas cartas endereçadas à família nos Estados Unidos entregues, supôs que estivesse sendo vigiado. “Talvez, o FBI esteja interceptando a minha correspondência”, ele imaginou. Citando o escândalo Watergate, ainda advertiu: “Quando você receber chamadas de pessoas querendo o meu endereço, diga a eles que você não tem. Essa é apenas uma razoável precaução no caso de alguma agência começar a verificação a respeito de pessoas no Chile.”<sup>83</sup>

Do ponto de vista chileno, Andrew narra um episódio de desconfiança em relação ao seu trabalho de entrevistador dos trabalhadores nas fábricas.

“(...) meu amigo de trabalho, ele sempre me apresentava como ‘companheiro russo’, que foi o que me facilitou em fazer todo o trabalho. Um dia depois de fazermos a entrevista, nós lemos o jornal do dia e havia uma entrevista com o líder do sindicato daquela fábrica e ele estava se referindo a mim/me apresentando, dizendo que havia um grupo por perto fingindo ser da CUT, mas eles eram infiltrados pela CIA e eles estavam introduzindo o sujeito como ‘companheiro russo’. Então, isso foi uma chamada de alerta /prevenção para as outras fábricas.”<sup>84</sup>

Margaret Power chama atenção para o fato de que enquanto Allende se tornava presidente no Chile, os norte-americanos participavam de marchas, manifestando a sua oposição ao conflito do Vietnã.<sup>85</sup> A partir do fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, verificou-se nos movimentos de massa e protestos nos Estados Unidos uma tendência cada vez maior à adoção de linguagem e análise marxista, sobretudo, entre aqueles relacionados à questão racial e em oposição a Guerra do Vietnã. Para Max Elbaum<sup>86</sup>, dois assassinatos em 1968 teriam contribuído para o aparecimento de uma sensação de frustração, favorecendo, em seguida, a radicalização dos movimentos sociais: o de Martin Luther King, líder do setor do movimento negro que pregava a não violência e o assassinato do candidato à presidência Robert Kennedy, que havia se manifestado publicamente contrário ao Vietnã e preocupado com as camadas da sociedade menos

<sup>83</sup> PAGE, Janis Teruggi. Did US Intelligence Help Pinochet's Junta Murder My Brother? In: Mother Jones, 22/09/2013, p.1. “Perhaps the FBI is intercepting my mail. (...) When you get calls from people wanting my address, tell them you don’t have it. This is just a reasonable precaution in case some agency stars checking up on people in Chile.”

<sup>84</sup> (...) my co-worker... he was always introduce me as ‘compañero ruso’ that was why I get away with my doing all this work. One day after we did the interview we read the paper the next day and there was an interview with the trade union leader of that factory and the trade union leader was announcing me saying that there was a team around pretending to be that CUT, but they were infiltrated by the CIA and they wevr introducing the guy as ‘el compañero ruso’. So this was a warning call for the other factories. We worked out.” Entrevista, p. 4

<sup>85</sup> POWER, Margaret. “The U.S. Movement in Solidarity with Chile in the 1970s” In: Latin American Perspectives, volume 36, n°6, novembro, 2009.

<sup>86</sup> ELBAUM, Max. 1968: U.S. Radicalism Explodes and Transforms. Disponível em: <http://www.revolutionintheair.com/histstrategy/USA1968.html>

favorecidas. Vale destacar que a morte de Luther King abriu espaço para o fortalecimento do movimento nacionalista negro. A esse respeito, Stokely Carmichael, um dos líderes do Partido Pantera Negra se pronunciou “Quando a América branca matou Dr. King, ela declarou guerra à América negra e não poderia haver outra alternativa em retribuição (...) os Negros têm que sobreviver e a única maneira de sobreviverem é pegando em armas”<sup>87</sup>

Na Universidade de Columbia, em Nova York, os estudantes organizaram protestos tanto em oposição às políticas institucionais, racistas e curriculares da Universidade, quanto à intervenção bélica no Vietnã. As manifestações tomaram uma proporção tão grande que resultaram no cancelamento antecipado do semestre e na suspensão das avaliações finais após a deflagração de greve geral. Os estudantes, que ocupavam cinco prédios de Columbia, entraram em confronto direto com a polícia e foram retirados a força. Em resposta a Grayson Kirk, reitor de Columbia, que criticou a ação dos jovens, Mark Rudd, membro local da SDS, assegurou que “Enquanto você clama por ordem e respeito à autoridade, nós clamamos por justiça e liberdade.”<sup>88</sup>

Na avaliação de Shulman “A revolta do campus também convenceu muitos americanos de que a revolução estava à mão – que os jovens radicais mudaram de objetivo, ultrapassando o mero protesto para a conquista do poder. Eles iriam tomar o controle da ‘máquina’, se ela não deixasse de buscar fins desumanos.”<sup>89</sup> Nesse contexto, o socialismo é vislumbrado como uma possibilidade e os movimentos revolucionários do Terceiro Mundo se tornam especialmente atrativos. Não por acaso, pesquisas realizadas em 1968 apontaram mais estudantes universitários (20%) identificados com o revolucionário Latino Americano Che Guevara do que com qualquer outro candidato à presidência dos Estados Unidos.<sup>90</sup>

Resta citar, além disso, os protestos planejados para acontecer simultaneamente à Convenção Nacional Democrata, em Chicago, liderados pelo National Mobilization

---

<sup>87</sup> “When white America killed Dr. King,” Carmichael warned after the shooting in Memphis, “she declared war on black America and there could be no alternative to retribution (...).Black people have to survive and the only way they will survive is by getting guns.” SCHULMAN, Bruce J. Introdução In: *The Seventies: The Great Shift in American Culture, Society, and Politics*. New York: The Free Press, 2002.

<sup>88</sup> “While you call for order and respect for authority, we call for justice and freedom.” Ibid

<sup>89</sup> “The campus revolt also convinced many Americans that revolution was at hand — that young radicals had moved from mere protest toward power. They would seize control of “the machine,” if it would not cease to pursue inhumane ends.” Ibid

<sup>90</sup> “Polls taken in fall 1968 showed more college students (20%) identifying with Latin American revolutionary Che Guevara than with any candidate for the U.S. presidency.” ELBAUM, Max. 1968: *U.S. Radicalism Explodes and Transforms*, p. 6. Disponível em: <http://www.revolutionintheair.com/histstrategy/USA1968.html>

Committee to End the War in Vietnam (MOBE) – Comitê de Mobilização Nacional pelo Fim da Guerra no Vietnã – , um grupo que congregou ativistas originários de diversos movimentos – aproximadamente 100 grupos – , tendo a sua frente Rennie Davis e Tom Hayden, ambos da SDS. Aqueles dias foram marcados pelas marchas de mobilização, mas também pela violência policial que atingiu manifestantes e jornalistas. Marcada para acontecer na mesma ocasião, havia, ainda, uma manifestação coordenada por Abbie Hoffman e Jerry Rubin, integrantes do Partido Nacional da Juventude (Yippies) com vistas a encenar uma convenção simbólica, na qual defenderiam uma opção ao estilo de vida opressor vigente. A Convenção terminou de forma tensa, acumulando 589 prisões e 219 feridos, dentre eles 100 manifestantes.<sup>91</sup>

Um horizonte revolucionário parecia tão próximo na época que “um artigo de 1969 na Time Magazine advertia seus leitores de que ‘muitos do atuais’ soldados negros são manifestantes/desordeiros de ontem, com a expectativa de aumentar o conflito racial no Vietnã e em casa, quando retornarem da guerra. (...) e muitos oficiais, negros e brancos, acreditam que o Vietnã pode servir de área de treinamento para comandos urbanos negros no futuro.<sup>92</sup> Uma notícia como essa demonstra que o progressivo aumento e radicalização dos movimentos sociais eram vistos com preocupação.

Ao invés de interromper o conflito, como foi prometido em campanha e esperado pelos seus eleitores , Nixon aprofundou a guerra ao invadir a região de Camboja em 1970. A partir daí, os protestos contra o Vietnã só fizeram aumentar dentro dos Estados Unidos. E à medida que o conflito na Ásia se expandia, as manifestações anti-guerra alastraram-se, tornando-se mais agressivas. Nesse ano, o FBI registrou, por exemplo, 3 mil demonstrações efetivas de utilização de artefato explosivo e 50 mil ameaças. Os protestos estudantis contrários ao Vietnã somavam cada vez mais vítimas. Em Kent State, 4 pessoas morreram – duas delas mulheres – e 11 ficaram feridas . Em Jackson State College outros dois estudantes foram mortos. Em Wisconsin, um laboratório foi bombardeado em oposição à colaboração entre centros de pesquisa e o governo no desenvolvimento de tecnologia bélica. A explosão acabou ferindo 4

---

<sup>91</sup> Brief History of Chicago's 1968 Democratic Convention (Sources: "Miami and the Siege of Chicago" by Norman Mailer, Facts on File, CQ's Guide to U.S. Elections) Disponível em:

<http://edition.cnn.com/ALLPOLITICS/1996/conventions/chicago/facts/chicago68/index.shtml>

<sup>92</sup> “(...) a 1969 article in Time Magazine warned readers that 'many of today's young black soldiers are yesterday's rioters, expecting increased racial conflict in Vietnam and at home when they return. (...) and many officers, black and white, believe that Vietnam may prove a training ground for the black urban commandos of the future.” CARBONELLA, August. “The Culture of U.S. Imperialism from Vietnam to Iraq.” In: MASKOVSKY, Jeff e SUSSER, Ida. Rethinking America: The Imperial homeland in the 21<sup>st</sup> Century. Paradigm Publishers, 2009, pp. 125-126.

estudantes, matando 1 e causando um prejuízo de 1,5 milhão de dólares para a Universidade.<sup>93</sup> Em 1971, uma manifestação no Capitólio foi planejada para lembrar já ter se passado um ano desde as mortes de Kent State. Mais uma vez, o governo reprimiu o ato, prendendo em 4 dias um total de 13.400 pessoas. Essa prisão consta como a maior realizada nos Estados Unidos. Os detidos foram tantos que não couberam nas instalações carcerárias. Foi preciso recorrer ao RFK Stadium para acomodar os militantes. Essa prisão foi acompanhada por denúncias de que as autoridades privaram por longo período os detidos de direitos básicos como água, comida, banheiro, a possibilidade de realizar ligações e de chamar advogado.<sup>94</sup>

A maneira como o governo Nixon lidava com as inúmeras manifestações da época, fez com que a sua administração fosse recorrentemente associada pelos ativistas aos regimes fascistas da Itália e da Alemanha. A comparação se justificava pela ausência de liberdade, constante resposta violenta dos representantes do Estado e propagação do medo na sociedade estadunidense. Refletindo sobre o ocorrido em Kent State, os ativistas concluíram que “Depois do Holocausto, os vitoriosos aliados julgaram, e condenaram líderes nazistas responsáveis por atrocidades. Vinte anos depois, líderes dos EUA estão cometendo crimes de guerra similares contra as pessoas do Sudeste Asiático – e dissidentes domésticos”.<sup>95</sup>

Nos campos de batalha do Vietnã a situação não era mais calma. Soldados se rebelavam contra seus superiores, recusando-se a obedecer às ordens militares. Em 1969, foram registrados 96 casos de assassinato de oficiais estadunidenses. Esse tipo de ação ficou conhecida como “fragging”, numa referência às bombas de fragmentação utilizadas no motim. Em 1970, o número subiu para 209 ataques, e em 1971, 215 fraggings foram relatados. Para os mesmos três anos, as taxas de deserção foram calculadas em 44, 54 e 74 a cada mil soldados, respectivamente.<sup>96</sup> Uma descrição publicada no *Armed Forces Journal* em junho de 1971 afirmava que as Forças Armadas

---

<sup>93</sup> Ver o documentário “War at home”, de 1979. Dirigido por Glenn Silber e Barry Alexander Brown, o documentário tem seu roteiro centrado nesse episódio.

<sup>94</sup> STEPHANIE. A. e SCLOCUM Schaffer. “Nixon; our father’s betrayal.” In: *America in the Seventies*.

<sup>95</sup> “After the Holocaust, the victorious allies tried and condemned surviving nazi leaders responsible for atrocities. Twenty years later, U.S. leaders were committing similar war crimes against the people of Southeast Asia - and domestic dissidents.” *Youth International Party Information Service. Blacklisted News, Secret History (...)* From Chicago’ 68 to 1984. *The New Yippie! Book*. New York, Bleecker Publishing, 1983, p. 417.

<sup>96</sup> “In 1969, there were 96 official fragging incidents. In 1970, the figure had risen to 209 assaults, and by 1971, 215 fraggings were reported. For the same three years, the desertion rates were listed as 44, 54 and 74 per thousand soldiers, respectively.” CARBONELLA, August. “The Culture of U.S. Imperialism from Vietnam to Iraq.” In: MASKOVSKY, Jeff e SUSSER, Ida. *Rethinking America: The Imperial homeland in the 21<sup>st</sup> Century*. Paradigm Publishers, 2009, p. 129.

dos EUA no Vietnã estavam entrando em “estado de colapso”, e avaliava “a moral, disciplina, a disposição para a batalha” como sendo as “piores do que qualquer momento nesse século e possivelmente na história dos EUA.”<sup>97</sup>

O descontentamento com a política nesses anos 1970 fez a confiança da população no governo retrair. Segundo pesquisas de opinião pública, em 1971 a população não estava disposta a apoiar ajuda a outros países, mesmo sob a justificativa de uma ameaça comunista. Em 1972, 53% da população respondeu afirmativamente quando perguntada se o governo estaria voltado para atender os seus próprios interesses. Se comparada às estatísticas de 1964, a porcentagem dobrou, pois na primeira metade da década de 1960, o índice era de 26%. Para completar esse quadro de oposição crescente ao governo Nixon, cerca de 34% dos norte-americanos se declaravam independentes, nem republicanos, nem democratas, em 1974.<sup>98</sup>

Até aqui, na contramão da imagem mais corrente no imaginário sobre os anos 1970 – uma década conservadora, em que os movimentos que explodiram nos anos 60 teriam refluído –, observa-se uma historiografia e fontes que apresentam um quadro oposto, de continuidade e até de radicalização das demandas e movimentos anteriores, creditando à década de 1970 a realização e intensificação de demandas nascidas nos anos 60. Esse é um assunto ainda muito disputado por protagonistas e historiadores. O finista Andrew Zimbalist, por exemplo, apresenta uma opinião pessimista do cenário nos Estados Unidos nos anos 70. Argumentado haver “muitas distrações para a esquerda americana” reforça a ideia de uma esquerda excessivamente fragmentada, diluída em diversas causas, insinuando um tom de derrota.

“Eu não acho que foi um período de crescimento e força para a esquerda. A esquerda, a propósito, nos EUA se alimentava dos protestos estudantis contra a guerra, do movimento cultural paz, amor e maconha. A esquerda se alimentou disso e isso estava morrendo nos anos 1970 inclusive. Então, eu acho que existiu muita efervescência, excitação e mobilização em relação à esquerda nos anos 1960 e nos primeiros anos da década de 1970.”<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> (...) the morale, discipline and battle-worthiness of the U.S armed forces are ... worse than any time in this century and possibly the history of the U.S.” ELBAUM, Max. 1968: U.S. Radicalism Explodes and Transforms, p. 7.

<sup>98</sup> The Seventies: under control? In: The Twentieth Century: a People’s History. New York: Harper Perennial, 1998, pp. 301 e 302.

<sup>99</sup> “I don’t think this was a period of growth and strength for the left. The left by the way in the U.S. fed off the cultural movement, students protest against the war, cultural movement peace, love and marijuana. The left fed off tha and was dying off in the 70’s also.” Entrevista, p. 5.

Atentando para conjuntura chilena, mas também para o contexto estadunidense, onde se verificou uma quebra do consenso liberal e o fortalecimento da ideia de revolução, é possível inferir que os norte-americanos no Chile buscavam se aproximar do modelo socialista e a América Latina, em geral, com o Chile, em particular, abriu-se como uma janela para alcançá-lo. Não por acaso, o boletim do qual participavam tinha entre os seus objetivos estabelecer contato entre as esquerdas dos dois países. Nesse sentido, a classificação concebida por Margaret Power, a partir da qual seria possível inseri-los numa 1ª fase do Movimento em Solidariedade ao Chile, parece um tanto quanto anacrônica, já que o Movimento em Solidariedade – termo datado da década de 1980 – tem início com o regime ditatorial e pode ser caracterizado pelo ativismo em oposição ao governo autoritário, pela denúncia dos crimes de direitos humanos e pelo trabalho de suporte às vítimas do terror, o que autora identifica como sendo uma segunda fase. Embora rejeite o enquadramento sugerido em seu trabalho, sublinho que a autora não se equivocou ao verificar a atração que experiência chilena exerceu sobre indivíduos e pequenos grupos simpáticos ao governo Allende. A sua definição pode ter sido produto de uma explicação fatalista, típica de quem já conhece o curso da História, pois sua interpretação minimiza a crença na consolidação da via chilena, condenando-a previamente ao insucesso. Não é essa a minha visão, parto do princípio que esses indivíduos acreditavam efetivamente naquele processo revolucionário a ponto de saírem dos Estados Unidos para acompanhá-lo. Como todos aqueles que estavam no Chile, foram pegos pela intensificação das transformações econômico-sociais e pelos embates políticos tanto entre a direita e a esquerda, quanto dentro da própria esquerda.

“Apesar de todo tumulto e das tensões desses anos, nós fomos privilegiados em testemunhar uma rara possibilidade, um sonho, que as pessoas unidas poderiam mudar o seu mundo para melhor. Infelizmente quando eu acordei cedo, na manhã de 11 de setembro de 1973 e olhei para fora da janela do meu apartamento no centro de Santiago para ver o fluxo de tráfego saindo da cidade, eu soube que o golpe militar previsto havia chegado. O sonho, seria adiado, nós soubemos, mas nenhum de nós poderia ter previsto as milhares de mortes e as dezenas de casos de tortura que a intervenção militar deixaria como rastro.”<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> “For all the tumult and tensions of those years, we were privileged witnesses to a rare possibility, a dream, that the people, united, could change their world for better. Sadly when I awoke early on the morning of September 11, 1973 and looked out my apartment’s windows in downtown Santiago to see the traffic flooding out the city, I knew that the long predicted military coup had come. The dream would be deferred, we knew, but there probably wasn’t one among us who could have foreseen the thousands of deaths and tens of identified cases of torture that the military intervention would leave in its wake.” VOLK, Steven. *The Politics of Memory and the Memory of Politics*” In *NACLA*, volume 46, nº 4, outono, 2013. Disponível em <https://nacla.org/news/2013/10/29/politics-memory-and-memory-politics>,

Foi assim que Steven Volk descreveu aquela terça-feira de 1973. Contudo, em junho do mesmo ano, o governo de Allende já havia sofrido uma tentativa de golpe, o chamado “Tancazo” e só conseguiu contornar a situação graças ao apoio e ação do general Prats, então comandante do Exército, e das organizações populares pró-Allende como os Cordões Industriais. A oposição feroz ao seu governo impediu a decretação do estado de sítio, exigindo, assim, que o governo da UP fosse substituído. O tumulto foi contido, no entanto, a debilidade da sua administração havia se mostrado flagrante. Talvez, por conta disso uma previsão de golpe não fosse despropositada naquela altura.

Uma Junta Militar assumiu o governo do Chile, imediatamente após o golpe de setembro, implementando um regime autoritário. Como sugere Carlos Huneeus, os 17 anos da ditadura do Chile estiveram assentados numa forte base de apoio militar, na legitimidade conferida à atuação de Pinochet, que rapidamente se tornou presidente da República, e, na integração de grupos civis ao governo. Perseguido o inimigo comunista, os primeiros anos expuseram como característica preponderante a violência política. Ela se traduziu na eliminação do Congresso – Senado e Câmara –, na dissolução do Tribunal Constitucional, no fechamento de meios de comunicação opositores, na destruição dos registros eleitorais, na proscricção dos partidos políticos, na extinção da autonomia das Universidades e nas prisões e execuções arbitrariamente efetuadas. É indispensável ressaltar que nos dois anos iniciais não houve um órgão responsável pela repressão. Somente em 1974 é que se institucionalizou a DINA (Direção de Inteligência Nacional), coordenada por Manuel Contreras. Antes disso, sua função foi desempenhada simultaneamente pelos três setores das Forças Armadas e pelos carabineiros. Não havia leis específicas para reger essa atividade e nesse sentido, os fuzilamentos sumários foram uma constante.<sup>101</sup> Houve ainda, o estímulo do governo para que os chilenos entregassem às autoridades os estrangeiros suspeitos. Essa inquietação da Junta teria sido justificada pelo fato do governo Allende ter recebido exilados políticos que encontraram no Chile daquela época uma esperança que não se verificava nos demais países do Cone Sul, em sua maioria já tomados por regimes autoritários.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> HUNNEEUS, Carlos. ‘El liderazgo del general Augusto Pinochet; bases institucionales y recursos de poder’ In: El régimen de Pinochet. Santiago: Sudamericana, 2000.

<sup>102</sup> Hauser, Thomas. Desaparecido: um grande mistério (Missing). Rio de Janeiro: Editora Record, 1978, p. 282. Para uma análise do exílio ver: CRUZ, Denise Rollemberg. Exílio: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

O engajamento dos finistas os transformou em alvos da violência política no início da ditadura: três foram presos, dois mortos – Charles e Frank, em situações diferentes – e mais outros dois, pelo menos, narraram ter sofrido com algum tipo de ação da atividade de repressão que se abateu sobre o país, independentemente das suas nacionalidades. Isso é bastante significativo, já que o fato de serem cidadãos estadunidenses pesou menos do que o fato de se manifestarem simpáticos ao projeto da UP, colocando em xeque a suposição de que por serem dos EUA e pelo país estar auxiliando o golpe, teriam imunidade como ativistas.

Myshy conta que antes de deixar o Chile foi instada a expressar total lealdade ao governo golpista para um militar/funcionário chileno uniformizado, do qual ela não revela a identidade. A experiência socialista pela via democrática havia chegado ao fim e, naquele momento, ela foi obrigada a negar as suas afinidades políticas.

“Suas primeiras palavras foram ‘Então, você é uma estudante de doutorado, não é? Poderia, por favor, me dizer quando foi declarada a independência chilena.’ Meu cérebro paralisou na tentativa de chegar a 18 de setembro de 1810, mas não sei como eu me acalmei, sorri e disse: ‘11 de setembro de 1973.’ Ele sorriu de volta, disse ‘excelente resposta’, e com pompa ritual, usou o cobiçado selo em relevo para conceder a minha permissão de saída. Quando me virei para ir, ele disse: ‘Obrigado, e tenha uma boa viagem.’”<sup>103</sup>

Em 1977 a família de Charles abriu um processo contra o Departamento de Estado norte-americano através do Center of Constitutional Rights (CCR). O processo incluiu como réu o ex-secretário de Estado Henry Kissinger, sobre quem pesou a acusação de cumplicidade nas ações resultantes na morte do norte-americano. O CCR declarou em nota, que essa iniciativa aproveitou-se da liberação de um memorando oficial do Departamento de Estado, datado de 1976, que caracterizava o caso como “incômodo”, reconhecendo “negligencia (...), ou pior, cumplicidade na morte de Horman”<sup>104</sup> Porém, a família assistiu a causa declinar devido à dificuldade na obtenção

<sup>103</sup> (...) His first words were ‘So, you’re a doctoral student in history, are you? Could you please tell me when Chilean independence was declared?’ My brain staled in its attempts to pull up September 18, 1810, but somehow I calmed myself down, smiled, and said ‘September 11, 1973’. He beamed, said ‘excellent response’, and, with ritual pomp, used the coveted embossed seal to grant my exit permit. As I turned to go he said ‘Thanks, and have a good trip’. <sup>103</sup> LESSER, MISHY. The Journey Back and Foward: journalistic notes and blog postings for a public radio documentary, 2008, p. 5.

<sup>104</sup> “bothersome” , “negligence on our part, or worse, complicity in Horman’s death.” Disponível em: <http://ccrjustice.org/ourcases/past-cases/horman-v.-kissinger>

de testemunhos e ausência de provas mais contundentes. Parte da documentação está classificada como segredo de Estado.<sup>105</sup>

Em função da prisão de Pinochet no final da década de 90, a família Horman iniciou novo processo judicial, dessa vez, no Chile na tentativa de identificar os responsáveis pela morte de Charles, esclarecendo as circunstâncias que contribuíram para esse desfecho. Representada pelos advogados Sergio Corvalán e Fabíola Letelier, a causa encontra-se, atualmente, em andamento na Corte de Apelações de Santiago. A sustentação da investigação foi possível mediante a desclassificação de documentos relacionados ao Chile durante a presidência de Bill Clinton. Janis Teruggi Page, irmã de Frank, juntou-se a essa demanda, posteriormente. A Justiça chilena entendeu que pelo fato dos Estados Unidos participarem das ações encobertas que resultaram no golpe, estando em contato direto com as forças golpistas, os agentes norte-americanos no Chile poderiam impedir a morte das vítimas e não o fizeram. Por isso, no caso de Charles, que está mais adiantado, além de indiciar funcionários de inteligência chilena como Rafael Gonzalez e Pedro Espinosa, a Corte solicitou a extradição do chefe do Grupo Militar dos Estados Unidos, Capitão Ray Davis. Segundo Janis, o governo dos Estados Unidos ainda não apresentou uma resposta oficial, mas há notícias desencontradas de que Davis estaria sofrendo do mal de Alzheimer ou até mesmo que já teria morrido.

Toda essa movimentação processual impulsiona o movimento de propagação de memórias, dando novo fôlego ao caso de norte-americanos mortos no Chile. Já que a memória olha o passado flexionada pelo presente, serve para legitimar causas atuais. Não se pode perder de vista que a pessoa que narra uma experiência passada fala situada no presente, e nesse sentido, sabe mais hoje sobre aquela vivência do que sabia no passado. No espaço da subjetividade e do simbólico, passado, presente e futuro não se ordenam cronologicamente. Dessa maneira, as temporalidades naturalmente se misturam e interagem, permitindo que os sentidos atribuídos às experiências variem com o passar do tempo.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> Além de Henry Kissinger, foram citados como réus outras pessoas que desenvolviam atividades em Santiago no início da década de 1970. Foram eles: Nathaniel Davis –embaixador dos Estados Unidos– ; Frederick D. Purdy – Cônsul dos Estados Unidos– ; Dale L. Shaffer – Vice- Consul – ; James. E. Anderson, Marian L. Tipton – ligados ao Vice-Consul – ; Judd Kessler – oficial multissetorial – ; Jack B. Kubisch – Assistente da Secretaria de Estado para Assuntos Latino-Americanos – ; Coronel William Hon – Adido militar na Embaixada dos Estados Unidos – ; Capitão Ray E. Davis – Comandante do Grupo Militar dos Estados Unidos no Chile (MILGROUP) – ; Coronel Patrick Ryan – Chefe da seção naval do Grupo Militar dos Estados Unidos no Chile – e Richard Roe e David Doe – agentes do governo dos Estados Unidos.

<sup>106</sup> ROUSSO, Henry. “Mémoire et Histoire: la confusion?” In: *La hantise du passé. Entretien avec Philippe Petit*. Paris: Les Éditions Textuel, 1998, p. 22.

Entre os finistas é recorrente a comparação entre o 11 de setembro de 1973 e o de 2001. Mais do que agregar informações sobre os acontecimentos, os integrantes do boletim de notícias evidenciam um embate de memórias na medida em que o ocorrido em 2001 acaba monopolizando o imaginário norte-americano, sobrepujando o que se passou em 1973. Suas memórias individuais colidem frequentemente com a memória coletiva dominante. Andrew sublinha

“Uma coisa que é interessante é que quando o World Trade Center foi bombardeado em 11 de setembro de 2001, aquela era a data da queda de Allende em 1973. Eu não esqueci, é claro. Meus amigos que trabalharam em FIN não esqueceram disso. Mas não houve nenhuma palavra sobre tudo isso, nada, nenhuma menção.”<sup>107</sup>

Encontrando pouco espaço para relatar, transmitir essa experiência, Mishy valida na primeira pessoa o que descreve sobre a época. “Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como prova”.<sup>108</sup> Por isso, afirma (...) começo dizendo que meu primeiro encontro com o terrorismo aconteceu em 11 de setembro. E dou uma pausa antes de acrescentar 1973. (...)Eu conto essa história porque eu estava lá – meus amigos foram assassinados e eu estive em perigo.<sup>109</sup> Citando, ainda, a questão da dominação econômica dos Estados Unidos e a arrogância e o desprezo da população norte-americana pelas ações imperialistas voltadas à América Latina, ela acrescenta que pouco mudou da década de 1970 para os anos 2000.

“Se as pessoas tivessem aprendido com o que aconteceu no Chile, elas teriam ficado mais ofendidas quando os Estados Unidos invadiram o Iraque e começaram a guerra no Afeganistão, e elas seriam mais compreensivas e se compadeceriam com as pessoas que vêm aos EUA na condição de refugiados políticos ou econômicos.”<sup>110</sup>

<sup>107</sup> “One thing that is interesting is that when the World Trade Centers were bombed on September 11, 2001, that was the date of Allende’s overthrow in 1973. I didn’t forget of course and my friends who worked at FIN did’nt forget it. But there was no word of tha all, nothing, no mention.” Entrevista, p. 5.

<sup>108</sup> GOMES, Angela Maria de Castro. ‘Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo’ In: Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>109</sup> “I start by saying that my first encounter with terrorism took place on September 11<sup>th</sup>. And I pause before adding ‘1973’(...) I tell this story because I was there – my friends were assassinated and I was in danger.” <sup>109</sup> LESSER, MISHY. The Journey Back and Foward: jornalistic notes and blog postings for a public radio documentary, p. 3, 2008.

<sup>110</sup> “If people in the U.S. had learned from what happened in Chile, there would have been more outrage when the U.S. invaded Iraq and started the war in Afghanistan, and there would be more understanding and compassion for people who come to the U.S. as economic and/or political refugees from repressive, unjust regimes.” Questionário, p. 6.

Rejeitando o posicionamento dos Estados Unidos no passado e presente, Steven reconhece o seu país tão terrorista quanto os grupos terroristas que diz combater. Após ter sido chamado para testemunhar no processo chileno que apura a morte de Charles e Frank, conclui

“Eu compreendi mais claramente do que nunca que a luta contra o terrorismo está sendo empreendida em muitos lugares, e os locais mais significativos não são os campos de batalha do Afeganistão, Filipinas ou Colômbia, mas lugares como a sala de tribunal onde sentei. E se o governo dos Estados Unidos se opõe a esses procedimentos, então, ele nunca será capaz de reivindicar com o mínimo de credibilidade o verdadeiro interesse em promover uma guerra contra o terror.”<sup>111</sup>

É quase consensual entre os historiadores que a memória é individual e coletiva ao mesmo tempo. Os sujeitos não estão isolados, eles pensam e agem conforme o contexto. Retomando o estudo de Halbwachs, Jelin reitera que as memórias individuais estão sempre submetidas a um enquadramento social. Vale dizer, a recordação só se torna possível quando os acontecimentos são inseridos na esfera da memória coletiva. Ainda que, num cenário marcado pela disputa de poder, algumas memórias possam se sobressair mais do que as outras, “um não recorda só, mas com ajuda das recordações dos outros e com códigos culturais compartilhados.” Como ressalta Jelin, o traço “coletivo das memórias é o entrelace de tradições e memória individuais, em diálogo com outros, em estado de fluxo constante.”<sup>112</sup> Isso quer dizer que essas duas dimensões podem apresentar tanto pontos de confluência como de contraste. O caso estudado por esse trabalho é marcado pela última opção, pois enquanto a memória coletiva consagra o atentado de 2001, esquece o atentado de 73.

Um pronunciamento oficial do presidente Barack Obama, em 2011, evidencia o embate de memórias. Em rápida passagem por alguns países americanos, visitou o Chile e do interior do Palácio La Moneda, Obama discursou por mais de trinta minutos para uma plateia pouco entusiasmada com a sua fala. Claramente disposto a estreitar laços comerciais com os países do hemisfério e especialmente interessado em aspectos energéticos, Obama realçou uma pretensa igualdade de condições entre as nações

---

<sup>111</sup> “I Realized more clearly than ever that the fight against terrorism is being waged in many places, and that the most meaningful locales were not the battlefields of Afghanistan, the Phillipines or Colombia, but places like the very courtroom where I sat. And if the U.S. government opposes these proceedings, then it will never be able to claim with the least shred of credibility that it is truly interested in waging a war on terror.” VOLK, Steve. “Judgment Day in Chile” In: NACLA Report on the Americas. Open Forum, vol. 36, nº1, julho/agosto 2002, p. 44.

<sup>112</sup> JELIN, Elisabeth. Los trabajos de la memoria. Madri: Siglo Veinteuno Editores, 2001, p. 22.

americanas, evocando uma herança comum, a partilha de valores tão expressivos quanto a democracia para afirmar uma identidade única, a americana, insinuando um horizonte de respeito e responsabilidades mútuas. Rejeitou o estereótipo de pobreza e degradação outrora vinculado à região, reconhecendo nela uma natureza dinâmica e destino ao progresso.

Numa referência bastante genérica, parabenizou o Chile por retomar liberdades perdidas há algumas décadas, apontando para uma demonstração de que é possível realizar uma transição da ditadura à democracia de forma pacífica.

“Vamos nos recomprometer em defender a democracia e os direitos humanos em nossos países pelo fortalecimento de instituições das quais a democracia necessita para florescer – eleições livres e justas, onde os povos escolhem seus próprios líderes, legislativo brilhante que promova fiscalização, judiciário independente que sustente a norma da lei, uma imprensa livre que promova debates abertos. Forças militares profissionais sob o controle civil, sociedade civil forte que defenda um governo de responsabilidade e governantes transparentes e que respondam aos seus cidadãos.”<sup>113</sup>

Falando do e para o presente, como se listasse os ingredientes necessários à democracia, Obama não reconheceu nenhuma atuação específica norte-americana que tenha contribuído para a instalação de regimes autoritários que desrespeitaram os pilares democráticos descritos por ele mesmo, anteriormente. Ainda por ocasião da visita, em outra oportunidade, quando participava da coletiva de imprensa, o presidente preferiu não entrar em detalhes sobre o passado. Observando a menção de um jornalista feita às feridas remanescentes do período ditatorial e à afirmação do político Juan Pablo Letelier – filho de Orlando Letelier, assassinado pela Operação Condor em Washington – de que muitos desses assuntos ainda em aberto estariam relacionados aos EUA, Obama foi questionado sobre a disponibilidade do seu país em colaborar com as investigações sobre o período e até mesmo de se desculpar pelo que aconteceu naqueles anos difíceis no Chile. Sem negar a consideração de pedidos de obtenção de informações, o presidente identificou uma memória negativa. No entanto, não a explicitou e, sem tocar direto na questão, afirmou que

---

<sup>113</sup> “Let’s recommit to defending democracy and human rights in our own countries by strengthening the institutions that democracy needs to flourish -- free and fair elections in which people choose their own leaders; vibrant legislatures that provide oversight; independent judiciaries that uphold the rule of law; a free press that promotes open debate; professional militaries under civilian control; strong civil societies that hold governments accountable; and governments that are transparent and responsive to their citizens”.Remarks by President Obama on Latin America in Santiago, Chile . Disponível em: <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/21/remarks-president-obama-latin-america-santiago-chile>

“(...) É muito importante para todos nós conhecermos a nossa história e, obviamente, a história das relações entre os Estados Unidos e a América Latina tem períodos duros [pedregosos], difíceis. (...) Eu não posso falar por todas as políticas do passado. Eu posso falar com certeza das políticas do presente e do futuro. (...) Novamente, é importante para nós aprendermos com a nossa história, entendermos nossa história, mas não nos prendermos [aprisionarmos] a ela. Porque nós temos desafios agora, e, até mais importante, nós temos desafios futuros dos quais devemos cuidar.”<sup>114</sup>

Perceptível também foi o fato de evitar a menção à palavra golpe, o que poderia remeter à conjuntura do governo Allende, que também não foi citado. Nesse caso a ênfase na dimensão do futuro serve para produzir, ao menos durante o discurso, um esquecimento do passado e, de alguma maneira, sugerir um tom de reconciliação entre os dois países, ainda que momentaneamente. Quando ressaltou a importância de aprendermos com a história, não pareceu estimular uma memória exemplar nos termos de Todorov. Fica a impressão de que usou essa premissa apenas como estratégia retórica para desviar-se do assunto, afinal, segundo suas próprias palavras, “não deveríamos nos deixar aprisionar pelo passado”. Nesses termos, o esquecimento/omissão sugerido possui explícita conotação política.

Em contrapartida a essa esquiva dos representantes do Estado, membros da sociedade civil norte-americana vão mais fundo, analisando criticamente a postura do seu país diante de um governo socialista na América do Sul. Já que Obama vislumbrou um caráter pedagógico, Joyce Horman reflete sobre o que aprendeu com as relações estabelecidas entre Chile e Estados Unidos.

“ A experiência chilena me ensinou que os Estados Unidos não estavam protegendo a democracia no Chile, nem protegendo os cidadãos norte-americanos, o que era a suposição. Ao invés disso, o governo dos EUA enxergava qualquer norte-americano com visões favoráveis aos programas de Allende como inimigo. Eu esperava ver como uma administração socialista desenvolvia programas para os membros da sociedade menos privilegiados. Eu não esperava ver a violência da derrubada da democracia e a tomada de poder de uma brutal, cruel e viciosa ditadura, e perder o meu marido numa situação como essa.”<sup>115</sup>

<sup>114</sup>“Obama struggles to answer chilean reporter’s question.” Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=QgjIWMwGMY8>

<sup>115</sup> “The Chilean experience taught me that the United States was not protecting democracy in Chile nor protecting all US citizens, which was the supposition. Instead, the US Government viewed any American with a favorable view of Allende’s programs as the enemy. I had expected to see how a Socialist Administration developed programs for the under-privileged members of society. I had not expected to see the violent overthrow of democracy and takeover by a brutally cruel and vicious dictatorship, and to lose my husband in such a situation.” Questionário respondido via e-mail preenchido por Joyce em 16/11/2012, p. 3.

Trata-se também de um discurso político, mas que revela uma intenção distinta daquela verificada no discurso do presidente Obama. Joyce divulga o acontecido para dar voz a uma narrativa que esteve por algum tempo abafada. Como militante pelos direitos humanos, tem por objetivo dar visibilidade a essa passagem da História. Nesse sentido, é típica representante da memória exemplar descrita por Todorov, aquela usada para “traduzir uma experiência em demandas mais generalizadas.”<sup>116</sup> Joyce tem um projeto, a lembrança não se fecha em si mesma, ao contrário, está atrelada a uma meta específica, servindo de guia para a sua atuação no presente.

Na mesma linha de raciocínio, Steven Volk acredita que

“Esses eventos têm que ser conhecidos, nós voltamos a essa história com o objetivo de entender o que foi feito, para ver se não acontece de novo. E se você diz: - ‘Eles estão velhos. Por que incomodá-los com isso? Vamos esquecer tudo isso.’ Então, nenhum assunto da história será entendido. Não se trata necessariamente de vê-los atrás das grades, trata-se de ver esses casos serem trazidos a luz. (...) Você faz isso para a história ser restaurada, conhecida. Porque só conhecendo o passado nós podemos aprender algo em termos de futuro.”<sup>117</sup>

Refletindo sobre a história recente dos Estados Unidos, enfatiza a importância do conhecimento para o estabelecimento da democracia, atribuindo ao governo desinteresse em permitir seu pleno funcionamento.

“Não é um exagero dizer que as tentativas de Wikileaks, Pcf.. Chelsea (a princípio Bradley) Manning, Edward Snowden e outros para tornar público o que o governo dos EUA está fazendo em tempo real, ao invés de esperar décadas para uma versão higienizada, traça a sua genealogia, pelo menos parcialmente, de volta aos eventos de “o outro 11 de setembro” . Os acontecimentos ocorridos no Chile há quatro décadas nos lembra que a democracia exige acesso à informação e uma cidadania informada e ativa, e que, se esperarmos por Washington para nos dar o que já é nosso, nós permaneceremos no escuro.”<sup>118</sup>

---

<sup>116</sup> TODOROV, Tzevetan. Los abusos de la memoria. Barcelona: Paidós Asterisco, 2000.

<sup>117</sup> Entrevista disponível em : <http://www.hormantrth.org/ht/volk>

<sup>118</sup> “It is not an exaggeration to say that the attempts by Wikileaks, Pcf. Chelsea (formerly Bradley) Manning, Edward Snowden and others to make public what the U.S. government is doing in real time, rather than waiting decades for a sanitized version, traces its lineage at least partially back to the events of ‘the other September 11’. The events that unfolded in Chile four decades ago remind us that democracy demands access to information and an informed and active citizenry, and that if we wait for Washington to give us what is already ours, we will remain in the dark.” VOLK, Steven. The Politics of Memory and the Memory of Politics” In NACLA, volume 46, nº 4, outono, 2013.

Tentando não isolar os sujeitos históricos do contexto em que estavam inseridos, tracei nesse capítulo o perfil dos participantes do grupo FIN a partir de seus posicionamentos políticos e lugares sociais. Cabe finalizar, salientando que entendo esses indivíduos como ativistas em função de uma dimensão política da cultura “que entra numa concepção ampla da política, entendida como atividade para a transformação da vida dos homens.”<sup>119</sup> Essas pessoas apresentavam um horizonte utópico-ideológico em relação ao socialismo, acreditando na possibilidade de construção de um mundo novo, calcado na igualdade social e no exercício democrático. Elas buscaram no Chile meios de materializar seus ideais e expectativas. O conceito de democracia, aliás, foi o elemento chave que conectou os Estados Unidos ao Chile nos anos 1970 e será um dos elementos a ser privilegiado no próximo capítulo.

---

<sup>119</sup>BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. In: Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea, São Paulo : Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 105.

## **CAPÍTULO II. Em(FIN), outro olhar sobre os Estados Unidos: texto e contexto político**

Partindo da constatação, do capítulo anterior, de que os integrantes do grupo FIN acompanharam os debates políticos das décadas de 1960 e 1970 ocorridos nos Estados Unidos que se desdobraram na construção de uma corrente política específica, a Nova Esquerda, torna-se essencial iniciar este capítulo refletindo a seu respeito para desvendar como e em que proporção ela teria influenciado a atuação daqueles jovens no período da Guerra Fria. Tendo o boletim de notícias FIN como uma das principais fontes para acessar as afinidades políticas do grupo analisado, uma segunda etapa deste capítulo dedica-se a apreciar o material divulgado por FIN com vistas a identificar a perspectiva privilegiada pelo grupo, os conceitos de que se aproximavam, os principais temas abordados. Atentando também, na medida do possível, para as imagens associadas ao texto, o formato da publicação, as formas de distribuição implementadas, o objetivo é avaliar as ambições do grupo em termos de público e circuitos políticos a serem alcançados.

É comum os pesquisadores retornarem aos anos 40 e 50, em geral, ao pós Segunda Guerra Mundial, com o propósito de examinar a Nova Esquerda. Nos Estados Unidos da época, era possível observar simultaneamente uma conjuntura econômica muito favorável e uma sensação de ansiedade e medo que se justificavam tanto pela ameaça atômica, quanto pela perseguição ao Comunismo, identificado segundo as ações Macarthistas como mal a ser exterminado.<sup>120</sup> Foram anos em que o Partido Comunista se viu isolado e foi progressivamente minado por medidas governamentais conservadoras que espalharam o “pavor vermelho”, reprimindo quem se identificasse com essa ideologia. Muitos dos seus partidários foram levados à prisão e outros caíram na clandestinidade para evitar o mesmo destino. O senador Mc Carthy frequentemente acusava funcionários do governo de espionagem soviética, perseguindo também políticos e cidadãos norte-americanos que pudessem estar associados à “subversão”. O anticomunismo foi normatizado, tornando-se política de Estado.<sup>121</sup>

Como advertiu Rodrigo Sousa,

---

<sup>120</sup> MATTSON, Kevin. *Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970*. Pennsylvania State University Press, 2002.

<sup>121</sup> SOUSA, Rodrigo Farias de. “A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Weathermen (1960-1969)”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2007.

“(…) O HUAC ( House of Unamerican Activities Committe, Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara) fora criado em 1938 e já dedicava a maior parte de suas energias ao combate à influência comunista (real ou imaginária) em órgãos e programas do New Deal. (...) Em 1940, o Congresso aprovou a Lei Smith, pela qual seriam punidos todos aqueles que defendessem a derrubada do governo americano (o que obviamente, se aplicava também aos defensores de ideologias revolucionárias como o comunismo).”<sup>122</sup>

Diante de uma economia norte-americana próspera, os historiadores do período enumeram outros elementos importantes que, de alguma forma, foram relevantes para a emergência da Nova Esquerda: o papel desempenhado pelos jovens e pelos trabalhadores. A parcela jovem da população estadunidense ganhava visibilidade econômica dentro do universo de consumidores, constituindo um nicho com identidade singular para o mercado, que se voltava cada vez mais a atender as suas necessidades.<sup>123</sup> Além disso, graças ao aumento demográfico e ao estabelecimento da G.I. Bill of Rights, que garantiu aos veteranos da Segunda Guerra acesso a financiamento, os jovens passaram a ocupar em maior número as cadeiras das Universidades.<sup>124</sup> A vivência universitária na sua totalidade, o conhecimento das suas deficiências, estruturas autoritárias, burocratização e funcionamento empresarial, seriam ingredientes somados ao conjunto de reivindicações da década de 1960. Por conta disso, os estudantes se levantaram contra uma Universidade que representava o status quo, usada para fomentar a indústria bélica e promover o controle social, instrumentalizando o saber a favor do poder.

Enquanto os jovens ascendiam, os trabalhadores saíam de cena. O pós 2ª Guerra Mundial inaugurou uma mudança nas relações entre os sindicatos e seus empregadores com expressivo enfraquecimento dos primeiros. Sousa explica que em virtude dos ganhos extraordinários, as indústrias “generosamente” passaram a converter parte da receita em benefícios aos trabalhadores, ainda que o consumidor pagasse a conta final, já que aos produtos era acrescido um valor adicional. Essa estratégia acabou atenuando os conflitos e, em certa medida, as empresas assumiram algumas responsabilidades do poder público como, por exemplo, a assistência médica. Num contexto marcado por leis que limitavam a possibilidade de manifestações trabalhistas<sup>125</sup>, o movimento dos

---

<sup>122</sup> Ibid, p. 46.

<sup>123</sup> KAZIN, Michael. “Not with my life, you don’t, 1950s – 1980s . “ In: American Dreamers: how the left changed a nation. Random House, 2011.

<sup>124</sup> SOUSA, Rodrigo Farias de. “A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Weathermen (1960-1969)”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2007.

<sup>125</sup> Como exemplo de lei que retrocede as conquistas do Movimento dos Trabalhadores nos Estados Unidos, pode-se citar a Lei Taft-Hartley (Taft-Hartley Act) de 1947, também conhecida por Labor Management Relations Act. Com a justificativa de legislar para organizar a relação entre empregados e

trabalhadores perdeu força política. Em substituição às demandas nacionais por reformas sociais que alcançassem a todos, o movimento se satisfez com negociações a nível local, aceitando, frequentemente, propostas de reajustes automáticos. Segundo Michael Kazin, “esse tipo de barganha (...) ajudou a transformar um movimento sindical ativo e fortemente progressista em uma das bases do sistema político-econômico vigente.”<sup>126</sup>

No campo cultural, desconfortável com uma nação tida por conservadora, um grupo de indivíduos buscou refúgio na literatura para externar sua ansiedade e a sua falta de identificação com as políticas estadunidenses. Essa manifestação artística foi denominada movimento beat, inaugurando a Contracultura<sup>127</sup>. Embora composta numericamente por poucas pessoas, seu impacto foi bastante significativo. Calcada na liberdade, transformou-se na possibilidade de uma postura resistente e reativa à conformidade, ainda que não tivesse se desdobrado num projeto político.

Dois grandes expoentes da geração beat, Jack Kerouac e Allen Ginsberg alimentaram por meio de suas obras a crítica à sociedade norte-americana. “On the Road”, por exemplo, lançado em 1957, expressou a sensação claustrofóbica de quem necessitava cair na estrada, viajar para fugir da realidade, se salvar e descobrir o novo. Já Allen Ginsberg no poema “América”, de 1956, deixou transparecer uma preocupação mais politizada, posicionando-se contra uma postura belicista, associando liberdade individual com as esferas social e política e homenageando, ao mesmo tempo, uma tradição de dissenso nos Estados Unidos. Recuperou através de objetiva citação a memória de uma série de casos emblemáticos associados à Esquerda Comunista, o que leva a pensar que para essa geração ela não era vista com tanta negatividade.

---

empregadores, essa lei resultou em restrições para os primeiros e benefícios para os últimos. Proibiu o closed shop – que permitia apenas a contratação de empregados sindicalizados – e as contribuições dos sindicatos à campanhas eleitorais federais. Exigiu dos sindicatos que enviassem relatórios financeiros ao Secretário de Trabalho, e que seus funcionários apresentassem, todos os anos, declarações escritas negando a filiação ao comunismo. Estipulava uma espera de sessenta dias para a convocação de uma greve, autorizando o Conselho Nacional de Relações dos Trabalhadores a requerer mandados judiciais para impedir greves de solidariedade, greves que envolvessem disputas jurisdicionais e que pusessem em risco a saúde ou seguranças nacionais. Sujeitou também os sindicatos a processos sob alegação de violação de contrato. Ver: Syrrett (org.) Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 321.

<sup>126</sup> KAZIN, Michael. “Not with my life, you don’t, 1950s – 1980s . “ In: American Dreamers: how the left changed a nation. Random House, 2011, p. 36.

<sup>127</sup> É preciso ressaltar que quando falo de inauguração da Contracultura, quero marcar a contracultura beat especificamente, pois, ao longo da história, a sociedade estadunidense abrigou variados movimentos que expressaram contraculturas num sentido mais amplo, enquanto movimentos de resistência à cultura hegemônica.

“(…) Não aguento mais minha própria mente  
 América, quando acabaremos com essa guerra humana?  
 Vá se foder com sua bomba atômica.  
 Não estou legal, não me encha o saco. (...)  
 América, quando é que você será angelical? (...)  
 Quando você se olhará através do túmulo? (...)  
 Estou cheio das suas exigências malucas. (...)  
 América, fico sentimental por causa dos Wooblies.<sup>128</sup>  
 América, eu era comunista quando criança e não me arrependo. (...)  
 Você deveria ter me visto lendo Marx.  
 Meu psicanalista acha que estou muito bem.(...)  
 América, liberte Tom Mooney.<sup>129</sup>  
 América, salve os legalistas espanhóis.  
 América, Sacco&Vanzetti<sup>130</sup> não podem morrer.  
 América, sou os garotos de Scottsboro<sup>131</sup>  
 América, quando eu tinha sete anos minha mãe me levou a uma reunião da  
 célula do Partido Comunista, eles nos vendiam amendoins, um bocado por um  
 bilhete, um bilhete por um centavo e todos podiam falar, todos eram angelicais  
 e sentimentais para com os trabalhadores, era tudo tão sincero, você não  
 imagina que coisa boa era o Partido em 1935. (...)  
 América, na verdade você não quer ir à guerra. (..)”<sup>132</sup>

<sup>128</sup> Wobblies foram os membros do Industrial Workers of the World (IWW), uma organização anarcossindicalista criada em 1905 como alternativa ao que identificavam como sindicalismo solidário e subserviente ao capitalismo, na época representado pela American Federation of Labor – AFL. Ver: DEBS, E.V. “Speech at the Founding Convention of the Industrial Workers of The World, 29/06/1905. Disponível em <http://www.marxists.org/archive/debs/works/1905/iwwfound.htm>

<sup>129</sup> Tom Mooney foi membro do Partido Socialista, integrando ativamente a campanha de Eugene Debs para a presidência. Participou do processo de sindicalização da United Railroads de São Francisco e em contraposição à política estatal, se opôs ao incentivo de militarização, além de ter se envolvido na Primeira Guerra Mundial. Foi acusado de promover um atentado a bomba durante um ato político favorável à guerra, que teve como consequência a morte de 10 pessoas. Embora não houvesse provas do seu envolvimento no episódio, Mooney permaneceu mais de 20 anos preso. CRESSWELL, Stephen. “Free Tom Mooney”. Buttons and Ballots, vol. 16, março de 1998.

<sup>130</sup> Anarquistas de origem italiana, Ferdinando Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram condenados e executados injustamente pela morte de dois homens ocorrida durante um assalto em Massachussets na década de 1920. “The Trial of Sacco and Vanzetti”, 2001. Ver: <http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/SaccoV/SaccoV.htm>

<sup>131</sup> O caso dos Scottsboro Boys ocorreu no Alabama em 1931. Duas mulheres brancas acusaram nove homens negros de tê-las violentado durante uma viagem de trem. Esses homens foram levados a julgamento mesmo na ausência de evidências que pudessem incriminá-los. Na época, um exame comprovou que o material genético encontrado no corpo das mulheres datava do dia anterior ao do suposto estupro. Além disso, uma testemunha afirmou ter tido relação sexual consentida com uma delas. Ainda assim, os homens foram declarados culpados e condenados à morte, permanecendo longo período presos. O caso ganhou imensa repercussão, visto que o Partido Comunista foi o articulador da campanha de defesa dos réus em denúncia das arbitrariedades. “The Trial os Scottsboro Boys”. Ver: <http://law2.umkc.edu/faculty/projects/FTrials/scottsboro/scottsb.htm>

<sup>132</sup> “ (...) I can’t stand my own mind. America when will we end the human war? Go fuck yourself with your atom bom. I don’t feel good don’t bother me. (...) America when will you be angelic? (...) When will you look at yourself through the grave? (...) I’m sick of your insane demands. (...) America I feel sentimental about the Wooblies. America I used to be communist when I was a kid I’m sorry. (...) You should have seen me reading Marx. My psychoanalyst thinks I’m perfectly right. (...) America free Tom Mooney. America save the Spanish Loyalists. America Sacco & Vanzetti must not die. America when I was seven momma took me to Communist Cell meetings, the should us garbanzod a handful per ticket costs a nickel anda the speeches were free everybody was angelic and sentimental about the workers it was all to sincere you have no idea what a good thing the party was in 1935. America you don’t really want to go to war.” GINSBERG, Allen. “O Uivo e outros poemas.” L&PM Pocket, 2010.

O fim dos anos 1950 expuseram, ainda, as atrocidades cometidas pelos regimes totalitaristas, o terror ao qual aquelas sociedades estiveram submetidas, mas também, na avaliação de Hannah Arendt, a superfluidade dos homens, transformados em massa, um amontoado de gente que não pertence a nenhum grupo social e que tem suas ações orientadas para a satisfação da vida pública, perdendo, assim, sua liberdade, sua capacidade de pensar.<sup>133</sup> A associação do governo de Stálin a essa definição de totalitarismo provocou verdadeiro choque entre os militantes da esquerda. A partir daí, muitos partidários da perspectiva marxista, não necessariamente apenas stalinistas, se frustraram com aquele comportamento da Velha Esquerda, e buscaram uma alternativa, tentando se encaixar politicamente no mundo, novamente. Como bem lembra Kevin Mattson o antistalinismo não equivalia à adoção do conservadorismo, à opção irreversível pela direita. Houve outras possibilidades e a Nova Esquerda foi uma delas.<sup>134</sup>

O elemento que conferiu a essa Nova Esquerda um caráter original, como o próprio termo sugere, foi exatamente a sua contraposição a uma Velha Esquerda<sup>135</sup>, embora a conexão entre as duas correntes seja muito mais complexa do que essa afirmação possa insinuar à primeira vista. Esse novo radicalismo, situa Kazin, despontou a partir do ano de 1956 em resposta a dois acontecimentos cruciais. Em primeiro lugar, como base fundacional para a nova perspectiva, a divulgação através da figura de Nikita Krushchev, do relatório de comprovação dos crimes cometidos pelo regime stalinista na União Soviética. Em seguida, a violenta interrupção, comandada pelo mesmo Krushchev, da revolução democrática húngara. Abalada, uma fração dissidente do Partido Comunista da Grã-Bretanha, num quadro de críticas levantadas à ação repressora da URSS, foi apontada como responsável por cunhar a denominação New Left.

Compreendendo-a como um fenômeno de abrangência internacional, Georges Katsiaficas identificou, dentro de uma base comum, determinadas características enumeradas, posteriormente, pela pesquisa de Rodrigo Sousa. Foram elas:

“1. Oposição à dominação racial, política e patriarcal, bem como à exploração econômica; 2. Liberdade para criar novos seres humanos (...)”, enfatizando

---

<sup>133</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>134</sup> MATTSON, Kevin. *Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970*. Pennsylvania State University Press, 2002.

<sup>135</sup> KAZIN, Michael. “Not with my life, you don’t, 1950s – 1980s”. In: *American Dreamers: how the left changed a nation*. Random House, 2011, p. 213.

valores como a espontaneidade, a autonomia individual, e o senso de comunidade; 3. A extensão do processo democrático (...) com a proposição de assembleias inclusivas capazes de acomodar as mais diferentes tendências (...) evitando-se métodos coercitivos tipicamente stalinistas; 4. Um base 'revolucionária' ampla que consagrasse tanto o proletariado quanto os demais grupos marginalizados pela sociedade; 5. A ênfase na ação direta (...) acionismo como método de integração entre teoria e prática, que desse preferência à ocupação de espaços públicos por meio de piquetes, sit-ins, a tomada de prédios."<sup>136</sup>

Em 1960, o sociólogo estadunidense C. Wright Mills redigiu "Letter to the New Left" (Carta para a Nova Esquerda) endereçada inicialmente à comunidade britânica, onde o movimento despontou, mas também a quem mais fizesse parte dessa tendência. Através do documento, o autor manifestou a sua inquietação com "a doença da complacência" e a "celebração da apatia", o que reconhecia como problemas, deixando clara, logo no primeiro parágrafo do seu texto, a intenção de iniciar o debate sobre o cenário político cultural da época, sem a pretensão de encerrar a discussão. Mills se posicionou e dividiu com os leitores algumas de suas angústias, críticas e valores. A Carta para a Nova Esquerda nada mais é do que um ensaio que pontua algumas consequências da decepção com o regime socialista, bem como vislumbra situar e identificar os agentes sociais para a mudança.

Através da Carta, Mills recusava a tese do "fim da ideologia", de 1960, elaborada pelo pensador norte-americano Daniel Bell<sup>137</sup>, ex-militante da esquerda dos anos 30. O fim da ideologia desacreditava o regime soviético, defendendo o capitalismo como uma boa alternativa. Apoiada na ideia de uma economia próspera no Ocidente, a tese, na visão de Mills, emergiu como resultado de

"uma desilusão com qualquer compromisso real com o socialismo, sob qualquer forma reconhecível (...) slogan da complacência (...). Em última análise, também repousa sobre uma descrença na formação de seu próprio futuro pelos homens. (...) o fim da ideologia é evidentemente ela própria uma ideologia (...) é, na realidade, a ideologia do fim da reflexão política como fato público; (...) caminho aberto para muitos escritores aceitarem e justificarem o status quo."<sup>138</sup>

<sup>136</sup> SOUSA, Rodrigo Farias de. "A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Weathermen 1960-1969". Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2007 pp. 14-16.

<sup>137</sup> Segundo Mattson, Daniel Bell trocou definitivamente uma postura marxista dos anos 1930 pelo anticomunismo em 1952 ao entrar para o Congress for Cultural Freedom. Entre tantas diferenças, apesar de submetidos ao mesmo cenário, o autor situa como principal distinção entre Bell e Mills o fato de que conceberam respostas divergentes ao ambiente do pós-guerra.

<sup>138</sup> "Ultimately, the end-of-ideology is based upon a disillusionment with any real commitment to socialism in any recognisable form. (...) The end-of-ideology is a slogan of complacency (...) In the final analysis, it also rests upon a disbelief in the shaping by men of their own futures. (...) the end-of-ideology is of course itself an ideology (...) The end-of-ideology is in reality the ideology of an ending of political reflexion itself as a public fact. (...) an ideology of politic complacency which seems the only

O sociólogo equiparou a tese à recusa de ideais políticos e humanos, à negação de uma filosofia política, enxergando-a como verdadeiro modismo, que necessitava ser superado. Chamou atenção para o fato de que seus adeptos “se tornaram conscientes da inutilidade do marxismo vulgar, mas ainda não (...)” estavam “conscientes da inutilidade da retórica liberal.” Dessa maneira, explicitou uma crítica ao liberalismo, partilhando de uma proximidade com a matriz esquerdista. No entanto, ao contrário daqueles que alçavam principalmente a classe trabalhadora e o campesinato ao papel de agentes históricos propulsores da transformação, Mills colocou essa responsabilidade sobre a juventude mundial, os radicais, nas suas palavras, eram a jovem intelligentsia.

“Na Turquia após manifestações estudantis, uma junta militar assumiu um estado recentemente conduzido pelo comunista Container Menderes. Na Coreia do Norte, também estudantes e outros derrubaram o corrupto regime fantoche americano de Syngman Rhee. Em Cuba uma revolução genuinamente de esquerda começa uma reorganização econômica de grande escala sem a dominação das corporações dos Estados Unidos. A idade média de seus líderes: 30 anos – e certamente uma revolução sem qualquer sindicato como agente. Em Taiwan, oito milhões de taiwaneses sob a ditadura norte-americana imposta por Chiang Kai-shek, com seus dois milhões de chineses que se tornam crescentemente rebeldes. Em Okinawa – base militar norte-americana – as pessoas têm sua primeira chance desde que a II Guerra Mundial terminou para protestar contra o confisco de sua ilha pelos Estados Unidos e alguns estudantes aproveitaram a oportunidade para dançar e cantar de forma irada ao presidente em visita: ‘ – Vá para casa, vá para casa, retire seus mísseis. ’ ”<sup>139</sup>

Como reafirmam Kazin e Van Goose, a juventude se tornou lugar de fala essencial, prerrogativa para o protesto e a denúncia, passando a ocupar prioritariamente o espaço do ativismo em detrimento da classe trabalhadora, para Mills, em particular, e para demais teóricos e seguidores da New Left, em geral. Contudo, antes de depositar integralmente nos jovens o potencial para mudança, até o fim dos anos 1940, Mills acreditou que os trabalhadores pudessem organizar as transformações necessárias. Essa ideia foi substituída, quando constatou que o movimento dos trabalhadores nos Estados

---

way now open for many writers to acquiesce in or to justify the status quo.” Disponível em: <http://www.marxists.org/subject/humanism/mills-c-wright/letter-new-left.htm>, pp. 2, 3 e 5.

<sup>139</sup> “In Turkey, after student riots, a military junta takes over the state of late run by Communist Container Menderes. In South Korea too, students and others knock over the corrupt American-puppet regime of Syngman Rhee. In Cuba, a genuinely left-wing revolution begins full-scale economic reorganization without the domination of US corporations. Average age of its leadres: about 30 – and certainly a revolution without any labor as agency. On Taiwan, the eight million taiwanese under the American imposed dictatorship of Chiang Kai-shek, with his two million chinese, grow increasingly restive. On Okinawa – a US military base – the people get their first chance since World War II ended to demonstrate against US seizure of their island and some students take that chance, snake-dancing and chanting angrily to the visiting President: “Go home, go home – take away your missiles”. Disponível em: <http://www.marxists.org/subject/humanism/mills-c-wright/letter-new-left.htm>, p. 9.

Unidos havia se tornado um dos pilares do capitalismo, contribuindo sobremaneira para sua consolidação.<sup>140</sup>

Apesar de ter identificado na sociedade estadunidense uma propensão à massificação, enxergando uma tendência à apatia e à negligência da dimensão pública, Mills estava certo de que, a despeito da manipulação dos meios de comunicação, não era justo considerar a impossibilidade do protesto e do pensamento crítico dentro dos Estados Unidos como um todo. Foi exatamente nessa direção que as suas reflexões e ações caminhavam. De fato havia quem externasse a sua insatisfação diante da política governamental. Foi assim, durante o protesto em oposição ao HUAC, do qual Mills participou, e as manifestações anti-bélicas, com o passar do tempo entendidas pelo sociólogo como uma boa oportunidade para lançar um debate sobre o exercício da democracia.<sup>141</sup>

Inspirado no Pragmatismo<sup>142</sup>, o pensador ressaltava ser imprescindível dar voz e espaço aos norte-americanos para que juntos dividissem a administração, partilhando o poder de decisão. Retomando o pensamento de John Dewey e a experiência de autogoverno de pequenas cidades nos Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX, enfatizou a esfera pública da democracia que integraria os cidadãos visando uma “deliberação cara-a-cara.” Sugerindo, dessa maneira, a aproximação entre a população e as esferas do poder, Mills criticava “a burocratização e a centralização dos meios de poder.” Para fazer a democracia romper os limites da simples retórica na sociedade norte-americana, Mills recorreu, ainda, a Thomas Jefferson para sugerir um trabalho de educação voltada para os adultos, quer dizer, nas universidades.<sup>143</sup>

Por ocasião da invasão a Cuba, Mills recorreu a outro pensador Pragmático, dessa vez, William James, para criticar a expansão na ilha e as ambições imperialistas

---

<sup>140</sup> MATTSON, Kevin. “The godfather, C. Wright Mills: the intellectual as agent.” In: *Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970*. Pennsylvania State University Press, 2002.

<sup>141</sup> Ibid.

<sup>142</sup> O Pragmatismo foi uma corrente filosófica do fim do XIX e início do XX bastante crítica a alguns paradigmas fundadores da sociedade norte-americana. Optando por uma visão de América como mutável, construída continuamente através da experiência do homem e sua capacidade de atribuir valores e sentido às coisas, o Pragmatismo buscou assegurar a autonomia do pensamento individual atrelando-a ao comprometimento com o ativismo. Nesse sentido, sugeriu a proeminência do agente, a valorização da prática em detrimento da teoria. Ver: AZEVEDO, Cecília. “Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do século americano: William James e o Pragmatismo.” In: *Diálogos*, Maringá: UEM/DHI, v. 7, pp. 25-36, 2003.

<sup>143</sup> MATTSON, Kevin. “The godfather, C. Wright Mills: the intellectual as agent.” In: *Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970*. Pennsylvania State University Press, 2002.

estadunidenses. Vale lembrar que William James foi o criador da Liga Anti-imperialista no contexto da guerra Hispano-Americana, rejeitando o imaginário que identificava o país como cidade no topo da colina. Para ele não cabia estabelecer os EUA como referencial a ser seguido, tampouco se fazer valer de uma excepcionalidade para adotar uma postura civilizatória que impunha seu poder econômico e político ao resto do mundo. William James acreditava ser essencial reconhecer a legitimidade das práticas culturais de outros povos, independentemente da possibilidade de compreensão delas. Defensor da não intervenção, recusou-se a apoiar a Doutrina Monroe, que submetia todas as Repúblicas Americanas a ingerência estadunidense. Condenou a teoria que declarava a superioridade dos EUA como encarregados de promover a paz, estender os preceitos de liberdade e democracia a regiões onde, por ventura, julgassem que esses valores não estivessem sendo desenvolvidos. Sua visão de americanismo, no que se refere à política externa, se afastava totalmente da apresentada por Theodore Roosevelt, que sustentava o conflito armado contra as Filipinas, por exemplo, como demonstração de virilidade, coragem, encarando-o como uma missão da nação. James inverteu esses argumentos se posicionando contra a guerra, em nome da democracia, do direito de autogoverno das sociedades, em substituição ao nacionalismo marcado por uma noção etnocêntrica que, a seu ver, norteava as ações do governo do seu tempo.<sup>144</sup>

Além da figura de Wright Mills, Arnold Kaufman foi mais um intelectual que alimentou a emergente Nova Esquerda dos Estados Unidos com as suas ideias. Na sua perspectiva, diante do cenário conservador vivenciado a época, que desprezava tanto o socialismo, quanto a democracia, uma postura de esquerda não poderia se furtar de construir sua visão tendo a democracia como eixo preponderante. Integrante do movimento pelos direitos civis e estabelecendo contato com o movimento pacifista, Kaufman também se reportou à tradição Pragmática para desenvolver o seu pensamento. Nesse sentido, defendeu que o exercício democrático seria capaz de educar as pessoas, transformando-as em cidadãos com meios para analisar, criticar e propor qualquer iniciativa política. Para que isso fosse possível, cunhou o conceito de democracia participativa, que foi abraçado pela New Left por chamar atenção para uma

---

<sup>144</sup> AZEVEDO, Cecília. “Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do século americano: William James e o Pragmatismo.” In: Diálogos, Maringá: UEM/DHI, v. 7, pp. 25-36, 2003.

nova divisão do poder, fazendo com que os indivíduos se apoderassem das decisões de forma coletiva.<sup>145</sup>

Na medida em que sublinhava a importância da democracia, Kaufman não rejeitava em absoluto o liberalismo, insinuando uma combinação entre o primeiro e o radicalismo. Segundo o pensador, a tradição política liberal que previa a obtenção de direitos, senso de comunidade e estado de bem estar social, visando à promoção de iguais oportunidades aos indivíduos tinha em si mesma uma conotação radical. Seria preciso, então, buscar desenvolver esse estado de bem estar social, aprofundando o elemento democrático, há tempos esquecido.<sup>146</sup>

Especificamente a respeito de uma possível interação entre a esquerda e o liberalismo, Doug Rossinow recua ao final do século XIX para examinar uma tradição nos Estados Unidos que nomeia por liberal-left, revelando aspectos convergentes em substituição da imagem antagônica, carregada de hostilidade entre radicais e liberais. Segundo a sua periodização, entre 1880 e 1940 houve considerável cooperação entre as duas vertentes, com um abalo durante o período da 1ª Guerra Mundial e o rompimento definitivo nos anos 1940. O autor revela que a aproximação estratégica e, por vezes, conflituosa foi possível em virtude da corrente reformadora liberal que estava amparada numa ideia de progresso social, capaz de reunir esforços de ambas as partes. Cita como materialização dessa cooperação a Frente Popular (1935-1948), que colocou lado a lado liberais e comunistas em amparo às políticas do New Deal, almejando uma pauta social-democrata e inserindo na sua agenda a luta pela igualdade racial.<sup>147</sup>

Com a separação entre as duas correntes nos anos 1940, num contexto de Guerra Fria, ser radical supunha uma identificação viável a partir da distinção ao que se presumia ser liberal. Num período marcado pela bipolaridade, liberais não compartilhavam de movimentos contrários ao sistema norte-americano. Não havia mais,

---

<sup>145</sup> MATTSON, Kevin. “Arnold Kaufman, Radical Liberal: liberalism rediscovered.” In: *Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970*. Pennsylvania State University Press, 2002.

<sup>146</sup> Ibid.

<sup>147</sup> A concepção política liberal estadunidense é bastante distinta da leitura latino-americana que se faz do conceito. Nos EUA, o sentido se afasta do tradicional viés clássico no âmbito econômico, uma vez que assim foram identificadas personalidades que defenderam projetos reformistas, como o New Deal de Roosevelt na década de 1930, por exemplo. Ao mesmo tempo os setores conservadores associam liberalismo e comunismo ao repudiarem os projetos de ampliação da cobertura assistencial e as proposições de maior intervenção do Estado na regulação das relações econômico-sociais inauguradas pelo New Deal. Ver: AZEVEDO, Cecília. “Sob fogo cruzado: a política externa e o confronto de culturas políticas nos EUA.” In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005.

entre eles, espaço para apontar defeitos ao capitalismo. Mediante essa nova configuração, enquanto os “radicais de esquerda” foram aqueles que situaram um valor extremamente alto na igualdade, submetendo o capitalismo a “severas críticas morais, a respeito da sua alegação exploratória e aspecto desumano”, os liberais se definiam pela preocupação com a “liberdade individual, direitos naturais, governo constitucional e soberania dos ‘povos’”<sup>148</sup>

O autor acrescenta que embora afirme a presença do ideal socialista no imaginário dos ativistas da Nova Esquerda, ele serviu para manter um horizonte de crítica e reflexão sobre reformas necessárias, mas “um esquerdista não era necessariamente socialista”. Na prática, em órbita nacional, observa que essa Esquerda se comportou como verdadeira representante do ideal liberal, assumindo o compromisso de estender a toda população direitos que somente faziam parte do cotidiano de determinados grupos, o que causava a exclusão de outros. Já no nível internacional ela frequentemente demonstrou apoio a regimes revolucionários. Ainda de acordo com a avaliação de Roussinow, a Nova Esquerda organizou-se como uma alternativa a dois extremos: o comunismo e o anticomunismo, evidenciando, o valor da democracia como principal arma de combate à ansiedade e alienação que afligiam uma geração.

Explorando as interações que se estabeleceram entre a Nova Esquerda e o existencialismo, o autor pondera que os princípios existencialistas conferiram maior inteligibilidade ao movimento, influenciando de maneira decisiva no entendimento do sentido que os ativistas atribuíam à movimentação política. Tendo em vista esse raciocínio, do interior da Nova Esquerda eram percebidos dois tipos distintos de alienação – noção que aludia a um sentimento de estranhamento, afastamento, não pertencimento – que fizeram despontar a ação sócio-política. Uma primeira conotação para alienação dava conta de um processo de marginalidade política, contra o qual o movimento pelos direitos civis, por exemplo, lutou, exigindo a integração dos negros à sociedade norte-americana. A segunda acepção de alienação sublinhava um mal-estar associado à vida material, à inércia daquela sociedade da afluência, da qual os Estados Unidos eram o maior ícone. Esse quadro fez crescer a ambição por autenticidade em dois polos, frequentemente conjugados: o da vida política e o da vida pessoal. O engajamento, para os que integraram os movimentos da Nova Esquerda, significava a possibilidade de por fim à ansiedade.

---

<sup>148</sup> ROSSINOW, Doug. Introduction. In: *Visions of Progress: The Left-Liberal tradition in America*. PENN: University of Pennsylvania Press, 2008, p.10.

Experimentando um deslocamento dentro do próprio país e rejeitando valores comuns a uma maioria, mas que eram alheios a sua forma de pensar, os radicais apoiaram-se num movimento de “busca pela mudança” e de “desejo de romper barreiras sociais existentes.”<sup>149</sup> Numa visão humanista, através da formação de uma comunidade que compartilhasse objetivos comuns, deveriam recuperar um mundo doente por meio da ação coletiva. Como desdobramento interessante, transcenderam uma alienação interna, tomando consciência dos problemas sociais, para caírem num tipo de alienação, aos seus olhos, passível de admiração.

“Gradualmente, afirmando sua própria autenticidade radical, membros da nova esquerda viam a si mesmos formando uma ilha de integridade e vitalidade em uma terra aviltada e sem vida. Apesar da sombra da alienação interna ainda pairar sobre os seus ombros, ativistas da nova esquerda agora sentiam-se menos alienados consigo mesmos; ao mesmo tempo, eles se tornavam mais alienados da sociedade que os aborrecia.”<sup>150</sup>

Conhecida como marco inicial da Nova Esquerda, a SDS (Student for a Democratic Society) – uma das organizações símbolo do radicalismo dos anos 1960 – esboçou uma definição dessa corrente política na conclusão do seu manifesto base – Declaração de Port Huron –, ressaltando, sobretudo, o poder jovem, justificando a condição de vanguarda para os jovens universitários e, estabelecendo, de certa forma, um recorte elitista dessa Esquerda que acabava de emergir nos Estados Unidos.

- “1. Qualquer nova esquerda na América deve ser, em grande medida, uma esquerda com reais habilidades intelectuais (...) A universidade permite que a vida política seja um adjunto da acadêmica, e que a ação seja informada pela razão;
2. Uma nova esquerda deve se distribuir em papéis sociais significativos em todo país. As universidades se distribuem assim;
3. Uma nova esquerda deve consistir de gente mais jovem que amadureceu no mundo pós-guerra, e parcialmente se dirija para o recrutamento de (outros) jovens. A universidade é um óbvio ponto de partida;
4. Uma nova esquerda deve unir liberais e socialistas, os primeiros por sua relevância, os últimos por seu senso de reformas amplas no sistema. A universidade é o local mais sensível que um partido político para que essas duas tradições comecem a discutir suas diferenças e procurar uma síntese política;

---

<sup>149</sup> ROSSINOW, Doug. “From the Age of Anxiety to the Politics of Autenticity.” In: *The Politics of Autenticity: Liberalism, Christianity, and the New Left in America*. Nova York: Columbia University Press, 1998.

<sup>150</sup> *Ibid*, p. 19. “Having gradually come to assert their own radical authenticity, new leftists came to see themselves forming an island of integrity and vitality in a debased, lifeless land. Although the shadow of inner alienation still hovered over their shoulders, new left activists now felt less alienated within themselves, at the same time, they had become far more alienated from the society that bore them.”

5. Uma nova esquerda deve iniciar a controvérsia pelo país, se for para reverter as políticas e a apatia nacionais. A universidade ideal é uma comunidade de controvérsia (...)

6. Uma nova esquerda deve transformar a complexidade moderna em questões que possam ser entendidas e sentidas de perto pelo ser humano. Ela deve dar forma aos sentimentos de impotência e indiferença, de modo que as pessoas possam ver as fontes políticas, sociais e econômicas de seus problemas pessoais e se organizar para mudar a sociedade, em uma época de suposta prosperidade, complacência moral e manipulação política, uma nova esquerda não pode confiar apenas em barrigas vazias para ser a força motriz da reforma social. (...)<sup>151</sup>

A despeito dessa definição, engana-se quem pensa que a Nova Esquerda foi composta apenas pelo movimento estudantil ou se limitou a SDS. Van Goose assegura que se trata de algo bem mais plural do que as conhecidas narrativas exclusivamente orientadas para a SDS. Vale dizer que essa Nova Esquerda se diferenciava da antiga, pois não reuniu os seus ativistas em torno de um partido, uma célula única. Por conta disso, apresentou uma variedade de organizações e movimentos, combinando diferentes perspectivas e sujeitos. É nesse sentido, de uma esquerda fragmentada, que esse estudo pretende enxergar a Nova Esquerda. Logo, toma como válida a concepção de que ela representa um “movimento de movimentos”, caracterizado por fluxos constantes de experiências, ideias e tensões, incluindo a possibilidade de adoção de recursos tipicamente pertinentes à Velha Esquerda, outrora recusados. A própria SDS é um exemplo de como, com o passar do tempo, a organização se transformou, interagindo com grande intensidade com o movimento negro, especialmente com o SNCC (Student Nonviolent Coordinating Committee), até que, em seus últimos anos, assumisse uma postura alinhada ao uso da violência, princípio que não havia se manifestado na sua origem. Considerando, então, uma descentralização da imagem da SDS, deve-se assumir, portanto, que a Nova Esquerda não terminou com o fim dessa organização.

A fim de evitar interpretações que não reconheçam seu papel político e desvalorizem o seu caráter inovador, Van Goose explica que

“(...) não é adequado definir a Nova Esquerda como caótica ou sem estrutura. Preferivelmente, é mais apropriado entendê-la como esquerda policêntrica, que engloba uma série de movimentos sociais sobrepostos e contingentes, cada um com seu próprio centro de poder, que se relacionaram entre si através de uma série de arranjos estratégicos.”<sup>152</sup>

<sup>151</sup> In: SOUSA, Rodrigo Farias de. “A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Weathermen 1960-1969”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2007, p.100.

<sup>152</sup> (...) it is not adequate to define the New Left as a Chaotic and lacking any structure. Rather, it is properly understood as a ‘polycentric’ left encompassing a series of overlapping, contingent social movements, each with its own centers of power, that related to each other through a series of strategic

Por não se enquadrar numa forma rígida, limitando-se a uma causa no singular, a Nova Esquerda acolheu anseios os mais diversos no interior da sociedade norte-americana, dando vazão a uma verdadeira busca identitária, tanto em relação a si mesma como movimento, quanto numa dimensão mais individual entre seus participantes. Essa esquerda fluida, como qualificou Van Goose, esforçou-se para estabelecer como sua principal meta a solidariedade. Atrelada à subjetividade e a um ponto de vista moral, não raro essa solidariedade extrapolou as fronteiras dos Estados Unidos, alcançando países do Terceiro Mundo. A partir desse paradigma, Cecilia Azevedo<sup>153</sup> salienta que se acentuou uma militância não mais ligada à experiência soviética, mas relacionada, sobretudo, aos processos de descolonização africanos e asiáticos, bem como os processos revolucionários latino-americanos. Entre as pautas desse ramo da esquerda é possível enumerar o apoio às causas do movimento negro, feminista, gay, ambientalista e pelos direitos humanos. Margaret Power destaca, ainda, que em razão das lutas anticoloniais e do movimento pelos direitos civis datados de 1950-1960, abriu-se um espaço para que os norte-americanos avaliassem as ações de seu governo de uma forma mais crítica.<sup>154</sup>

Particularmente em relação ao interesse dos ativistas estadunidenses pelos movimentos político-sociais da América Latina, os historiadores pontuam a Revolução Cubana como marco fundacional de um diálogo efetivo entre as esquerdas nas Américas. James Green sublinha que no final da década de 50, os estudos universitários que privilegiavam a região nos Estados Unidos atingiam índices inexpressivos. No entanto, a partir da tomada de poder de Fidel em Cuba, o governo norte-americano passou a estimular o desenvolvimento de núcleos de pesquisa voltados para o continente americano. A iniciativa originalmente pensada para garantir a hegemonia estadunidense no contexto de Guerra Fria, acabou contribuindo para formar uma quantidade de jovens em oposição à política externa norte-americana.<sup>155</sup> Se em 1954 o golpe político e a

---

arrangements. Ver: VAN GOOSE. "A Movement of Movements: The Definition and Periodization of the New Left." In: AGNEW, Jean-Christophe; ROSENZWEIG, Roy (org.) *A Companion to post-1945 America*. Wiley-Blackwell Publishing, 2006.

<sup>153</sup> AZEVEDO, Cecília. "Sob fogo cruzado: a política externa e o confronto de culturas políticas nos EUA." In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005.

<sup>154</sup> POWER, Margaret. "The U.S. Movement in Solidarity with Chile in the 1970s." In: *Latin American Perspectives*, volume 36, nº6, novembro de 2009.

<sup>155</sup> GREEN, James. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

intervenção militar na Guatemala<sup>156</sup> apoiados pela CIA mobilizaram poucas pessoas, nas décadas seguintes a mobilização em favor dos governos latino-americanos foi crescendo gradualmente.

Citando Thomas C. Wright, Margaret Power recorda que

“ a Revolução Cubana ‘violou dois cânones da política de Washington para a América Latina.’ Primeiro, expropriou holdings norte-americanas na ilha ‘sem plena e imediata compensação’, desafiando, assim, uma ‘regra fundamental [ que estava em operação] desde o início da expansão econômica dos Estados Unidos no século XIX.’ Em segundo lugar, Cuba forjou uma aliança com a URSS ‘em provocação à posição dos EUA(...) de que o comunismo era incompatível com as instituições e modo de vida do Hemisfério Ocidental.’ ”<sup>157</sup>

Do lado cubano, Che Guevara evocava a defesa do socialismo e do recurso à luta armada, instigando repetidamente a solidariedade entre os povos para que efetivassem sua plena liberação, eliminando o inimigo imperialista materializado, principalmente, pelas políticas norte-americanas. Recorrendo à imagem e ao exemplo em curso da Guerra do Vietnã, de luta e resistência nacionais às forças estrangeiras, o líder cubano analisou em tom de denúncia:

“A América constitui um conjunto mais ou menos homogêneo e em quase a totalidade de seus territórios os capitais monopolistas norte-americanos mantêm uma primazia absoluta. Os governos fantoches ou, na melhor das hipóteses, fracos e medrosos, não podem se opor às ordens do amo yanque. (...) Sua política é manter o conquistado, a linha de ação se reduz, no momento atual, ao uso brutal da força para impedir os movimentos de libertação de qualquer tipo que sejam. Sob slogan ‘não permitiremos outra Cuba’ se encobre a possibilidade de agressões (...) como a perpetrada contra São Domingos ou, anteriormente, o massacre do Panamá, e a clara advertência de que as tropas yanques estão dispostas a intervir em qualquer lugar da América onde a ordem estabelecida seja alterada, pondo em perigo os seus interesses. Essa política conta com uma impunidade quase absoluta; a OEA é uma máscara cômoda, pois desacreditada; a ONU é de uma ineficiência que beira o ridículo ou o trágico; os exércitos de todos os países da América estão prontos a intervir para esmagar seus povos. Formou-se, de fato, a internacional do crime e da traição.”<sup>158</sup>

<sup>156</sup> O governo de Jacob Arbenz Gusmán na Guatemala foi acusado de ameaçar todo o continente em virtude de sua adesão ao comunismo internacional.

<sup>157</sup> “(...) the Cuban Revolution ‘violated two canons of Washington’s Latin American policy.’ First, it expropriated U.S. holdings on the island ‘without full and prompt compensation,’ thus defying a ‘cardinal rule [that had been in operation] since the beginning of U.S. economic expansion in the nineteenth century.’ Second, Cuba forged an alliance with the USSR, ‘in defiance of the U.S. position (...) that communism was incompatible with the institutions and way of life of the Western Hemisphere.’ ” Power, Margaret. “The Engendering of Anticomunism and Fear in Chile’s 1964 Presidential Election”. In: *Diplomatic History*, volume 32, novembro de 2008, p. 932.

<sup>158</sup> “América constituye un conjunto más o menos homogéneo y en la casi totalidad de su territorio los capitales monopolistas norteamericanos mantienen una primacia absoluta. Los gobiernos títeres o, em el mejor de los casos, débiles y medrosos, no pueden oponerse a las órdenes del amo yanqui. Los

Diretamente dos Estados Unidos, em 1961, o Fair Play for Cuba Committee manifestou oposição à tentativa de invasão à ilha pela baía dos Porcos. Em 1965 foi organizado o Comitê Universitário sobre a República Dominicana, por conta da ocupação do país pelos EUA. Ainda nos anos 60 ergueu-se uma mobilização em oposição à ditadura brasileira pautada na promoção de seminários e eventos culturais a fim de denunciar os crimes cometidos pelo regime autoritário. Na interpretação de Green a iniciativa e experiência que se acumulou a respeito do ativismo em relação ao Brasil foram essenciais para impulsionar a rápida organização de uma campanha crítica ao golpe chileno, que tomou grandes proporções atingindo o Congresso e a mídia estadunidense, permitindo que o paradigma dos direitos humanos atingisse, no fim dos anos 70, uma relevância singular, tornando-o fator decisivo para as políticas internas e externas norte-americanas.<sup>159</sup>

Para entender o material divulgado pelos finistas no Chile na década de 1970 foi necessário visualizar esse panorama da Nova Esquerda, já que muitas das causas levantadas por essa corrente política aparecem nas matérias escolhidas pelos integrantes do grupo FIN. Além disso, tendo a Nova Esquerda como contexto vivenciado nos Estados Unidos durante as suas experiências universitárias, fica mais fácil supor a escolha pelo governo Allende no Chile. A existência daquela parcela mais crítica da sociedade estadunidense citada por Mills, e da qual os finistas faziam parte, estava frustrada com os rumos da política – interna e externa – e economia do país, ansiava por mudanças e verdadeira integração à dimensão política, visando à igualdade de direitos políticos e sociais para todos. Para uma Nova Esquerda que exaltava o conceito e prática de democracia como elemento capaz de viabilizar as transformações necessárias à construção de uma sociedade melhor, um governo latino-americano que pregasse uma agenda socialista pela via democrática não pareceria despropositado. Ao contrário, para

---

noreteamericanos han llegado casi al máximo de su dominación política y económica, poco más podrían avanzar ya; cualquier cambio de la situación podría convertirse en un retroceso en su primacía. Su política es mantener lo conquistado. La línea de acción se reduce en el momento actual, al uso brutal de la fuerza para impedir movimientos de liberación, de cualquier tipo que sean. Bajo el slogan, ‘no permitiremos otra Cuba’, se encubre la posibilidad de agresiones a mansalva, como la perpetrada contra Santo Domingo o, anteriormente, la massacre de Panamá, y la clara advertencia de que las tropas yanquis están dispuestas a intervenir en cualquier lugar de América donde el orden establecido sea alterado, poniendo en peligro sus intereses. Esa política cuenta con una impunidad casi absoluta; la OEA es una máscara cómoda, por desprestigiada que esté; la ONU es de una ineficiencia rayana en el ridículo o em lo trágico; los ejércitos de todos los países de América están listos a intervenir para aplastar a sus pueblos. Se há formado, de hecho, la internacional del crimen y la traición. GUEVARA, Ernesto Che. “Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental” In: Obras Escogidas. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2001, p. 589. O ano do documento citado é 1966.

<sup>159</sup> Esse processo será melhor explicado no próximo capítulo. GREEN, James. Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

os finistas e demais ativistas poderia significar um caminho. Não posso afirmar que a experiência chilena foi encarada pelos finistas como modelo a ser reproduzido futuramente nos Estados Unidos. Imagino que entre os membros de FIN havia variadas opiniões a esse respeito, como também na Nova Esquerda houve épocas de menor e maior radicalização dos grupos. Acredito que essa não seja a maior questão a ser respondida. O que interessa efetivamente para esse estudo é que as bases da Nova Esquerda criaram o ambiente favorável à interação entre as esquerdas norte e latino-americanas e que houve uma tentativa real de internacionalização da esquerda, como sugeriu Wright Mills. Vale ressaltar que os participantes se deslocaram para o Chile para criticar a política externa americana, não fizeram isso de casa e, que, mesmo sem partido participaram de um projeto político. Portanto, essas pessoas seguiam uma tradição de dissenso nos Estados Unidos, dissenso que se relacionava também à política externa e se expressou em outros episódios, levando militantes ao México (no contexto revolucionário), à Espanha (por ocasião à guerra civil espanhola), à Cuba (brigadas cubanas) e depois à América do Sul e ainda à América Central, particularmente a países que viviam processos revolucionários como Nicarágua e El Salvador.

Steven Volk, primeiro participante do grupo FIN com o qual estabeleci contato, afirmou que dele fazia parte uma pequena quantidade de “jovens americanos progressistas”<sup>160</sup> e ressaltou sem precisar o número total de pessoas envolvidas que, em 1973, havia ainda, cerca de oito participantes de FIN no Chile. Explicando a função dessa mídia, o ativista sublinhou o interesse em divulgar para os chilenos ‘as atividades do governo e corporações norte-americanas pelo mundo e demonstrar a solidariedade em relação à esquerda chilena, enfatizando os movimentos progressistas dos EUA.’<sup>161</sup> Acrescentando uma explicação da própria edição, a intenção era “dar conhecimento da luta interna que se levantava contra o ‘imperialismo yanki’. Pensamos que o primeiro passo para a solidariedade da esquerda em várias partes do mundo é o intercâmbio de comunicações, e esperamos contribuir para isso.”<sup>162</sup>

Respeitando esse objetivo, Fuente de Información Norte-americana funcionou como uma publicação de curta duração, apenas um ano entre 1972 a 1973 com nove

---

<sup>160</sup> VOLK, Steven. “Judgement Day in Chile” In: NACLA Report on the Americas. Opens Forum, vol. 36, n° 1, julho/agosto 2002, p. 5.

<sup>161</sup> Ibid.

<sup>162</sup> Fuente de Información Norte-Americana, n° 3. Introdução. Julho de 1972.

títulos no total<sup>163</sup>, que combinavam a tradução para o espanhol de notícias veiculadas na imprensa de esquerda norte-americana e algumas notas autorais que estavam sempre assinadas pelo grupo FIN. Em nenhum momento FIN identificou os nomes dos integrantes da sua equipe de trabalho. Sua impressão não foi oficial, mas uma iniciativa independente. Os primeiros números, por exemplo, apresentavam ajustes feitos à mão. Além das imagens pertencentes às matérias específicas, FIN também exibia algumas figuras e charges isoladas, dando um tom divertido às críticas feitas ao governo Nixon, suas políticas externa e interna.

Assim, identifica-se a pretensão de uma articulação internacional entre os grupos de esquerda “em respostas às mentiras e distorções contadas pelas agências de notícias UPI – United Press International – e API.<sup>164</sup> O grupo mencionava a possibilidade de reprodução e difusão em outros meios das matérias traduzidas desde que fosse respeitada a menção a sua origem. Para tanto, disponibilizava até um endereço de escritório no Chile, bem como um contato telefônico com dia e horário de atendimento. As edições traziam ainda, os endereços de uma quantidade significativa de livrarias em Santiago, onde o leitor poderia encontrar o material.<sup>165</sup>

Em sua quinta edição FIN apresentou uma lista de organizações de esquerda independentes nos Estados Unidos, onde os leitores poderiam conseguir mais informações a respeito das temáticas privilegiadas pelo grupo. Entre os centros citados estavam: Committe of Concerned Asian Scholars; National Action/Research Group (ARG); Union of Radical Latin Americanists (URLA) e North American Congress on Latin America (NACLA). Ainda que não trouxesse obrigatoriamente em suas páginas textos publicados por todas essas organizações sugeridas como fontes extras de pesquisa, a referência nominal feita a esses núcleos permite imaginar o lugar de fala do grupo FIN.

Majoritariamente, as notícias veiculadas por FIN revelaram como procedência a NACLA e o Liberation News Service, que curiosamente não está registrado na listagem de centros de esquerda acima citados. O LNS, sigla do jornal, teve como responsáveis de sua fundação Marshall Bloom e Raymond Mungo, dois jovens integrantes da United

---

<sup>163</sup> Dos 9 números, possuo 8, que juntos somam 173 páginas. Falta-me o número inaugural. A publicação dos números não seguiu uma regularidade mensal, não havia também estrutura de separação de colunas ou anúncios de propaganda em suas edições.

<sup>164</sup> Quando faz referência a UPI e API, quis dizer ou API, “Associated Press or United Press International”, como declarava o Liberation News Service, outra atividade de imprensa que será citada a seguir.

<sup>165</sup> Entre as citadas estão: Livraria PLA; Livraria Ciência Sociais; Livraria Austral; Livraria José Martí; Livraria Cultura; Livraria Letras; Livraria Blast Gana e Kiosko Quimantu.

Student Press Association – USSPA. No fim da década de 1960, a denúncia de Bloom de que a USSPA havia recebido dinheiro da CIA resultou na sua demissão do grupo e no interesse de estabelecer uma mídia alternativa àquela. Nascia, então, o LNS tributário da contracultura e do movimento da Nova Esquerda. Allen Young descreve que o LNS significou “um toque de profissionalismo para a imprensa underground”, tendo seus artigos grande índice de reprodução em outros jornais. Ainda segundo Young, os temas mais recorrentes eram relacionados ao ativismo para a promoção da mudança social, abrindo espaço aos movimentos pela libertação do Terceiro Mundo. Com o tempo, porém, aponta que o LNS foi se alinhando cada vez mais ao marxismo, criticando suas próprias perspectivas fundacionais tais como a contracultura e o pacifismo.<sup>166</sup>

Após um ano desde o início da atividade, já em 1973, FIN trouxe na primeira página um comunicado aos leitores, esclarecendo que a circulação da publicação na época restringia-se a mil exemplares, alcançando um tipo de público bastante “intelectualizado”. Com o propósito de fazer o material alcançar uma quantidade maior de pessoas e camadas “populares” da sociedade, anunciava uma mudança de estratégia, que estaria acompanhada de uma alteração em sua nomenclatura. FIN deixaria de ser uma revista, passando a se designar um boletim de notícias, que seria encaminhado diretamente para os demais veículos de imprensa de esquerda chilena. Por essa mensagem foi divulgada a possibilidade do envio do boletim gratuitamente a qualquer núcleo de notícia latino-americano, estabelecendo-se o preço para a assinatura anual dentro e fora do Chile: E°: 500,00 e U\$: 5,00 respectivamente.

Nesse oitavo número, o então boletim trouxe algumas matérias que parecem ter sido publicadas na imprensa chilena. Dentre as mídias que divulgaram notícias assinadas por FIN estavam: 1. El Siglo – jornal associado ao Partido Comunista do Chile e que durante o governo Allende apoiou as suas políticas; 2. Punto Final – uma revista de esquerda quinzenal identificada como representante do pensamento revolucionário e democrático; 3. Última Hora – jornal – e 4. La Nacion – jornal de grande circulação. Os dois primeiros foram fechados assim que estourou o golpe militar em 1973.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup>Disponível em: <http://www.lns-archive.org/histories/LNS-History-by-AllenYoung.htm>

<sup>167</sup> As machetes das notícias são respectivamente: 1. “Se agudiza escassez de gasolina”; 2. “La rebelión de las empleadas domesticas.”; 3. “Experto Yanki admite la eficiencia de Tupamaros”, “ITT era sócia de Hitler: em Chile siguiu la misma linea” e “Los Yanki adiestran a la Policia Africana.” E 4. “El Negro presupuesto de Nixon.”

O eixo agregador das notícias veiculadas por FIN, sem dúvidas, foi o conceito de Imperialismo. Na lógica do grupo, verificou-se tanto a premissa de um imperialismo indireto das empresas norte-americanas em territórios estrangeiros; um imperialismo direto vinculado à invasão de território e deflagração de conflito bélico, quanto um imperialismo doméstico, dentro das próprias fronteiras nacionais, que marginalizava determinado segmento da sociedade. Na tentativa de contemplar essas três expressões da ação imperialista, especial atenção será dada aos temas mais destacados ao longo das páginas de FIN. Considerando que os assuntos selecionados pelos integrantes ajudam a desvendar a sua identidade política enquanto grupo, busca-se entender como o grupo percebia a realidade dos Estados Unidos, inseria-se naquele contexto e lidava com ele. Ao focar aspectos pouco conhecidos ou divulgados sobre o seu país de origem, é possível interpretar o material FIN como um esforço dos integrantes para caracterizarem a si mesmos, identificando um perfil do grupo e expondo seu ponto de vista ao leitor com o qual pretendiam interagir.<sup>168</sup>

Escolhi uma capa de um dos números de FIN que, ao meu ver, sintetiza o tipo de pensamento divulgado pelo boletim. Trata-se do número de agosto de 1972.



**Fuente de  
Información  
Norteamericana**

numero 4-Agosto

E'5

<sup>168</sup> Ao citar as atividades de FIN, Mishy Lesser destaca que o grupo lhe conferiu um senso de comunidade, uma sensação de estar a serviço, realizar algo. Acrescenta que, mesmo que os chilenos fossem bastante simpáticos e acolhedores com os ativistas de todas as partes do mundo, ela se via como “outsider” (estranha/estrangeira). Dessa maneira, FIN contribuiu para que não perdesse completamente os laços com os Estados Unidos, reforçando a sua identidade. Questionário p. 3.

Oferecendo instruções aos empresários para que se mantenham no controle e garantam suas fortunas, a capa denuncia a atividade monopolista exploradora que avança em detrimento dos direitos do trabalhador, satirizando a figura do presidente Richard Nixon como representante dos Estados Unidos. A crítica que se faz é exatamente à ligação estreita entre governo e corporações multinacionais, envolvendo troca de benefícios como, por exemplo, proteção militar e da CIA. Em contraposição a essa política, na parte de baixo da página, à direita, rivalizam-se as figuras de Rockefeller e Fidel Castro, em alusão a Cuba, onde empresas norte-americanas haviam sido nacionalizadas.

Resumindo toda a violência da lógica capitalista, severamente criticada nas matérias publicadas por FIN, no canto direito, na parte superior encontra-se a figura de um polvo. A analogia entre as pretensões imperialistas e a figura do animal não é inédita. Em 1966 num artigo que versava sobre o poder negro, Stokely Carmichael já afirmava.

“Por um século, esta nação tem sido um polvo de exploração, com tentáculos indo do Mississipi e do Harlem à América do Sul, ao Oriente Médio, à África Setentrional e ao Vietnã; a forma de exploração varia de uma área para a outra, mas o resultado final tem sido o mesmo – uns poucos poderosos mantidos e enriquecidos à custa das massas pobres e sem voz. Este padrão deve ser rompido. Para o racismo morrer, uma América totalmente diferente deve nascer.”<sup>169</sup>

Destacam-se, especialmente três grandes empresas que funcionariam como agentes econômicos responsáveis por moldar a política externa estadunidense: a General Motors, a Coca Cola e a ITT. Em geral, as notícias marcaram o interesse dessas empresas em mão de obra barata e desorganizada, acesso a recursos naturais utilizados como matéria prima para a produção, incentivos fiscais como desoneração de impostos e o potencial do mercado consumidor quase inexplorado. Como bem lembra uma das matérias, o mercado estadunidense estava estrangulando-se. Havia “mais automóveis registrados nas cidades de Los Angeles, Califórnia que em toda África”.<sup>170</sup>

Se fora dos Estados Unidos essas empresas representavam uma liderança conservadora e preconceituosa, como foi o caso da G.M. que se beneficiava do apartheid, o cenário doméstico norte-americano, embora fosse menos penoso se

<sup>169</sup> In: SOUSA, Rodrigo Farias de. “A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Weathermen 1960-1969”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2007, pp.165.

<sup>170</sup> “ (...) (Hay más autos registrados em la ciudad de Los Angeles, California que em todo Africa”. Fuente de Información Norteamericana, n. 2, maio de 1972, p. 9.

comparado às condições das fábricas no exterior, não escondia conflitos envolvendo as relações de trabalho.

“Ameaçada por boicote de parte dos Trabalhadores Agrícolas Unidos (UFWOC) de César Chavez e envergonhada por um documento televisionado difundido em todo o país sobre as péssimas condições de vida dos imigrantes, a Coca Cola viu a necessidade de negociar com o sindicato. Ao final 76% de seus trabalhadores havia se filiado a UFWOC em apenas seis semanas. Esses predominantemente da raça negra puderam negociar um histórico contrato de três anos, com licença médica, aumento de salários por parcela e por hora, proibição de pesticidas perigosos e contribuições da campanha para os fundos de benefício do sindicato.”<sup>171</sup>

GM e Coca Cola estavam protegidas debaixo do mesmo guarda chuva da Companhia Morgan Guaranty Trust, possuidora de parte das suas ações.

A ITT, particularmente devido a sua ligação com o governo estadunidense no projeto de impedimento de um governo socialista no Chile, apareceu como objeto de algumas matérias ao longo das edições de FIN. A citação da ITT serviu de alerta para o fato de que outras empresas multinacionais estariam operando no Chile e que essa atuação não se convertia em melhorias para o país sul americano, embora sua presença tivesse aumentado significativamente. Além disso, a ITT foi identificada como uma das maiores fornecedoras de tecnologia aplicada a aparelhos bélicos como radares, computadores e transmissores para os EUA, estando associada diretamente ao terror da guerra, a serviço do imperialismo.

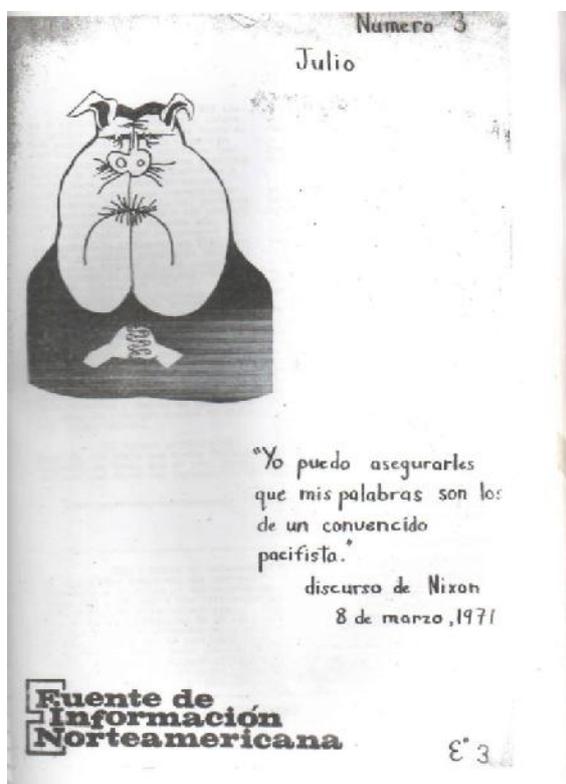
Pelos exemplos citados, pode-se verificar o tipo de identidade que FIN buscava construir com o seu público alvo, crítico do capitalismo e desejoso de criar um sistema econômico em que a propriedade coletiva e a estatal substituísse progressivamente a privada. O governo Allende, como se sabe, expropriou multinacionais americanas em vários setores, especialmente no da mineração do cobre. FIN, com suas críticas ao capitalismo americano, procurava denunciar seus efeitos negativos por todo o mundo.

---

<sup>171</sup> “ (...) Amenazada por um boicott de parte de los Trabajadores Agícolas Unidos (UFWOC) de César Chavez y avergonzada por un documento televisado difundido en todo el país sobre las condiciones péssimas de vida de los imigrantes, la Coca Cola se vió la necesidad de negociar con el sindicato. En fin el 76% de sus trabajadores se habían afilado a la UFWOC en solo seis semanas. Estos, predominantemente de raz negra, pudieron negociar un histórico contrato de três años, con licencia por enfermedad, aumento de salários por parcela y por hora, prohibición de pesticidas peligrosos y contribuciones de la compañía a los fondos de beneficio del sindicato.” Fuente de Información NorteAmericana, n. 7, sem data, p. 9. Vale lembrar que durante a vigência das leis Jim Crow, os latinos eram considerados pessoas de cor. No caso da UFWOC, os seguidores de César Chavez na Costa Oeste eram majoritariamente hispânicos.

Se a exploração ultrapassava as suas fronteiras, pode-se inferir que a crítica também deveria se articular internacionalmente.

Aparentemente em maior quantidade se comparada aos demais temas presentes em FIN, a narrativa sobre a guerra do Vietnã expunha as estratégias para controlar o país asiático que, na avaliação dos economistas, era, em potencial, o mais rico da região. As matérias procuravam identificar e caracterizar o plano governamental de combate ao regime comunista, visando à exploração econômica, além de denunciar o esforço conjunto entre Estado, Universidades e Forças Armadas dos EUA na ação de guerra. As capas exibidas abaixo são bastante críticas ao conflito, que desencadeou na década de 1970 as maiores demonstrações de protesto dentro dos Estados Unidos.



O número de julho traz uma frase atribuída ao presidente Nixon. Ironicamente um discurso em defesa da paz não se coadunava com as políticas governamentais. Essa capa apresenta ainda a figura de um grande porco que poderia representar tanto a figura do presidente quanto as forças policiais. Vale lembrar que os policiais que atuavam a serviço do governo na contenção das manifestações nos Estados Unidos, assumindo uma postura violenta e repressiva, eram comumente chamados de porcos pelos ativistas de esquerda. Especificamente sobre as medidas de guerra no Vietnã, o período Nixon,

segundo FIN, se utilizou crescentemente dos bombardeios aéreos em substituição às incursões terrestres, o que ampliou os danos causados à população daquele país.

Já a capa da edição de julho chama atenção para o fato de que, para os vietnamitas, os soldados estadunidenses desempenhavam o papel do colonizador, do dominador. Citando um histórico de opressão da comunidade negra nos Estados Unidos, simbolicamente representado pela organização Ku Klux Klan, o objetivo foi questionar a adesão dos norte-americanos, excluídos da vida política e social do seu próprio país, a essa causa, fazendo notar que eles estariam sendo tão violados quanto aquele povo do sudoeste asiático. Nesse sentido, o número acaba sugerindo a solidariedade ao invés da expansão/conquista.

Em tom antibelicista FIN torna públicos os casos de soldados retornados ou ainda no campo de batalha que desobedeceram às ordens dos seus superiores, matando-os e recusando-se a dar continuidade ao confronto. Esses casos de rebelião conhecidos como “fraggings”, explicitavam a insatisfação quanto à situação no Vietnã, mas também sublinhavam questões do plano doméstico, como por exemplo, a estrutura de funcionamento da própria entidade militar nos Estados Unidos e denunciavam uma rede mais extensa de dominação em relação a outros povos.

“As causas desses ‘fraggings’ e de outras medidas de resistência variam, mas todas têm relação ao papel que desempenha o Exército nas políticas imperialistas norte-americanas e à natureza opressiva, classista e racista da vida do mesmo Exército. Atualmente nos EUA a maioria dos soldados rasos são recrutados contra a sua vontade ou se alistam por não conseguirem outro trabalho. A maioria desses homens são pobres e pertencentes à classe trabalhadora; muitos são ainda indivíduos colonizados (Porto-riquenhos) ou mercenários (Cambojanos e Tailandeses) pagos e obrigados a combater. Por conseguinte, não é estranho que as sementes do conflito de classe semeadas no interior do Exército norte-americano brotem ao calor da luta Vietnamita.”<sup>172</sup>

Exemplo de grupo contrário à situação no Vietnã, o VVAW ( Vietnan Veterans Against the War – Veteranos do Vietnã conta a Guerra) foi o que mais espaço de divulgação ganhou nas páginas de FIN, sendo um dos grupos mais mirados pelo governo dos EUA. A matéria sublinhava a possibilidade da organização transmitir um

---

<sup>172</sup> “(...) Las causas de estos ‘fraggings’ y de otras medidas de resistencia varían, pero todas dicen relación al rol que desempeña el Ejército en las políticas imperialistas norteamericanas y a la naturaliza opresiva, clasista, y racista de la vida dentro del mismo Ejército. Actualmente en los Estados Unidos la mayoría de los soldados rasos son reclutados em contra de su voluntad o se enrolan por no conseguir otro trabajo. La mayoría de estos hombres son pobres y pertenecientes a la classe trabajadora; muchos son además individuos colonizados (Puertorriqueños) o mercenários (Cambojanos y Tailandeses) pagados y obligados a combatir. Por conseguinte no es extraño que las semillas del conflicto de clase sembradas al interior del Ejército Norteamericano broten al calor de la lucha Vietnamita.” Fuente de Información Norteamericana, n. 6, outubro, p. 12.

relato mais preciso e direto sobre as vivências na região do conflito e as denúncias de abusos, já que compunha-se de veteranos. Os números destacavam em 1972 25.000 participantes, dos quais 2.500 ainda em efetivo exercício. Dentre as estratégias de ação mais citadas estavam a participação em protestos e marchas contra a guerra, ocupação pacífica de escritórios federais e recrutamento e circulação de um diário de notícias entre os soldados, no qual eram discutidos assuntos referentes às Forças Armadas e à guerra.<sup>173</sup>

Os objetivos do VVAW foram sintetizados em 6 pontos:

- “1. terminar a guerra no Sudoeste Asiático;
2. tornar pública sua brutalidade e sua imoralidade;
3. denunciar as condições dentro da força militar (milícia) como desumanizantes e racistas;
4. apoiar a todos os que rechaçavam o recrutamento ou que, uma vez em serviço, se recusam a lutar e passem a formar parte da resistência dentro das mesmas forças armadas;
5. elaborar programas de ajuda para veteranos que regressem, no que se refere a solução de problemas de trabalho, educação e saúde;
6. instruir seus membros acerca da natureza do imperialismo norte-americano e lutar para terminar as operações dos Estados Unidos na América Latina, África e Indochina. Ainda que a ênfase da atividade atual do VVWA esteja direcionada a por fim à agressão dos Estados Unidos no Vietnã, também lhes concerne ‘mudar as instituições sociais, políticas e econômicas que causaram e permitiram a perpetuação da guerra’”<sup>174</sup>

Essa atenção à guerra e à resistência nos Estados Unidos deve ser associada ao objetivo do grupo de apontar a existência do dissenso interno, e, portanto, de elos com o processo de mudança no Chile. A experiência no Terceiro Mundo, quer em combate, quer em ação solidária a regimes socialistas ampliava os horizontes políticos dos

---

<sup>173</sup> O nome desse diário de notícias não é mencionado na matéria. No entanto, a imprensa GI underground, antiguerra, desenvolvida a partir de meados da década de 1960 e organizada pelos primeiros veteranos do Vietnã, representou um esforço para combater a ocupação estadunidense na Ásia do interior das Forças Armadas, divulgando, ainda mais, a oposição ao conflito. Dentro do universo de jornais voltados para esse tema, podem ser citados: Vietnam GI; The Bond; The Ally, F.T.A; Short Times e Fraggig Action. As capas do Vietnam GI, publicado em Chicago entre 1968 e 1970 estão disponíveis na internet no seguinte endereço: [http://www.sirmosir.com/archives\\_and\\_resources/galleries/cover\\_pages/vietnam\\_gi.html](http://www.sirmosir.com/archives_and_resources/galleries/cover_pages/vietnam_gi.html)

<sup>174</sup> “(...) Los objetivos de los VVAW se centran en los siguientes puntos: 1. terminar la guerra en el Sureste Asiático; 2. hacer pública su brutalidade y su inmoralidad; 3. denunciar las condiciones dentro de la milícia como desumanizante y racista; 4. apoyar a todos los que rechacen el reclutamiento o que, una vez em servicio, se rehusen a pelear y pasen a formar parte de la reistencia dentro de las mismas fuerzas armadas; 5 elaborar programs de ayuda para los veteranos que regresan, en lo que se refiere a la solución de problemas de trabajo, educación y salud; 6. Instruir a sus miembros acerca de la naturaliza del imperialismo norteamericano y luchar por terminar las operaciones de Estados Unidos em Latino América, Africa e Indochina. Aunque el énfasis de la atividade actual de los VVAW está dirigiendo a poner fin a la agresión de los Estados Unidos em Vietnam, también les concierne cambiar las instituciones sociales, políticas y económicas que han causado y permitido la perpetuación de la guerra.” Fuente de Información NorteAmericana, n. 6, outubro de 1972, p.16.

ativistas americanos. A ação imperialista não deixava de ter um efeito bumerangue, como afirma Kaplan.<sup>175</sup>

Na esfera da política interna norte-americana, acompanhando o contexto de radicalização dos movimentos sociais, FIN concentrou-se na divulgação de notícias que contemplassem a organização da classe dos trabalhadores. Por conta disso, os ativistas negros em sua face revolucionária foram os mais citados. Nessa leitura, os Panteras Negras, enquanto “organização paramilitar”, tiveram presença garantida nos textos voltados para a questão racial. Certamente essa abordagem interessaria aos interlocutores chilenos, pois a opção revolucionária estava bem próxima da realidade da América do Sul. Contudo, a quantidade de citações aos Panteras se deve também à intensificação dos embates entre os seus ativistas e a administração Nixon, momento em que

“(…) a campanha contra os Panteras se tornou mais organizada. Em todo país a polícia nacional, estatal e municipal iniciou ataques armados contra escritórios dos Panteras. Eram vários tiroteios, muitos Panteras foram mortos, sendo o mais destacado Fred Hampton em Chicago. Entre 1969 e 1970, a maioria da direção dos Panteras foi ou morta ou encarcerada. (...) A repressão policial impediu que os Panteras pudessem organizar a comunidade negra durante os primeiros dias do partido.”<sup>176</sup>

Salientando a opressão a que estava submetida a comunidade negra, o Partido enfatizava a necessidade de combater o Imperialismo voltado para dentro da sociedade estadunidense. Nesse caso, os negros seriam mais uma das vítimas da dominação. Para superar esse quadro

“O programa do partido incluía moradia digna, liberdade para todos os negros encarcerados, júris compostos de negros para os negros acusados de crime e emprego para todos. O ponto 10 – o objeto político mais importante – propunha um plebiscito das Nações Unidas mediante o qual os negros poderiam determinar a organização de suas comunidades independentemente da sociedade majoritária. Dessa maneira, se estabelecia o direito de todos os negros à autodeterminação.”<sup>177</sup>

<sup>175</sup> KAPLAN, Amy; PEASE, Donald (org). Cultures of United States Imperialism. Durham, Duke University Presse, 1991.

<sup>176</sup> “ (...) la campaña em contra de los panteras se volvió más organizada. Em todo el país, la policía nacional, estatal y municipal empezó ataques armados contra oficinas de los Panteras. En vários tiroteios, muchos Panteras fueron muertos , siendo el más destacado Fred Hampton en Chicago. Entre 1969 y 1970, la mayoría de la dirección de los panteras eran o muertos o encarcerados. (...) La represión policial había impedido que los Panteras pudieran organizar la comunidad negra durante los primeros días del partido.” Fuente de Información NorteAmericana, n. 3, julho de 1972, p.6.

<sup>177</sup> “El programa del partido incluía vivienda decente, libertad para todos los negros encarcerados, jurados compuestos de negros para negros acusados de címenes, y empleo para todos. El punto 10 – el objeto político más importante – propuso em plebiscito de las Naciones Unidas mediante el qual los negros

Tratando dos mecanismos de repressão, as matérias registraram a denúncia de uma justiça classista e racista, verdadeiro instrumento de legitimação da segregação e enfraquecimento dos movimentos de contestação, contabilizando casos de prisões como as de Huey Newton, preso por três anos pela morte de um policial branco; de Bobby Sealy<sup>178</sup> e de Angela Davis. O caso de Angela esteve diretamente relacionado ao caso dos Irmãos Soledad<sup>179</sup>. Angela foi acusada de fornecer armas para que 5 ativistas sequestrassem um juiz a fim de negociar a libertação do refém em troca da libertação dos Irmãos Soledad. Segundo a interpretação da época, por ter sido uma das mais engajadas na defesa dos Irmãos Soledad, Angela foi acusada de participar do sequestro para que fosse neutralizada.

Ainda que sejam relatados o florescimento de uma consciência sobre a repressão do Estado aos ativistas e o nascimento de uma perspectiva crítica a respeito de um passado e presente desigual e injusto, os resultados positivos durante os “tribunais políticos” não ocultaram a frustração da esquerda com a qual FIN se identificava. Embora a absolvição já significasse uma importante conquista das campanhas educativas – manifestações e debates promovidos na sociedade –, elas consumiam demasiadamente os esforços, minando os recursos financeiros das organizações e ativistas. Em vista disso, constatou-se que tratava-se de “(...) uma batalha perigosa, sem possibilidade de ganhar, uma batalha literalmente exibida nas gaiolas de vidro do governo, onde o Estado faz os ataques e controla o jogo, forçando a esquerda a confrontar a legalidade burguesa em seus próprios termos.”<sup>180</sup>

Para além das três temáticas aqui exibidas, outros assuntos foram abordados nas páginas de FIN. Vale mencionar, ainda, um número especialmente focado na figura da mulher, que voltou no tempo para retomar a sua participação em movimentos de dissenso da época da luta pela absolvição da escravidão nos Estados Unidos. A edição ressaltou a aproximação da parcela feminina às questões socialistas, lamentando o

---

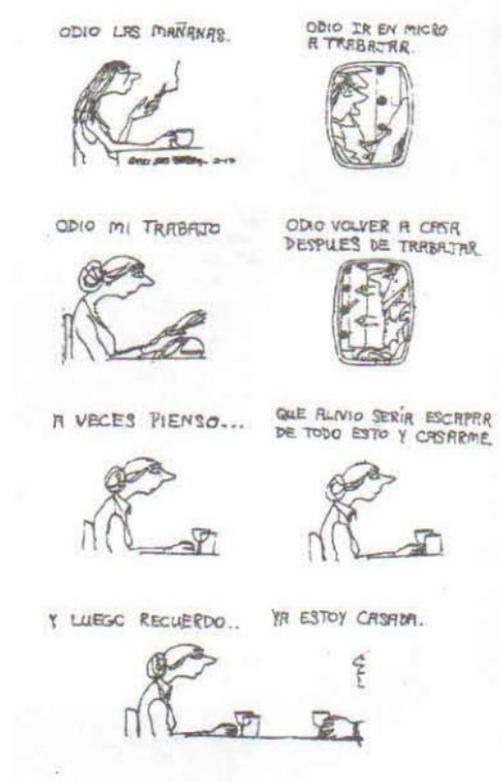
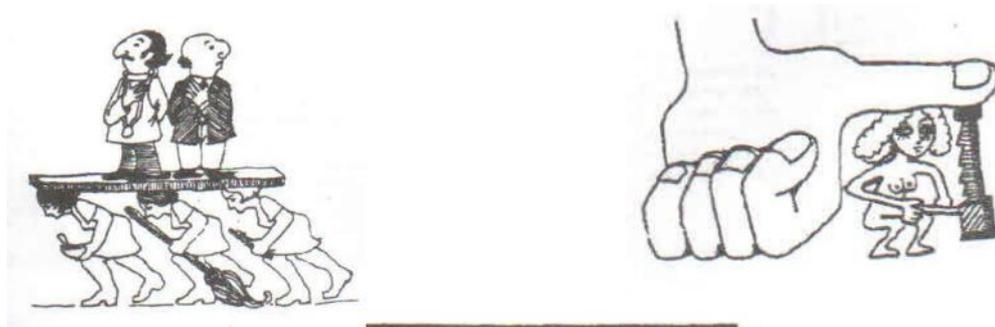
podrían determinar la organización de sus comunidades independientemente de la sociedad mayoritaria. De esa manera, se establecía el derecho de todos los negros a la auto-determinación.” Fuente de Información NorteAmericana, n. 3, julho de 1972, p.6.

<sup>178</sup> Bobby Sealy e Huey Newton são considerados membros fundadores do Partido Pantera Negra.

<sup>179</sup> O caso foi assim chamado em referência ao local do crime, a prisão da cidade de Soledad na Califórnia. Na ocasião, os detentos Fleeta Drumbo e John Clutchette foram acusados pela morte de um guarda, permanecendo detidos por mais dois anos até que recebessem a decisão que os inocentava definitivamente. George Jackson, o terceiro réu, foi morto na prisão.

<sup>180</sup> “ Parece una batalla peligrosa sin posibilidad de ganar; una batalla literalmente exhibida en las jaulas de vidrio de gobierno donde el Estado hace los ataques y controla el juego forzando la izquierda a confrontar la legalidade burguesa em sus propios términos.” Fuente de Información NorteAmericana, n. 2, maio de 1972, p.6.

sexismo que tomava conta da esquerda no período da Guerra Fria, responsável por causar o afastamento das mulheres das organizações mistas e afirmar a tendência à formação de seu próprio movimento, separadamente. Criticava também a discriminação no mercado de trabalho e o fato de serem submetidas a piores condições de trabalho e remuneração do que os homens. Demonstrava, ainda, que as iniciativas do governo norte-americano não fugiam de uma lógica machista e opressora, conforme o observado no programa de assistência às mães solteiras, que submetia as famílias beneficiadas à vigilância, inclusive com visitas noturnas para assegurar que não havia homens morando em suas residências. As imagens a seguir, retiradas das páginas de FIN, reforçam a crítica que se fazia a respeito da condição da mulher dentro da sociedade. Num tom feminista o quadrinho questiona até mesmo a serventia do casamento, colocando em xeque a ideia de que poderia significar a salvação dos seus problemas.



Em linhas gerais FIN abriu espaço para a discussão de temas que já estavam há algum tempo em debate no circuito nacional norte-americano, publicizando, assim, demandas pleiteadas por diversos movimentos sociais. A seleção das matérias evidenciou a denúncia do imperialismo, racismo, desigualdade, discriminação e exploração econômica tanto nas fronteiras da nação, quanto fora delas, dando conhecimento ao leitor de um contexto de intensa marginalização de determinados segmentos da sociedade e desilusão em relação às práticas governamentais. Talvez a decepção com o Estado tenha impulsionado os participantes do grupo a procurarem fora dos EUA uma alternativa. Mas, não se pode esquecer que para aqueles que permaneceram no país, o momento foi de crescimento e radicalização dos protestos e manifestações.

O esforço de tradução das matérias revelou a ânsia por estabelecer um diálogo com a esquerda chilena e o tamanho da expectativa em relação a essa experiência. O tratamento dispensado ao país latino-americano, aliás, se mostrou bastante respeitoso, fugindo do senso comum que ressaltava a suscetibilidade da América Latina e um estereótipo de imaturidade e irresponsabilidade políticas. De acordo com a perspectiva apresentada pelo grupo, o Chile, assim como outros países menos favorecidos economicamente, era visto como vítima – mas nunca passiva – da ação imperialista estadunidense, da qual os finistas não demonstravam orgulho. Pelo contrário, se colocando no lugar dos povos alvos da dominação, assumiram uma postura de denúncia e crítica, dando voz a esses sujeitos. Essa rejeição ao imperialismo imposto pelos Estados Unidos era compartilhada pela esquerda revolucionária latino-americana como pôde ser observado no discurso de Che Guevara. Por mais que a Nova Esquerda tivesse negado, no período de seu nascimento, a ótica marxista, o que foi verificado pelos pesquisadores e o que se confirma a partir desse estudo é a pluralidade de leituras e formas de ação dentro da Nova Esquerda ao longo do tempo. Contudo, não se pode determinar irrevogavelmente o abandono do socialismo e o horizonte revolucionário, ainda que pela via democrática como no contexto chileno. Esses elementos alimentaram o idealismo e uma busca pela transformação social. Em fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, ocuparam lugar de destaque nas organizações da Nova Esquerda, servindo como lente para se enxergar a necessidade de mudança, quebra do status quo.

Para finalizar esse capítulo resta ressaltar o trabalho de educação política realizado através das páginas de FIN, um trabalho que não seguiu uma direção unilateral, na medida em que ao mesmo tempo que informava aos chilenos sobre a

realidade nos Estados Unidos, acompanhava de perto o governo socialista no Chile. Portanto, os finistas também se educaram politicamente no Chile, reforçando algumas ideias ou ganhando novas formas de perceber o mundo. Como acreditavam os teóricos da Nova Esquerda, se a educação era o meio mais efetivo para estabelecer e aprofundar a democracia, essas pessoas estavam no caminho certo.

### **CAPÍTULO III. De volta aos Estados Unidos: o Movimento em Solidariedade ao Chile e a luta pelos direitos humanos.**

Deflagrado o golpe, não demorou para que os participantes do grupo FIN, retornassem aos Estados Unidos. A perseguição aos partidários ou simpatizantes do governo Allende foi o elemento preponderante daqueles dias e como exposto nos capítulos anteriores os integrantes do grupo não estiveram imunes a ela. De volta para casa, ainda sob o impacto de toda a experiência chilena, há notícias do envolvimento de pelo menos 4 – três finistas e a esposa de Charles – na denúncia do regime de Pinochet e na tentativa de proteger e apoiar as pessoas acusadas e presas pela ditadura, numa campanha de solidariedade que se estendeu de 1973 até a prisão do ditador chileno. Andrew relatou ter feito parte de um grupo em solidariedade à América Latina em Cambridge e posteriormente em Massachusetts.<sup>181</sup> Steven atuou diretamente através da NACLA, onde também escreveu artigos que se relacionavam à temática.<sup>182</sup> Mishy afirmou ter se dedicado sete anos à investigação vinculada à NACLA sobre a cumplicidade dos Estados Unidos com as forças golpistas e ter tido contato com ex-prisioneiros políticos chilenos exilados nos EUA<sup>183</sup>. Joyce manteve-se divulgando o caso Horman, que em 1982 ganhou as telas de cinema através do filme *Missing* de Costa Gravas, além de buscar na justiça uma explicação para a morte do seu marido.<sup>184</sup>

Sem ter a pretensão de recuperar integralmente os passos desses ativistas em casa, este capítulo tem como objetivo analisar a emergência do Movimento em Solidariedade ao Chile a partir dos Estados Unidos. Apesar de ter sido possível verificar a integração de alguns finistas ao movimento, mais do que observar trajetórias pessoais,

<sup>181</sup> Informações obtidas por meio de um questionário respondido por Andrew através de e-mail, p.2.

<sup>182</sup> 1. “The Lessons and Legacy of a Dark Decade,” in “Chile: Beyond the Darkest Decade,” *NACLA Report on the Americas*, Vol. XVII, No. 5 (September-October 1983), pp. 2-14; 2. “Chile: The Right to Coup,” *NACLA Report on the Americas*, Vol. 22, No. 5 (September-October 1988), pp. 4-6; 3. La Fuente de Información Norteamericana en Chile,” (with Terri Simon, Charles Horman and the staff of FIN), in Cristián Opató, ed., *Frei, Allende y la Mano de la CIA: Informes Del Senado de los Estados Unidos* (Santiago: Ediciones del Ornitórrinco, 1991), pp. 223-269; 4. “Chile and History: The Meanings of 1973,” *NACLA Report on the Americas* 37 :2 (September-October 1993): 32 5. “Pinochet’s Heirs: The Fractured Chilean Right,” *NACLA Report on the Americas* 37: 6 (May/June 1999), pp. 21-30. Em outro periódico: “Richard Nixon and the Legacy of Chile,” *Radical History Review* 60 (Fall 1994): 188-190. Parte significativa da produção acadêmica de Steven se relaciona ao Chile. Ver <http://www.stevenvolk.com/publications.html>

<sup>183</sup> Informações obtidas através de um questionário respondido por Mishy em 30/04/2012 por e-mail, p.4.

<sup>184</sup> Anteriormente ao lançamento de *Missing*, Van Gosse credita ao professor latino-americanista Richard Fagen, na época vice-presidente da LASA, e a mais alguns membros da organização o trabalho de divulgação das mortes de Frank e Charles para o público nos Estados Unidos.

dessa vez, interessa situar a importância desse movimento nas dimensões das políticas interna e externa estadunidense, observando, principalmente, o ativismo pelos direitos humanos especificamente atrelado ao Chile. Uma segunda parte se detém a realizar uma análise fílmica de *Missing*, um produto do Movimento em Solidariedade que ultrapassou a narrativa particular, levantando críticas e questionamentos sobre a política norte-americana na sua totalidade.

O trágico fim do governo Allende suscitou um movimento internacional de intensa crítica ao governo pinochetista estabelecido em seguida, tornando públicas as violações de direitos humanos cometidas pelo regime autoritário. Com o objetivo de disseminar as informações sobre o que estava ocorrendo no Chile pós Allende, na maioria das vezes, o esclarecimento a respeito da brutal realidade chilena foi obtido através dos testemunhos de exilados políticos, os que deixaram o país por iniciativa própria ou os oficialmente banidos. No momento em que o regime de Pinochet tentava esconder e negar a repressão, foram essas pessoas as principais fontes de informação capazes de revelar o quadro de medo, extermínio e censura no país.<sup>185</sup>

Os indivíduos que tinham o conhecimento dessa brutal conjuntura chilena se reuniram em torno da defesa da liberdade, exigindo o fim da ditadura. Estavam imbuídos de uma responsabilidade política, mas também moral, registraram os pesquisadores do tema. Além disso, pesava o fato da ditadura estar substituindo um dos líderes latino-americanos mais admirados do período. Representante de uma plataforma política singular, Allende agregava a esperança dos segmentos da esquerda mundial com a sua combinação de socialismo e democracia. Não foi por acaso que

“imediatamente após o golpe em 73: 250.000 marcharam em Buenos Aires; 100.000 na Cidade do México, outros protestaram na Venezuela, Suíça, França e Itália, onde atacaram prédios da corporação multinacional ITT, a qual interferiu repetidamente na política chilena.”<sup>186</sup>

Nos Estados Unidos que já em 1972 acompanhavam as denúncias sobre a participação da ITT – International Telephone and Telegraph – e as suspeitas de interferência da CIA na desestabilização do governo da Unidade Popular, o Movimento

---

<sup>185</sup> KELLY, Patrick William. “When the People Awake’: The Transnational Solidarity Movement, the Pinochet Junta, and the Human Rights Moment of the 1970s,” *A New Global Morality? Human Rights and Humanitarianism in the 1970s Conference*, Freiburg, Germany, June 10-13, 2010, p.4

<sup>186</sup> “The coup spurred protests throughout the globe immediately after the coup in 1973: some 250.000 people marched in Buenos Aires; 100.000 rallied in Mexico City; others protested in Venezuela, Switzerland, France and Italy, where they attacked buildings owned by the multinational corporation International Telephone Telegraph (IT&T), which had repeatedly interfered in Chilean politics.”.Ibid, p. 5.

em Solidariedade ao Chile chamou atenção de um número expressivo de ativistas, monopolizando, de alguma maneira, os esforços e a atenção dos militantes pelos direitos humanos que já haviam iniciado nos anos 1960 uma campanha voltada para a situação brasileira.<sup>187</sup>

“Grosseiramente 5.000 pessoas marcharam em Boston, Chicago, Cleveland, Madison, Memphis, New York City, Pittsburgh e São Francisco. Nacla organizou cerca de 5.000 pessoas para mandar telegramas para as embaixadas do Peru, Argentina e México, ‘pedindo a seus governantes que garantam asilo político aos refugiados chilenos’.”<sup>188</sup>

Parte da cobertura da imprensa nos Estados Unidos sobre o Chile de Allende e o golpe responsabilizava o governo da Unidade Popular e a opção pelo socialismo pela crise política e econômica em que se encontrava o Chile em 1973, rotulando o governo marxista como ameaçador e hostil. No entanto, como insinua Margaret Power, a presença recorrente do Chile no noticiário pode ter causado um efeito inesperado. Isso porque as mesmas matérias que buscavam depreciar a figura de Allende, ironicamente traziam em seu texto alguns dados positivos em relação à experiência chilena, o que, de acordo com sua interpretação, pode ter suscitado uma atração dos leitores, despertando o seu interesse em relação ao país sul americano .

James Green defende que a experiência de mobilização estadunidense da década de 1960 em oposição à ditadura no Brasil abriu caminho para a divulgação do que se passava no Chile, proporcionando uma resposta bastante rápida da sociedade civil organizada em ONGs, da comunidade política por meio do Congresso e da mídia ao golpe chileno na década seguinte. Para Van Goose, o Movimento em Solidariedade ao Chile significou a possibilidade de consolidar e aprofundar o princípio da não intervenção como a principal reivindicação para a política externa americana. Na perspectiva do autor, o caso do Chile revelou a Síndrome do Vietnã, conflito que gerou uma oposição contundente em relação à condução da política nos Estados Unidos, servindo como parâmetro, marco fundacional de um amplo movimento de crítica. Portanto, o apoio ao Chile seria mais uma oportunidade de questionar e sugerir

<sup>187</sup> GREEN, James. Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>188</sup> “Roughly 5.000 people marched in Boston, Chicago, Cleveland, Madison, Memphis, New York City, Pittsburgh, and San Francisco. NACLA organized some 5.000 people to send telegrams to the embassies of Peru, Argentina and Mexico ‘asking their governments to grant political asylum to Chilean refugees.’” POWER, Margaret. “The U.S. Movement in Solidarity with Chile in the 1970s.” In: Latin American Perspectives, volume 36, nº6, novembro de 2009, p. 52.

mudanças na maneira de se fazer a política externa durante a Guerra Fria. Na sua avaliação, foram três os principais setores da sociedade engajados na causa chilena

“ (...) primeiro, intelectuais organizados por sua profissão ou disciplina, incluindo professores, diretores e advogados; segundo, a auto identificada esquerda (ambas Nova e Velha); e finalmente a vasta rede de denominações cristãs, com a United States Catholic Conference como a voz líder.”<sup>189</sup>

Dos três setores atuantes, vale notar, como fez Van Gosse, a participação cristã. Diferentemente das décadas anteriores, quando a Igreja Católica estadunidense se omitiu em relação às intervenções dos Estados Unidos na América Latina, legitimando uma postura anticomunista, o que a manteve afastada de qualquer movimento de denúncia, a partir do Chile, verificou-se a adoção de um posicionamento em oposição às ações do governo estadunidense. Essa nova orientação é compreendida pela penetração das ideias disseminadas pela Teologia da Libertação, doutrina da década de 1950 originalmente latino-americana que alcançou a América do Norte, influenciando os membros da hierarquia eclesiástica. Nesse sentido, em 1973 a USSC – United States Catholic Conference, representada pelo seu diretor, o reverendo Frederik McGuire, chefiou uma investigação sobre o Chile, produzindo material de divulgação, através de reportagens publicadas na National Catholic Reporter, favorável a Allende, reprovando, assim, o apoio ao governo ditatorial chileno. Em 1974 todos os membros do Conselho Administrativo da USSC, tornaram público um documento de denúncia às violações de direitos humanos no Brasil e no Chile.<sup>190</sup>

Foram significativos os relatos de religiosos estadunidenses expulsos do Chile após o golpe: o methodista Carol Nezzo, o reverendo Charles Welch da Holy Cross Missioners, os padres da ordem Maryknoll Joseph Dougherty e Francis Flynn, além do reverendo Joseph Eldridge<sup>191</sup>, um dos proeminentes ativistas pela causa dos direitos

<sup>189</sup> “(...) first, intellectuals organized by their professional or discipline, including professor, doctors, and lawyers; second, the self-identified Left ( Both New and Old); finally, the vast web of Christian denominations, with the United States Catholic Conference (USSC) as a leading voice.” VAN GOSSE. “Unpacking the Vietnam Syndrome: The Coup in Chile and the Rise of Popular Anti-Intervention” In: VAN GOSSE e MOSER, Richard (eds) *The World the 1960s Made: Politics and Culture in Recent America*. Philadelphia: Temple University, 2003, pp.102-103.

<sup>190</sup> Ibid, pp. 108-109

<sup>191</sup> Segundo James Green, o pastor Eldridge foi militante pelos direitos civis nos Estados Unidos e, na década de 1970, passou a trabalhar no WOLA – Washington Office for Latin America. Ele esteve no Chile durante os três anos da administração Allende e contou que ficou “apaixonado pela ideia de um governo liderado por um presidente que se esforçava por preservar as normas constitucionais e agir dentro de uma estrutura que protegesse as liberdades fundamentais e ao mesmo tempo procurava efetuar uma profunda revolução social, política e econômica.” GREEN, James. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 436.

humanos. Em 1973, o governo militar chileno ocupou, ainda, a escola St George's College dirigida por missionários norte-americanos sob a acusação de estar atrelada ao marxismo. Dois anos mais tarde, três freiras foram banidas do país sob a justificativa de abrigarem guerrilheiros do MIR.<sup>192</sup>

A proliferação de organizações voluntariamente focadas nos direitos humanos foi um dos fatores que contribuiu decisivamente para fomentar e ampliar a influência do ativismo direcionado para a América Latina na política norte-americana. Shultz atenta para o despontar desses grupos de interesse, ressaltando a atividade de lobby que realizavam sobre o Congresso, enfatizando a realidade chilena como uma das mais privilegiadas pelo movimento de direitos humanos nos EUA. O autor enumera precisamente 80 desses grupos, dos quais 15 estariam exclusivamente concentrados na América Latina. Dentre os mais destacados estiveram o religioso LASC – Latin America Strategy Committee - ; o WOLA – Washington Office on Latin America - . o COHA – Council on Hemispheric Affairs - ; O FCNL – Friend's Committee on National Legislation – o ADA – Americans for Democratic Action – e por último o ICJ – International Commission of Jurists. Outros grupos importantes são mencionados por James Green: CUSLAR – Committee on U.S-Latin America Relations; LAPAG – Latin America Policy Alternative Group; CALA – Community Action in Latin America e COFFLA – Common Front for Latin America.<sup>193</sup>

Em 1974, foram contabilizados mais de 200 grupos de solidariedade criados nos Estados Unidos.<sup>194</sup> A esquerda comunista não ficou de fora dessa movimentação, mas como avalia Van Goose demorou um pouco a se organizar, conseguindo realizar alguns protestos pequenos. Subordinados à Velha Esquerda estiveram os grupos “Los Angeles Coalition for the Restoration of Democracy in Chile; Michigan Committee for a Free Chile; Colorado May Chile Be Free Committee e Chicago's Citizen's Committee to Save Lives in Chile.”<sup>195</sup>

Os trabalhos que se propuseram a analisar as ações do Movimento em Solidariedade ao Chile em solo estadunidense registraram entre as principais iniciativas

---

<sup>192</sup>VAN GOSSE. “Unpacking the Vietnam Syndrome: The Coup in Chile and the Rise of Popular Anti-Intervention” In: VAN GOSSE e MOSER, Richard (eds) *The World the 1960s Made: Politics and Culture in Recent America*. Philadelphia: Temple University, 2003, pp.108-109.

<sup>193</sup> GREEN, James. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>194</sup>Ibid, p. 44.

<sup>195</sup> VAN GOSSE. “Unpacking the Vietnam Syndrome: The Coup in Chile and the Rise of Popular Anti-Intervention” In: VAN GOSSE e MOSER, Richard (eds) *The World the 1960s Made: Politics and Culture in Recent America*. Philadelphia: Temple University, 2003, p.106.

desenvolvidas pelos grupos: anúncios publicitários, denunciando medidas opressoras da junta chilena, como o corte dos programas do governo Allende que beneficiavam a população – distribuição do leite, por exemplo –, a divulgação de notícias listando nomes de médicos assassinados pela junta militar chilena, bem como notícias que dessem conta da participação da CIA nas ações encobertas para a derrubada de Allende<sup>196</sup>, palestras, seminários e conferências que davam voz aos exilados na intenção de provocar a discussão do tema, demonstrações culturais como concertos ou peças de teatro e elaboração de boletins informativos que denunciavam a institucionalização da tortura e ao mesmo tempo angariavam fundos para o movimento<sup>197</sup>, além da mobilização para recepção e acompanhamento de exilados acolhidos nos Estados Unidos <sup>198</sup>.

No plano Legislativo, o Movimento em Solidariedade conseguiu alcançar gradual sucesso, obtendo sanções progressivas aos países latino-americanos que violavam os direitos humanos. As conquistas foram possíveis graças à interação estabelecida entre os militantes e alguns políticos que estimularam o diálogo e a atenção em favor da causa. Entre 1973 e 1974 a Lei de Assistência Externa recomendava à presidência a negação de “qualquer assistência econômica ou militar ao governo de qualquer país estrangeiro que pratique a internação ou encarceramento de seus cidadãos por motivos políticos”<sup>199</sup>. Em 1975 a Lei de Assistência Externa recebeu a emenda Harkin, que conferia ao Congresso a possibilidade de limitar a ajuda econômica dos Estados Unidos a governos reconhecidamente repressivos. Em 1976, foi acrescido, ainda, um poder de restrição sobre a ajuda militar. Os políticos citados como os mais empenhados na causa dos direitos humanos foram: senadores Edward Kennedy e Frank Church, os deputados Michael Harrington, Tom Harkin e Donald Fraser. Os dois senadores e o deputado Fraser trabalharam separadamente organizando audiências para

---

<sup>196</sup> VAN GOSSE. “Unpacking the Vietnam Syndrome: The Coup IN Chile and the Rise of Popular Anti-Intervention” In: VAN GOSSE e MOSER, Richard (eds) *The World the 1960s Made: Politics and Culture in Recent America*. Philadelphia: Temple University, 2003.

<sup>197</sup> GREEN, James. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>198</sup> POWER, Margaret. “The U.S. Movement in Solidarity with Chile in the 1970s.” In: *Latin American Perspectives*, volume 36, nº6, novembro de 2009. Os Estados Unidos foi um dos países que menos recebeu exilados chilenos. A chegada dos refugiados só foi autorizada a partir de 1975. Ao todo foram 400 pessoas e suas respectivas famílias. Não houve um programa federal de assistência a essas famílias. Embora o governo estadunidense tivesse autorizado os refugiados a trabalhar, se recusou a legalizar a sua imigração, eles não receberam visa-green card, o que acabou submetendo-os a péssimas condições financeiras. Foi o Movimento em Solidariedade ao Chile – seus grupos não governamentais – que agiu autonomamente para recebê-las e auxiliá-las.

<sup>199</sup> GREEN, James. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 33.

recolhimento de testemunhos de exilados, antigos presos políticos e demais indivíduos que pudessem relatar as experiências de censura, prisão, tortura e execução a que estiveram submetidos aqueles que não se alinhavam ao governo ditatorial. Vale lembrar que o material reunido pelo senador Frank Church foi suficiente para comprovar a presença dos agentes estadunidenses no Chile desde a década de 1960 (Comissão Church). A respeito da participação governamental nos eventos golpistas, o senador Kennedy chamou o Secretário de Estado Henry Kissinger para que prestasse maiores esclarecimentos. Diante de tantos indícios, Harrington viajou para o Chile a fim de acompanhar a situação do país.

As iniciativas do Movimento em Solidariedade ao Chile foram muito importantes para relativizar a demonização do socialismo no Chile, construindo uma opinião pública favorável ao governo Allende e crítica aos atores golpistas, pressionando decisivamente para que ocorresse uma mudança no discurso e prática governamentais no campo humanitário, sobretudo para a América Latina. Se no início da década Kissinger e Nixon hesitavam em valorizar a esfera dos direitos humanos, no fim dos anos 1970, Carter e o seu secretário Vance se viram obrigados a conceder importância a esse assunto para permanecerem na cena política.<sup>200</sup>

Em 1973, quando perguntado sobre o desenvolvimento crescente da repressão nos países americanos, Kissinger afirmou:

“ Em nossas relações bilaterais seguimos uma política pragmática de gradação. Se a infração dos direitos humanos não é tão ofensiva que não possamos viver com ela, procuraremos trabalhar com o que podemos com o país envolvido a fim de aumentar a nossa influência. Se a infração é tão ofensiva que não possamos viver com ela, evitaremos nos relacionar com o país ofensor.”<sup>201</sup>

Poucos anos depois, em 1978, o discurso governamental de Carter legitimava a preocupação humanitária como cerne da política nos Estados Unidos:

---

<sup>200</sup> Van Gosse recorda-se de uma pergunta feita por Jimmy Carter a Gerald Ford durante um debate por ocasião das eleições presidenciais para mostrar como o princípio da não intervenção ganhou espaço e impôs um novo padrão na política dos Estados Unidos. No episódio, o candidato Carter cobrava um posicionamento sobre as prisões no Chile, advertindo sobre a participação dos Estados Unidos na supressão da democracia no Chile, VAN GOSSE. “Unpacking the Vietnan Syndrome: The Coup in Chile and the Rise of Popular Anti-Intervention” In: VAN GOSSE e MOSER, Richard (eds) *The World the 1960s Made: Politics and Culture in Recent America*. Philadelphia: Temple University, 2003, p. 111.

<sup>201</sup> “In our bilateral dealing we will follow a pragmatic policy of Degree. If the infringement on human rights is not so offensive that we cannot live with it, we will seek to work out what we can with the country involved in order to increase our influence. If the infrigment is so offensive that we cannot live with it, we will avoid dealing with the offending country.” In: SHOULTZ, Lars. “Human Rights and United States Policy toward Latin America.” New Jersey: Princepton University Press, 1981, p. 110.

“Enquanto eu for Presidente, o governo dos Estados Unidos continuará em todo o mundo a ampliar os direitos humanos (...) Nenhuma força na terra poderá nos separar desse compromisso (...) Nossa política de direitos humanos não é uma decoração. Não é algo que temos adotado para polir nossa imagem no exterior ou para colocar uma nova camada de tinta moral nas políticas desacreditadas do passado. Direitos humanos são a alma da nossa política externa.”<sup>202</sup>

Comparando as duas falas transcritas acima, é possível examinar que de uma postura que via com indiferença a necessidade de se respeitar os direitos humanos, considerando manter relações com países que, em algum grau, pudessem violá-los, passou-se a destacar a aceitação e o cumprimento dos preceitos dos direitos humanos como um dever. O país que, em 1974-75, se absteve inúmeras vezes durante votações realizadas em organismos internacionais como as da ONU, que denunciavam as brutalidades cometidas pelo governo chileno, a partir de 1976 aprovava a posição de Coordinator for Human Rights and Humanitarian Affairs e nomeava, por exemplo, Patrícia Derian, uma ativista pelos direitos civis, para o cargo de secretária de Estado para direitos humanos e assuntos humanitários, abrindo caminhos de representatividade para o ativismo pela causa.<sup>203</sup>

Ao contrário do que prevaleceu nos anos anteriores, o mérito da era Carter, sinaliza Shoultz foi o de trazer para a agenda diplomática a temática humanitária. O país que havia feito vista grossa para os abusos ocorridos no Cone Sul em benefício da manutenção do status quo e da conservação do seu poder no continente motivado pelo combate ao comunismo, agora se anunciava como guardião dos valores humanitários. Contudo, apesar da propaganda internacional em benefício dos direitos humanos, o governo Carter, sublinha o autor, foi bastante ambíguo na medida em que dirigiu a ênfase dessa política ao continente americano, desprezando o que acontecia em outras partes do mundo como a África do Sul, por exemplo, e insistiu em restringir a discussão do tema à circunscrição da OEA – Organização dos Estados Americanos –, ao invés de transpô-lo definitivamente à alçada da ONU, medida que poderia diminuir a influência na condução e regulação das atividades.

---

<sup>202</sup> “As long I am President, the government of United States will continue throughout the world to enhance human rights... No force on earth can separate us from that commitment (...)Our Human rights policy is not a decoration. It’s not something we have adopted to polish up our image abroad, or to put a fresh coat of moral paint on the discredit policies of the past (...)Human rights is the soul of our foreing policy.” In: SHOULTZ, Lars. “Human Rights and United States Policy toward Latin America.” New Jersey: Princeton University Press, 1981, p. 115.

<sup>203</sup> SHOULTZ, Lars. “Human Rights and United States Policy toward Latin America.” New Jersey: Princepton University Press, 1981.

Ao tentar definir a natureza da diplomacia do governo Carter, Shoultz analisa que não é possível valorizá-la ou denegri-la. Em linhas gerais, considera que a pretensão das suas ações se concentrou no ataque à tortura e às prisões injustificadas pela ausência de um julgamento, seguida, conseqüentemente, da salvaguarda da integridade física do indivíduo. Por trás de tudo isso, objetivava-se o esgarçamento das relações com as ditaduras latino-americanas e a dissociação da imagem dos EUA daqueles regimes extremamente conservadores e nada democráticos.

O Movimento em Solidariedade mostrou-se bem sucedido tanto no plano simbólico, quanto no plano prático.<sup>204</sup> No que tange ao primeiro aspecto, uma das conseqüências sinalizadas foi a repercussão que se produziu a nível cultural. Dentro desse campo, podem ser incluídos os filmes produzidos nas décadas de 1970 e 1980 retratando o governo Allende, a movimentação golpista e a repressão que se instaurou, não deixando de assinalar um viés político à dimensão cultural. O filme *Missing* é um exemplo disso e será examinado no próximo tópico desse capítulo. Efetivamente, como resultado material, argumenta-se que o movimento conseguiu educar as pessoas quanto ao imperialismo orientado para a América Latina, exercer pressão sobre os governos estadunidense e chileno, contribuindo para fomentar a discussão sobre direitos humanos, poupando, assim, algumas vidas. Da parte do Chile, somente na segunda metade da década de 1970, Pinochet autorizou visitas para averiguação das denúncias de abusos cometidos pelo regime ditatorial.

### **Missing: discurso cinematográfico e debate político**

*Missing*<sup>205</sup> foi produzido e distribuído pelos estúdios da empresa norte-americana Universal Pictures. Estreou no ano de 1982 e sua versão em língua portuguesa no Brasil ganhou o título “Desaparecido – Um Grande Mistério.” Nesse período o Chile ainda se encontrava sob a ditadura pinochetista, por isso, as cenas não puderam ser rodadas no cenário original. O país escolhido pelo diretor Costa Gravas para locação das filmagens foi o México, mais precisamente as cidades de Acapulco, em Guerrero e a Cidade do México, no distrito federal. O thriller político/drama, que

<sup>204</sup> POWER, Margaret. “The U.S. Movement in Solidarity with Chile in the 1970s.” In: *Latin American Perspectives*, volume 36, nº6, novembro de 2009.

<sup>205</sup> Outros dados completam a ficha técnica do longa-metragem: Produtores: Edward Lewis e Mildred Lewis; Produtor associado: Terry Nelson; Produtores Executivos: John Peters e Peter Guber; Roteiristas: Donald E. Stewart, John Nichols e Costa-Gravas; Editor: Françoise Bonnot; Diretor de Fotografia: Ricardo Aronovich. O filme é sonoro, colorido e filmado nos idiomas inglês e espanhol.

totaliza 122 minutos de duração, teve seu roteiro adaptado a partir do livro de Thomas Hauser<sup>206</sup> intitulado “The execution of Charles Horman: an american sacrifice” publicado em 1979. Dentre os atores e personagens principais destacam-se: Jack Lemon (Ed Horman); Sissy Spacek (Beth Horman); John Shea (Charles Horman); Melanie Mayron (Terry Simon); David Clennon (Consul Phil Putnam); Janice Rule (Kate Newman – repórter do New York Times); Charles Cioffi (Capitão Ray Tower) e Richard Venture (Embaixador dos Estados Unidos)

A partir do desaparecimento de Charles Horman, o filme foca o processo de busca empreendido por sua esposa, Joyce, e seu pai, Edmund, que sai dos Estados Unidos e vai ao encontro da nora para apoiá-la na procura do filho. Num cenário marcado pelo clima de extrema violência política, Ed aos poucos começa a entender a relação de apoio que se estabeleceu entre o seu governo e aquele regime autoritário e a perceber o desprezo da comunidade diplomática norte-americana no Chile ao caso. Por fim, Ed descobre, através de uma investigação paralela, que Charles havia sido executado no Estádio Nacional, três dias depois da sua prisão. Ao traduzir esse episódio em imagens, o filme denuncia a intervenção norte-americana no evento golpista chileno e problematiza o significado da morte de um norte-americano, sacrificado em prol de um objetivo estratégico – superior ao compromisso legal da Embaixada de resguardar a vida e a segurança de seus cidadãos fora da América –, o de não publicizar a cumplicidade fixada entre um governo que afirmava os ideais democráticos e a ditadura civil-militar.

Em virtude do grande número de nomeações e premiações recebidas, pode-se notar que *Missing* foi muito bem visto e avaliado pela comunidade cinematográfica, não apenas nos EUA, mas também fora do país, alcançando boa visibilidade na Europa. Vale notar que os países europeus, principalmente aqueles com uma tradição política social-democrata não ficaram ausentes do Movimento em Solidariedade ao Chile. Entre os mais engajados, Patrick Kelly cita Bélgica, Suécia, Dinamarca e Finlândia, além da França, Itália e Alemanha Ocidental. Dessa maneira, a presença constante da obra no circuito do cinema mundial naquele período sugere que a discussão do tema atingiu uma

---

<sup>206</sup> De acordo com Robert Toplin, Hauser foi advogado em várias causas contra o governo estadunidense, representando, por exemplo, a família de uma jovem morta durante os protestos na Kent State University em 1970. O livro centrado na história de Charles teria marcado a sua saída da área do direito e entrada na carreira de escritor. TOPLIN, Robert Brent. “Missing: an assault on the integrity of the U.S. government, the foreign service and the military” In: *History by Hollywood: the use and abuse of the American past*. Board of Trustees of University of Illinois, 1996.

proporção equivalente ao alcance das iniciativas do Movimento em Solidariedade ao Chile de caráter transnacional.<sup>207</sup>

Percebe-se, ainda, a valorização das atuações de Jack Lemon e Sissy Spacek, que figuraram sempre entre os indicados a prêmios naquele período. Entre as principais premiações, destacam-se, em 1982, a palma de ouro no Festival de Cannes na categoria de melhor filme. Já em 1983, recebeu a premiação de melhor roteiro adaptado nas seguintes cerimônias: Academy Awards, Writers Guild of America, Bafta Awards, e no London Critics Circle Film Awards. A participação no circuito londrino também lhe rendeu vitória nas categorias filme e diretor do ano.<sup>208</sup>

Infelizmente os dados obtidos sobre a bilheteria de *Missing* são muito escassos. De acordo com números divulgados, a bilheteria dos Estados Unidos teria alcançado o valor de \$14.000.000. Desta quantia, \$2.3000.0000 corresponderiam ao arrecadado durante a primeira semana de exibição – 12 a 19/03/82, quando o filme estaria sendo exibido em 733 salas. Esses dados segundo o ranking foram o suficiente para colocá-lo na 3ª posição, o que não é irrelevante. Já na segunda semana, verificou-se uma queda de 18%. O filme passou à sexta posição, sendo exibido em 632 salas, somando \$1.890.514.<sup>209</sup>

Os críticos de cinema que avaliaram *Missing*, apresentaram diferentes percepções acerca do trabalho desenvolvido por Costa Gravas. Nesse sentido, ressaltaram a positividade e contribuição do filme em trazer para o debate um assunto tão delicado e controverso. No entanto, por outra lógica explicativa observaram esse mesmo dado como sendo prejudicial, servindo, na verdade, para a depreciação do seu trabalho. É importante realçar que essas críticas levam menos em consideração aspectos técnicos e narrativos, dando ênfase ao questionamento do conteúdo, especificamente a participação dos Estados Unidos no golpe chileno. Os argumentos são bastante díspares, um reflexo da divisão da sociedade a respeito do tema. Enquanto Richard Blake<sup>210</sup> salientou a oportunidade que o filme concedia ao espectador de reexaminar suas posições sobre as políticas interna e externa, possibilitando a discussão do tópico,

---

<sup>207</sup> É importante frisar que a sociedade latino-americana, e a chilena em especial, não estiveram alheias ao debate e à mobilização em favor do respeito aos direitos humanos. Ver: QUADRAT, Samantha. “A emergência do tema de direitos humanos na América Latina.” In: FICO, Carlos (org). Ditadura e democracia na América Latina: balanço historiográfico e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

<sup>208</sup> Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0084335/awards>

<sup>209</sup> Disponível em: [http://www.imdb.com/title/tt0084335/business?ref\\_=ttrel\\_sa\\_3](http://www.imdb.com/title/tt0084335/business?ref_=ttrel_sa_3)

<sup>210</sup> America 03/04/82

Stanley Kauffmann<sup>211</sup> publicou um parecer bastante agressivo, acusando Costa-Gravas de imprecisão e irresponsabilidade. Na mesma linha, W.H. von Dreele<sup>212</sup> caracterizou o filme como fraude.<sup>213</sup>

Antes do filme ser lançado para o público em geral, o que ocorreu em março de 1982, já em fevereiro, por conta de uma pré-estreia com público limitado, verificou-se na imprensa um debate sobre a obra tendo em vista uma matéria de autoria de Flora Lewis publicada no *The New York Times*.<sup>214</sup> Em síntese, essa matéria reivindicava a necessidade de se ouvir outro ponto de vista que não o da família Horman. Retomando falas do diretor Costa-Gravas, Lewis lamentava o fato dos representantes do Estado não terem sido procurados durante a fase de elaboração do roteiro e filmagem para darem a sua contribuição para a obra cinematográfica.

O American Foreign Service Association divulgou uma nota através da qual expressava grande preocupação em relação à imagem do setor de relações exteriores após a exibição do filme. Em tom de contestação, a mensagem esclareceu que em nenhuma situação a diplomacia norte-americana deixou de dar o suporte necessário aos cidadãos. Para corroborar a sua justificativa, relatou a afirmação do Departamento de Estado norte-americano, negando qualquer participação no evento golpista chileno e qualificou como mentirosas as acusações e denúncias sobre postura negligente dos representantes do governo dos Estados Unidos no Chile. Além disso, citou um trecho de um relatório escrito pelo Secretário de Estado Muskie em resposta à causa da família movida contra o Estado, construindo sua argumentação na mesma linha da defesa.

Demonstrando bastante contrariedade em relação ao lançamento do filme, o Serviço de Relações Exteriores concluiu a nota exaltando o trabalho diplomático do país:

“É especialmente lamentável nessa situação específica que funcionários que trabalharam diligentemente sob perigosas condições e que realizaram esforços especiais em favor de cidadãos Americanos no Chile naquela época se transformaram em réus na causa civil dos Horman, foram denegridos no livro de Hauser, e representados de forma deturpada no filme. Embora entendendo coisas como ‘licença poética’, suspense e lucro são elementos legitimadores do show business, o Serviço de Relações Exteriores não acredita que esses fatores

---

<sup>211</sup> New Republic 10/03/1982

<sup>212</sup> National Review 05/03/1982

<sup>213</sup> Todos esses comentários podem ser acessados em: <http://www.lehigh.edu/~ineng/tes/tes-reviews.htm>

<sup>214</sup> LEWIS, Flora. “New Film by Costa-Gravas Examines the Chilean Coup.” *The New York Times*. Arts and Leisure, 07/02/1982. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*. Esse arquivo está localizado na Benson Latin American Collection na Universidade do Texas. Inventário disponível em: [www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html](http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html)

devam ser buscados pela apresentação do que pretende ser uma história verdadeira às expensas das reputações de funcionários que desempenham fielmente suas responsabilidades públicas.”<sup>215</sup>

Foi justamente o fato do filme evocar o estatuto de história e não de ficção que suscitou tantas inquietações e expectativas . A abertura do filme é citada em praticamente todas as reportagens que se dispõem a discutir a obra. Nela o diretor assegura que o filme é “baseado numa história verdadeira. Os incidentes e os fatos são documentados. Alguns dos nomes foram mudados para proteger inocentes e também para proteger o filme.”<sup>216</sup> Mesmo não citando o livro de Thomas Hauser - *The Execution of Charles Horman: an american sacrifice* – que serviu de base para a construção do roteiro adaptado, a produção sublinha a legitimidade do diretor para conceder status de verdade à obra. Esta postura causou grande incômodo, pois opunha-se à versão oficial do Estado norte-americano, que tentou se eximir de qualquer responsabilidade pela morte de Charles.

Os críticos insistiram em afirmar que ao contrário do que se poderia supor pela leitura do letrero de abertura, *Missing* não correspondia a um documentário, mas a um filme de ficção. George Will alertou, inclusive, para a falta de referências específicas ao governo Allende. Por um viés bem conservador, quis lembrar aos leitores que Allende não obteve a maioria dos votos, acusou o seu governo de perseguir partidos e jornais opositores, abrigar milhares de revolucionários, comprar armas de Cuba e elevar a inflação para 350%.<sup>217</sup>

Os advogados da família Horman se manifestaram no dia seguinte à publicação da nota do Serviço de Relações Exteriores deixando evidente a tentativa de não encerrar o caso. No lugar das frequentes justificativas de ausência de provas que pudessem dar continuidade ao processo contra o governo, explicaram que a causa só não avançou pela aceitação na Justiça da reivindicação por parte do governo dos Estados Unidos de

---

<sup>215</sup> “ It is especially unfortunate in this particular situation that officers who worked diligently under dangerous conditions and who made special efforts on the behalf of American citizens in Chile at that time were made defendants in the Horman’s civil suit, disgrated in the Hauser book, and misrepresented in the film. While understanding that such things as ‘poetic license’, suspense, and profit are legitimate elements of show business, the American Foreign Service Association does not think that these factors should be pursued by presenting what purports to be a true story at the expense of the reputations of officers faithfully carrying out their public responsibilities.” American Foreign Service, 11/02/1982, pp. 1-2. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*.

<sup>216</sup> “This film is based on a true story. The incidents and the facts are documented. Some of the names have been changed to protect the innocent and also to protect the film.” O site [www.imdb.com](http://www.imdb.com) corrobora essa ideia de fidelidade aos fatos quando declara que Edmund e Joyce Horman acompanharam de perto as filmagens do longa-metragem, referindo-se a eles como parte da equipe de trabalho de Costa-Gravas.

<sup>217</sup> WILL, George F. “The Truth is Missing from ‘Missing’”. Los Angeles Times, s/d. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*.

manutenção de documentação secreta sob a tutela do Estado. Observaram, ainda, como positiva a abertura e conhecimento do tema para debate através do filme como esperavam e acreditavam ser necessário. Nesse contexto o filme significava um plano B, uma alternativa com vistas a superar o entrave judicial, uma estratégia dos Horman para lançar luzes ao caso e exigir responsabilização do governo por outra via, mesmo que não a do tribunal. Como o Center for Constitutional Rights ponderou “Quando a justiça falha, a opinião pública é a única proteção.”<sup>218</sup>

Do outro lado da disputa pelo passado, Patrick Ryan, chefe da Missão Naval norte-americana no Chile, caracterizou o filme como uma “versão macabra da morte de Charles Horman.”<sup>219</sup> Questionando a denúncia de que Charles havia morrido porque sabia do envolvimento dos EUA no golpe, citou o exemplo de Terry Simon, amiga norte-americana de Charles, que esteve com ele em Viña del Mar, e saiu em segurança do Chile no final de setembro de 1973.

Como contraponto ao desaparecimento e morte de Charles, Patrick Ryan apontou não ter registrado nenhuma queixa da parte de Terry por ter sido abordada pelas autoridades chilenas. Acrescentou ainda, o nervosismo de Charles ao querer voltar a Santiago, mas o desconhecimento de que sua ansiedade se explicaria pelo fato de sua esposa, Joyce, estar sozinha na capital. Ressaltando os riscos, afirmou que

“(…) nós poderíamos ter checado o bem-estar de Joyce Horman através de canais militares, ou até possivelmente providenciar seu transporte para Vapo/Viña. Eu teria conduzido essa última tarefa com consideravelmente mais entusiasmo do que eu fiz o transporte de Charles Horman para uma zona de combate.”<sup>220</sup>

O militar norte-americano, atribuiu a morte de Charles ao acaso, sustentando a hipótese de que em situações-limite, como a de violência através da qual se instaurou o novo regime no Chile, seria possível que “uma pessoa pudesse desaparecer e ou ser morta por uma razão não lógica.” Patrick Ryan ajuizava que, como se tinha um ‘processo revolucionário’, gerando constantes combates nas ruas da cidade, qualquer

---

<sup>218</sup> “When Justice fails, public opinion is the only protection.” Carta do Center for Constitutional Rights endereçada ao editor do The New York Times, 12/02/1982, p.2. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*.

<sup>219</sup> RYAN, Patrick J. “‘Missing’: A Minefield of Conjecture, Innuendo, Fabrication.” Commentary. The San Diego Union 24/03/1982 In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*.

<sup>220</sup> “(…) we could have checked on Joyce Horman’s welfare through, military channels, or even possibly arranged her transportation to Vapo/Viña. I would have approached the latter task with considerably more enthusiasm than I did the transportation of Charles Horman into a combat zone.” Ibid

um estaria sujeito a morrer por “estar no lugar errado, na hora errada.”. Discorrendo sobre as possíveis causas para morte de Charles, insinuou que

“(…) Uma pessoa pode morrer numa revolução simplesmente por ser associada com ou ser percebida como associada a elementos opositores. Eu não sei como ou porque Charles Horman foi morto. Cenários possíveis são que uma vez preso, Horman tenha ficado em pânico e tenha tentado escapar ou que tenha sido insensivelmente executado num tipo de incidente My Lai. De qualquer forma foi uma atrocidade, como são as mortes de todos os inocentes em combate.”<sup>221</sup>

Tanto na tela de cinema, quanto nas páginas do livro, uma passagem da narrativa ganhou muito relevo, sendo analisada por Hauser e Gravas como uma confissão espontânea de um agente norte-americano da participação estadunidense no golpe. Refiro-me à cena do filme em que Charles e Terry encontram Arthur Creter na recepção do hotel em Viña del Mar, enquanto esperavam para voltar a Santiago. Charles pede o jornal emprestado a Creter (no filme ele recebe o nome de Andrew Babcock) e os dois começam a conversar. O personagem declara estar reformado, trabalhar na base do Panamá, mas ter sido enviado ao Chile em missão especial.

Charles: “ – O que está fazendo aqui?”

Babcock responde: “ – Bem, a Marinha enviou-me para fazer um trabalho e eu já o fiz.”

Terry interfere: “ – Sabe quanto tempo ficaremos em Viña?”

Babcock diz: “ – Uma semana, mas está tudo bem. O golpe deu certo e vocês estão a salvo.”

Charles: “ – Já estava planejado há muito tempo?”

Babcock ironiza: “ – Terry, dois mais dois são quatro?”<sup>222</sup>

Nathaniel Davis, embaixador americano no Chile no período de 1971 a 1973, minimizou a obra de Thomas Hauser e os relatos de Terry Simon – amiga de Charles que o acompanhava em Viña –, colocando em xeque a possibilidade de cumplicidade americana com qualquer ação golpista. Ao abordar os acontecimentos que envolveram o desaparecimento e a morte de Charles, o embaixador considerou “improvável” que Creter tivesse insinuado o que foi descrito no trecho acima. E acrescentou: “Creter havia

<sup>221</sup> “(…)A person can die in combat for simply being in the wrong place at the wrong time. A person can die in a revolution for simply being associated with or perceived as being associated with opposition elements. I do not know how or why Charles Horman was killed . Possible scenarios are that that once arrested, Horman panicked and attempted to escape, or that he was insensibly executed in a My Lai type incident. Either way it was an atrocity, as are the deaths of all innocents in combat.” Ibid. É significativo que tenha denominado o golpe civil-militar chileno de “revolução”, atribuindo-lhe, nesse sentido, uma conotação positiva.

<sup>222</sup> Transcrição do diálogo presente no filme entre 01:24’:55’’ e :01:25’:16’’.

sido enviado ao Chile para trabalhar num equipamento que produzia dióxido de carbono para carregar extintores de incêndio a bordo.”<sup>223</sup> Em contraposição a essa versão, Hauser, ao examinar o passado de Davis, evidenciou que a sua assunção ao cargo na Embaixada, no final de 1971 não foi fortuita. Poucos anos antes, assegurou, Davis havia prestado serviços na Guatemala, onde ficou encarregado de supervisionar um “programa de pacificação” que redundou na morte de 20.000 pessoas que manifestaram oposição ao regime de extrema direita vigente naquele país. Essa informação já constava na última edição do boletim FIN.

Nathaniel Davis se sentiu ofendido e ensaiou mover um processo contra Costa-Gravas e a Universal. A abertura da ação foi negada. Entretanto, ele não desistiu de responder às acusações e buscar compensação pela ofensa moral que julgou ter sofrido em razão do filme e do livro. Desmentindo as duas obras, lançou um livro de memórias intitulado “Os dois últimos anos de Salvador Allende”. E quando perguntado como avaliava, do ponto de vista ético e moral, o seu desempenho a frente da Embaixada dos Estados Unidos no Chile, sustentou: “Eu não estou envergonhado da minha conduta naquela missão; e eu acredito que não apenas eu, mas os outros funcionários no Chile fizeram o melhor que sabiam para tentar ajudar Edmund e Joyce Horman.”<sup>224</sup> Contudo, o seu antecessor na Embaixada Americana, Edward Korry, ao aceitar participar do documentário “A Última Batalha de Salvador Allende” (1998), de Patrício Henriquez, deixou clara a determinação do presidente Nixon e secretário Kissinger em esmagar o governo Allende.

A década de 1980, na qual *Missing* foi lançado, pode ser caracterizada como período bastante singular, porque nos Estados Unidos da era Reagan o movimento de questionamento às ações e intromissões estadunidenses na América Central atingiram índices de adesão bastante altos, “mais de 100 mil cidadãos se mobilizaram”, citou Green. Comparativamente, o engajamento da população estadunidense em protestos foi maior do que nas décadas anteriores<sup>225</sup>, quando foram vivenciados os Movimentos em Solidariedade ao Chile, Brasil e Cuba. É por conta desse contexto que Robert Toplin sugere que a obra cinematográfica serviu de ponte para que fossem abordadas vivências

<sup>223</sup> DAVIS, Nathaniel. Os dois últimos anos de Salvador Allende. Rio de JANEIRO: Civilização Brasileira, 1990, p. 398.

<sup>224</sup> Transcrição de entrevista dada ao programa Good Morning America da Universal Picture, estação WAB-TV e The ABC Television Network, Nova York, 12/02/1982. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*.

<sup>225</sup> Ver: AZEVEDO, Cecília da Silva. “Um Quaker desafia a América de Reagan: Jim Corbett e o movimento do Santuário” In: X Encontro Internaxional da ANPHLAC. São Paulo, julho de 2012.

do presente. Nesse sentido, o caso Horman teria sido escolhido a fim de que pudesse proporcionar uma leitura do passado capaz de efetivar a apreensão de lições imprescindíveis tanto ao presente quanto ao futuro. Utilizando o caso histórico de intervenção dos Estados Unidos no Chile, o filme abriria uma janela de acesso imediata a outros casos similares na América Latina, recuperando a lembrança de governos locais que haviam sido derrubados durante a Guerra Fria, servindo de denúncia, mas também de alerta.

Ao mesmo tempo, os anos 1980 testemunhavam processos de retomada da democracia na maioria dos países do Cone Sul, à exceção do Chile, acolhendo com o passar dos anos a discussão sobre o passado autoritário e a memória daquelas experiências repressoras.<sup>226</sup> Em vista disso, a dimensão da memória foi bastante privilegiada e compartilhada na forma de livros e filmes, fossem documentários ou ficção. Muito frequentemente trajetórias individuais serviam para tentar explicar uma dimensão coletiva e produzir um sentido para o vivido, como a de Horman. É importante ressaltar que essa tendência não declinou definitivamente. A discussão desse assunto, ainda fundamental à plena redemocratização das sociedades latino-americanas, vem sendo atualizada constantemente, embora se mostre mais sensível em alguns países do que em outros. Na década de 2000 encontramos outras obras centradas na temática, como por exemplo, *Kamchka* (2002), *Machuca* (2004) e *Batismo de Sangue* (2006).

Em 1973, ano do golpe chileno, Costa Gravas lançava o famoso “Estádio de sítio” se adiantando em inaugurar um ciclo de debate sobre a violência política no Cone Sul e a crítica tanto a esse tipo de regime, quanto aos seus colaboradores a partir do caso uruguaio. O diretor que possui uma extensa filmografia<sup>227</sup> já tinha seu trabalho bem recebido pela crítica antes do lançamento de *Missing*. Originalmente interessado em

---

<sup>226</sup> Entre os filmes realizados no final da década de 1970 e meados da década de 1980, refletindo a primeira geração de filmes-denúncia”, registram-se “Chove sobre Santiago” (1975) – Direção: Helvio Soto; “A Batalha do Chile II – o golpe de Estado (1977) – Direção: Patricio Guzmán; “Pra Frente Brasil” (1982) – Direção: Roberto Farias e “A História Oficial” (1985) – Direção : Luis Puenzo.

<sup>227</sup> Em ordem crescente numero nessa nota as produções nas quais Gravas desempenhou a função de diretor: *Les Rates* (curta) – 1958; *Compartiment Tuers* (Crime do Quarto Dormitório) – 1965; *Un Homme de Trop* (Um Homem a mais – Tropa de Choque) – 1967; *Z* – 1968/1969 (Essa produção ganhou o Oscar na categoria de melhor filme estrangeiro no ano de 1970); *L’aveu* (A Confissão) - 1970; *État de Siège* (Estado de Sítio) – 1972; *Section spéciale* (Seção Especial de Justiça) – 1975; *Clair de Femme* (Um Homem, uma Mulher, uma Noite) – 1979; *Missing* (Desaparecido, um grande Mistério) – 1982; *Hanna K.* –1983; *Conseil de Famille* (Conselho de Família) – 1986; *Betrayed* (Atraído) - 1988; *Music Box* (Muito mais do que um crime) – 1989; *Contre l’oubli* (segmento de “Pour Kim Song-man); *Corée* – 1991; *La Petite Apocalypse* – 1993; *À propôs de nice, la suite* (segmento de “Les Kankobals”) – 1995; *Lumière e Companhia* (documentário) – 1995; *Mad City* ( O Quarto Poder) – 1997; *Amém* – 2002; *Le Couperet* (O Corte) – 2005; *Eden à l’Ouest* – 2009 e *Le Capital* (O Capital) – 2013.

explorar a situação de violação de direitos humanos na Argentina, Costa-Gravas teria encontrado no caso Horman oportunidade de não desviar do tema inicial.<sup>228</sup>

Constantinos Gravas nasceu em Loutra Iraitas, em 1933, na Grécia. Após a II Guerra Mundial, sua família passou a residir em Atenas. Biógrafos apontam que Costa-Gravas teria herdado o ativismo político do seu pai, um funcionário do Estado grego que integrou um grupo de resistência à ocupação nazista no país durante a II Guerra Mundial e foi preso depois do conflito sob a acusação de ser comunista. Por conta de seu passado engajado e, sobretudo, dessa identificação política de esquerda, seu filho, na juventude, teve o visto de entrada negado para os Estados Unidos. Na década de 1950, Gravas, que pretendia estudar cinema na América, acabou se mudando para a França, onde começou e consolidou a sua carreira como diretor. Foi presidente da Cinemateca Francesa em duas oportunidades, 1981 e 2007. Foi justamente com o filme *Missing* que estreou no mercado cinematográfico estadunidense. Avaliando a sua formação francesa, o diretor declarou: “Aproximei-me de pessoas como Yves Montand e Simone Signoret, militantes de esquerda, porém nada dogmáticos e ciosos das liberdades individuais e de expressão. Isso me influenciou muito.”<sup>229</sup>

Legítimo representante do cinema politicamente engajado, o diretor afirma não se contentar com a uniformização, em quaisquer dimensões, da vida. Defensor de utopias, valoriza a possibilidade de revolta do ser humano, identificada como instrumento para a transformação da realidade. Defende, ainda, o humanismo em detrimento do economicismo e do individualismo. Jorge Nóvoa, em trabalho dedicado a analisar as contribuições do cineasta, sublinha que Gravas atua no nível da consciência a fim de evitar a indiferença e a repetição dos eventos históricos. Assim, a natureza política da sua obra pode ser entendida pela capacidade de estimular no telespectador a curiosidade e a reflexão sobre aquilo que acabou de assistir. Não se trata, avalia o autor, de convencer ou converter as pessoas, mas suscitar inquietação a respeito do que foi observado. Em entrevista datada de 2005 Costa-Gravas mencionou:

“É preciso colocar o ser humano no centro do mundo. (...) Quando nos tornarmos indiferentes, começamos a morrer. Eu vejo também em torno de mim pessoas que, com a experiência se tornaram cínicas. E dizem que as coisas, de todos os modos, não mudam jamais. Eu resisto. E tento cultivar essa

<sup>228</sup> TOPLIN, Robert Brent. “Missing: an assault on the integrity of the U.S. government, the foreign service and the military” In: *History by Hollywood: the use and abuse of the American past*. Board of Trustees of University of Illinois, 1996.

<sup>229</sup> ORCCHIO, Luiz Zanin. “Em Recife, Costa-Gravas revela inspiração para ‘Estado de Sítio’”. *Jornal O Estado de São Paulo*, 28/04/2009. Disponível em: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)

revolta. (...) Minha responsabilidade de cineasta pode ser resumida em três pontos: contar uma história, não enganar, defender um propósito.”<sup>230</sup>

Na perspectiva de Nóvoa, o trabalho do diretor, em geral, contempla simultaneamente três aspectos: cinema, memória e história. Isso se torna possível pelo fato de Gravas agregar à abordagem fílmica questões sociais, éticas, psicológicas e históricas. O autor destaca que a sua filmografia extrapola uma determinada circunscrição espaço-temporal, por isso contempla uma ampla variedade de contextos retratados pelo cinema.

Examinando os resultados da má sucedida experiência chilena de construção de uma via ao socialismo, pode-se supor que a atração de Gravas, militante de esquerda, pelo tema se explica pela importância simbólica do governo Allende. O fato de um diretor grego decidir tratar de um evento latino-americano, tendo como protagonista um personagem norte-americano mostra a difusão do que se poderia chamar de uma cultura política de esquerda e das reverberações de um episódio que articulou histórias individuais e coletivas.

Não obstante considerasse o filme um ato político, Costa Gravas se defendeu das críticas negativas a *Missing*, afirmando ter verificado todas as informações passadas no longa. Advertiu que a obra não era uma sentença judicial, mas o conjunto de conclusões a que se chegou na época. Os roteiristas de “*Missing*” compraram os direitos autorais do livro de Thomas Hauser e conseguiram com a família Horman uma permissão lhes conferindo “completa liberdade para contar a história.”<sup>231</sup>

Levando em conta as reflexões que problematizam a relação entre cinema e história, Marc Ferro notou o cinema como um suporte capaz de promover a análise do imaginário das sociedades, já que através do filme seria possível conhecer não só os acontecimentos, mas as intenções e crenças dos grupos humanos. O autor acrescenta ainda que os cineastas, consciente ou inconscientemente acabam transmitindo uma ideologia. Seguindo essa premissa, Elias Tomé Saliba sugere, a partir de uma citação de Michel de Certeau, que o cinema se utiliza da História para construir doutrinas, servindo de instrumento que favorece a disseminação de ideologias e construção de poderes.<sup>232</sup>

---

<sup>230</sup> In: NÓVOA, Jorge. “Costa Gravas: política, história e cinema” In: Revista Eletrônica O Olho da História, edição n. 7, p.6. Disponível em: [www.oohodahistoria.ufba.br](http://www.oohodahistoria.ufba.br)

<sup>231</sup> TOPLIN, Robert Brent. “Missing: an assault on the integrity of the U.S. government, the foreign service and the military” In: History by Hollywood: the use and abuse of the American past. Board of Trustees of University of Illinois, 1996.

<sup>232</sup> SALIBA, Elias Tomé. A produção do conhecimento Histórico e as suas relações com a narrativa fílmica. Lições com o cinema, n. 1. São Paulo: FDE, 1994.

Observando essas ponderações, ressalto ainda a ideia de Michael Pollak que insinua a apreciação do filme como objeto de memória. Uma interpretação que valoriza ainda mais o lugar da subjetividade poderia qualificá-lo como lugar de memória, que guarda a possibilidade de identificação de um discurso político-ideológico específico numa sociedade historicamente localizada no tempo e no espaço. É exatamente a isso que *Missing* se propõe ao fazer com que as pessoas conheçam o caso Horman, dando voz a uma memória pouco divulgada e motivando uma disputa de significados a respeito do golpe no Chile e a participação dos Estados Unidos. Mais do que relatar um caso particular, o filme suscitou críticas e questionamentos ao governo dos Estados Unidos, causando, como pôde ser comprovado, grande impacto na opinião pública estadunidense. Por essa razão, se torna essencial analisar alguns dos personagens principais da trama, além de examinar algumas cenas e sequências ricas em significados.

Charlie, como carinhosamente é chamado na maior parte do filme, é retratado como uma pessoa muito alegre e brincalhona, chegando até a ser inconveniente em momentos de maior tensão, como quando após quase uma semana retido no litoral retorna para casa e tenta descontraír a esposa Joyce, muito assustada em função da nova realidade política que se instalou no Chile. A narrativa ressalta também seu grande amor por Joyce e a constante preocupação com a esposa. Sempre muito curioso e não fugindo da sua formação jornalística, algumas vezes, tentou comprar ou pediu emprestado o jornal diário, admirando-se com o fato da imprensa não retratar fielmente o que se passava, da maneira que ele teve a oportunidade de observar.

Apesar das relações tecidas por Charles e da tentativa desse trabalho em resgatar e mapear sua trajetória, o filme passa a impressão de que sua militância era quase ingênua, espontânea, despreziosa, enfim, inofensiva, o que torna o seu sequestro e assassinato ainda mais injustificáveis e brutais. Para efeito da conquista da opinião pública para a causa reivindicada pelo filme – a punição dos culpados – essa construção é vantajosa. No entanto, como foi observado por esta pesquisa, Charles possuía um perfil ativista mais consistente do que o que foi demonstrado no filme. Ainda que não defendesse posturas mais radicais como a luta armada, inclinava-se a uma postura política de esquerda, consolidada pela sua experiência chilena.

A personagem de Joyce – no filme ela recebe o nome de Beth – ficou encarregada de representar o conflito de gerações que se evidencia durante o filme. Sobre ela, na perspectiva do sogro, recai parte da responsabilidade pelo

desaparecimento de Charles, pelas escolhas “erradas” que ele teria feito. Eles representam visões de mundo totalmente diferentes. Enquanto Ed questionava a simplicidade do cotidiano no Chile, desprezando toda a sua idealização sobre a vida e procurando conceber de maneira racional a motivação para aquele estilo alternativo, Joyce passa a maior parte do tempo tentando convencê-lo de que sua experiência ao lado de Charles foi plena de felicidade e expressava um sentido, um horizonte de vida específico, porém distinto daquele tradicional padrão de vida norte-americano visto por ele como adequado. Quando Ed visita a casa do casal que foi revirada no momento da prisão de Charles, Joyce, citando “O pequeno príncipe”, livro que o sogro parecia desconhecer, sublinha a relevância de um dos mais célebres trechos do clássico de maneira muito romântica: “o essencial é invisível aos olhos.” Naquele momento, Ed ainda não conseguia compreender os valores da geração do seu filho, herdeira da contracultura dos anos 1960.

Quando Ed interpela Joyce sobre sua insistente negativa em entregar à Embaixada estadunidense a lista de amigos de Charles para dar seguimento às investigações diplomáticas, é possível verificar com muita clareza o abismo que separava a filosofia de vida e a perspectiva política dos dois personagens, bem como a intensidade do embate entre eles.

Dessa maneira, o personagem de Ed é compreendido em sua totalidade a partir da oposição ao personagem de Joyce Horman, que funciona como um espelho, refletindo as diferenças de mentalidade entre pai e filho. Ele chega a Santiago completamente contrariado por ter que se deslocar dos Estados Unidos para resolver o que classifica como “confusão”, “estupidez” de Charles. Apresenta uma visão muito preconceituosa do Chile – país latino-americano, instável, violento, que precisa recorrer às Forças Armadas para manter a ordem, estereótipo muito corrente. Está confiante de que encontrará Charles com a ajuda da comunidade diplomática, ao contrário de Joyce, que sinalizava já não ter tantas esperanças. Ed rejeita a impaciência e desconfiança da nora, que demonstrava estar cansada de responder às mesmas perguntas e não obter resposta. Ela temia o pior, imaginando que o marido pudesse ter sido ferido ou torturado. Ed desprezava o seu raciocínio, qualificando-o como “paranoia contra o establishment”. Com esse discurso muito conservador e etnocêntrico, reforçava a ideia de que se eles tivessem ficado no seu próprio país nada daquilo teria acontecido. Percebia como infantil a visão romântica que o seu filho possuía do mundo e sua profissão de

escritor/jornalista. E extrapolou, conjecturando que o desaparecimento de Charles pudesse fazer parte de um plano para promover sua autobiografia.

No entanto, ao longo do processo incansável de busca, seu pai, Edmund, vai lhe conhecendo melhor, graças aos relatos da sua nora e dos registros encontrados em sua casa. Ele descobre, por exemplo que o filho além de se dedicar a histórias infantis, chegava a trabalhar 18 horas seguidas para editar o boletim FIN sem receber nenhuma remuneração por isso, apenas, como assegurou Joyce, “em troca de gratidão e um pouco de respeito.”. Em outro momento de conversa com a nora, Edmund toma ciência de que o filho não perdeu a mania de infância de jogar pedras no mar, adorava cantar música country enquanto estava no banho, gostava de cozinhar ensopado com ovo e admirava as estrelas, conhecendo muito bem as constelações. Na maioria das cenas em que Joyce e Edmund conversam sobre Charles de forma amistosa, Joyce está vestindo o casaco bege do marido, sinal que reforça o processo de conciliação entre pai e filho.

Se no início do filme Edmund duvidava do envolvimento do governo norte-americano no golpe, aos poucos, começou a admitir que Charles pudesse ter sido espancado ou morto. No entanto, não admitiu, por muito tempo, a possibilidade de responsabilizar pessoas ou instituições pelo desaparecimento de Charles. Ao cobrar uma ação mais contundente da Embaixada, numa fala ainda conformada e ao mesmo tempo desesperada, ressaltou

“(…) Mas vocês têm todos os meios à sua disposição. Não entendem? Vocês têm todas as conexões, sou um empresário de Nova York. Não falo uma palavra em espanhol e estou aqui. Meu filho pode ter sido morto, talvez tenha sido torturado, talvez ele tenha sido espancado a tal ponto que não tenha condições de se liberar. Eu não sei, não me interessa. Porque o que está feito, está feito. Só quero que achem essas pessoas e digam que o quero de volta como estiver. Não vou fazer escândalo, não vou procurar os jornais. Façam qualquer espécie de pedido para soltá-lo e eu assinarei. Absolverei qualquer um de qualquer coisa. Só quero meu filho de volta.”<sup>233</sup>

Essa passagem indica, sobretudo, o início de uma reconciliação afetiva entre pai e filho. Charles que havia sido acusado pelo pai de apresentar uma conduta inadequada passa a ser visto por ele como vítima, e não mais como responsável pelo que havia acontecido.

Como já se sabe, esse discurso não se mantém ao final do filme. Ainda no Chile, Edmund descobre por intermédio da jornalista Janice Rule um testemunho impreciso sobre o caso. Em visita à Embaixada da Itália, o personagem Paris (fazendo alusão à

---

<sup>233</sup> Transcrição da fala de Ed presente no filme entre 01:06’:14’’ e 01:07’:02’’.

figura de Rafael González) relata o que sabe sobre a cooperação entre o governo chileno e o americano, deixando Ed atordoado. O seu apego aos princípios da Ciência Cristã, entre os quais está a crença na verdade, parecem motivá-lo a não desistir. Mas, devido à ausência de notícias concretas, não consegue controlar o desgaste e a desilusão. Diante desse quadro, ele se reconcilia com Joyce. Edmund reconhece ter sido teimoso, ríspido e ter menosprezado o casal, pede desculpas à nora exaltando a sua força e coragem. Quando já não esperava mais nada, é através da Fundação Ford que toma conhecimento da morte de Charles. De posse dessa informação e sugerindo a aprovação das autoridades norte-americanas da decisão de execução de seu filho, exige explicações da diplomacia, que não admite de imediato a morte de Charles. No filme, Edmund é apresentado como um liberal da classe média que acredita na ciência e na razão e, por conta disso, na superioridade de sua sociedade. Segundo sua concepção de poder, o Estado estaria a serviço do cidadão, uma visão que está associada ao mito de inocência americana.

Última a ser examinada, a personagem Janice Rule é a repórter freelancer do jornal *The New York Times* – um jornal identificado com o Partido democrata, que já havia denunciado abusos cometidos na América Latina por força de pressão das organizações pelos direitos humanos. Na narrativa, exerce a função de mediadora para que Ed descubra a verdade. Na obra de Hauser, o pai de Charles só consegue encaixar as peças desse quebra-cabeças alguns anos depois, nos Estados Unidos, por conta de uma investigação independente. Como o filme é uma construção mais dinâmica, a personagem permite que a história seja contada de maneira mais rápida, sem que houvesse alteração da mensagem final. Ela está presente em momentos chaves, dando conselhos e conduzindo o raciocínio dos familiares em direção às descobertas.

Particularmente no que concerne à representação do contexto chileno, o filme retrata de maneira clara e inovadora para a época o universo da violência política vivenciada no período, evidenciando o medo generalizado e a tensão perene em que viviam os personagens. Seus diálogos e gestos eram interrompidos a todo momento por disparos e ruídos de sirenes policiais, muito bem incorporados à trilha sonora do filme. Observando como a rotina das ações militares interferia na vida da população, mostrou a dificuldade de se sair de casa devido ao toque de recolher, bem como a drástica diminuição ou interrupção da prestação dos serviços de transporte – ônibus, táxis e avião –, o que tornava árduo o deslocamento de qualquer um. As primeiras sequências que exibem as tentativas de Charles e Joyce de voltarem para casa antes do toque de

recolher são extremamente realistas e, em última instância, poderiam ser atribuídas a qualquer um dos regimes ditatoriais do Cone Sul entre 1960 e 1980. É o que se pode observar nas imagens abaixo.

**Imagem 1**<sup>234</sup>



**Imagem 2**<sup>235</sup>



**Imagem 3**<sup>236</sup>



**Imagem 4**<sup>237</sup>



**Imagem 5**<sup>238</sup>



**Imagem 6**<sup>239</sup>



Ao pegar carona com oficial das Forças Armadas estadunidense para retornar a Santiago, Charles (de casaco bege nas imagens 3 e 4) em companhia da amiga Terry Simon (sendo revistada, imagem 5) se choca ao presenciar tamanha repressão. A primeira figura destaca a intensidade da militarização dos espaços públicos, soldados armados estavam por toda parte. A segunda imagem exhibe o caráter conservador da ditadura, uma vez que soldados chilenos retiram duas mulheres da fila de espera do ônibus e rasgam as suas calças compridas, dizendo: “A partir deste dia, as mulheres deste país não usam mais calças.” O cotidiano das revistas é apresentado pelas imagens 3 e 5. As pessoas – em grupo ou individualmente – eram comumente deslocadas do seu caminho e paradas para que fossem revistas. A quarta figura evidencia a tentativa de apagar registros do governo Allende como faziam os rapazes sob a supervisão dos militares, destruindo a arte muralista, enquanto Charles passava. Por fim, no mesmo ambiente em que Terry está sendo revista, a sexta imagem focaliza um corpo inerte

<sup>234</sup> Tempo de filme em que a cena é exibida: 2': 02''.

<sup>235</sup> 11':51''.

<sup>236</sup> 12':48''.

<sup>237</sup> 12':51''.

<sup>238</sup> 13':14''.

<sup>239</sup> 13':49''.

coberto por um lençol ensanguentado num canto. No filme, a tomada sobe pela parede mais próxima para mostrar a marca da bala.

De maneira complementar, ao não conseguir um meio de transporte para chegar em casa, Joyce vaga pelas ruas de Santiago até encontrar um lugar para se esconder e aguardar o fim do toque de recolher. Nesse intervalo ela se depara com revistas (imagem 7) , corpos espalhados pelas ruas da cidade (imagem 8) , grandes e pequenas fogueiras pelo caminho ( imagem 9) , numa alusão à queima de material considerado subversivo pelo novo regime. Ao chegar à sua casa, Joyce encontrou os cômodos totalmente revirados, mas não havia nenhum sinal de Charles. (imagem 10)

**Imagem 7**<sup>240</sup>



**Imagem 8**<sup>241</sup>



**Imagem 9**<sup>242</sup>



**Imagem 10**<sup>243</sup>




---

<sup>240</sup> 19':02''.

<sup>241</sup> 19':52''.

<sup>242</sup> 20':44''.

<sup>243</sup> 23':07''.

Imagem 11<sup>244</sup>Imagem 12<sup>245</sup>Imagem 13<sup>246</sup>

As cenas que se referem à prisão dos dois amigos de Charles são inseridas na narrativa a partir de flashback. David, que havia acabado de ser solto, relembra o momento em que ele e Frank foram presos em casa, quando militares fortemente armados invadiram o local, levando-os ao Estádio Nacional. Nesse momento, a sequência salienta a institucionalização da repressão, sugerindo ainda uma ação conjunta entre países sul-americanos na atividade de perseguição política em virtude da presença de um militar brasileiro no Estádio, que trabalhava na organização e distribuição dos presos. Enquanto o personagem David aparentava estar muito amedrontado, Frank confiava que nada lhes poderia acontecer, afinal eram norte-americanos e os Estados Unidos apoiavam as ações golpistas.

Durante o processo de busca por Charles, Edmund e Joyce presenciam outras cenas que reforçam a face violenta do regime. Em meio às visitas aos hospitais, os dois são chamados a olhar pela janela em direção a um rio, por onde passava um corpo boiando. Em ida ao Estádio Nacional verificam alguns milhares de detidos pela ditadura. E finalmente, no necrotério, Joyce descobre o corpo baleado de Frank, que a Embaixada havia afirmado estar em liberdade.

Imagem 14<sup>247</sup>Imagem 15<sup>248</sup>Imagem 16<sup>249</sup>


---

<sup>244</sup> 58':18'' .

<sup>245</sup> 58':55'' .

<sup>246</sup> 01:01':18'' .

<sup>247</sup> Tempo de filme em que a sequência do corpo boiando no rio é exibida : 01:11':39'' e 01:11':50'' .

<sup>248</sup> 01:16':49'' .

<sup>249</sup> 01:31':13'' .

Em algumas oportunidades, a narrativa fílmica sugere a presença de propaganda de empresas multinacionais estadunidenses. Como os anúncios aparecem na rua em momento anterior ao toque de recolher (imagem 17) ou em ambiente onde a família de Charles conversa com representantes das Forças Armadas chilenas, estando acompanhada de representantes da diplomacia dos Estados Unidos no Chile (imagem 18), as cenas induzem à interpretação de que essas corporações estariam envolvidas com o regime e associadas ao governo norte-americano no apoio à ditadura.<sup>250</sup>

**Imagem 17**<sup>251</sup>



**Imagem 18**<sup>252</sup>



**Imagem 19**<sup>253</sup>



O outdoor da Ford está localizado bem no alto, à direita, da imagem 17. A propaganda da Pepsi encontra-se na imagem 18. Na imagem 19, enquanto Edmund e Joyce procuram Charles entre os inúmeros presos no Estádio Nacional, uma placa no alto da arquibancada, exibe o nome da empresa Texaco.

A cumplicidade entre as Forças Armadas chilenas e a diplomacia norte-americana é mais um elemento sublinhado pelo filme. Os representantes estadunidenses têm trânsito livre na cidade, passando por forças militares sem maiores dificuldades. Especificamente sobre o posicionamento do Estado norte-americano sobre o

<sup>250</sup> No capítulo dois dessa dissertação pontuei as críticas que se levantaram na época por parte dos ativistas de esquerda que responsabilizavam as empresas estrangeiras pela espoliação das riquezas no Chile. Essa também foi uma denúncia recorrente nas páginas do boletim FIN.

<sup>251</sup> 19':29''.

<sup>252</sup> 01:16':36''.

<sup>253</sup> 01:18':07''.

desaparecimento de Charles, a narrativa denuncia a negligência ao caso e o desrespeito com a família quando são passadas algumas informações desencontradas. Sobre esse comportamento, duas cenas merecem ser ressaltadas. Em ambas, enquanto Edmund procurava por notícias, o ângulo da câmera fecha no retrato do presidente Nixon pendurado na parede. O ângulo de filmagem favorece a figura de Nixon, que fica localizada bem atrás dos representantes do governo, porta-vozes das notícias. Fica evidente para o espectador que aquelas falas são as orientações do presidente ecoando no Chile, insinuando mais uma vez a colaboração nos esforços golpistas e o desinteresse em relação às violações de direitos humanos como norte da política governamental. A era Nixon, do Vitenã e de Watergate, representa no imaginário norte-americano a perda da inocência.

**Imagem 20**<sup>254</sup>



**Imagem 21**<sup>255</sup>



A despedida de Ed e Joyce dos membros da diplomacia dos Estados Unidos no Chile é marcada por grande animosidade. Ao conversar sobre o envio do corpo de Charles, um funcionário da Embaixada inicia uma fala desagradável sobre as taxas que deveriam ser pagas para cobrir o serviço que será prestado – frete do corpo e impostos. Quando Joyce pergunta se deveria dar o dinheiro naquele momento, ele recua, deixando o acerto para ser feito nos Estados Unidos.

Na última sequência, rebatendo uma fala do cônsul, mas sem desqualificar a democracia liberal, Edmund, crente no poder da justiça, assegura:

“ – Vou processar você, Phil e Tower e o embaixador e todos aqueles que deixaram meu filho morrer. A coisa ficará tão feia para vocês que vão desejar nunca ter nascido.”

Phil provoca: “ – Suponho que seja seu privilégio.”

Edmund replica: “ – Não, é o meu direito. Graças a Deus vivo num país onde podemos pôr gente como vocês na cadeia.”<sup>256</sup>

<sup>254</sup> 25':48''.

<sup>255</sup> 01:05':27''.

<sup>256</sup> Transcrição do diálogo exibido entre 01:53':07'' e 01:53':25''.

A cena final do filme, mostrando a chegada dos restos mortais de Charles, sete meses depois, numa caixa de madeira, onde se lê “Charles Horman, Santiago”, ressalta Jorge Nóvoa, faz uma clara menção ao regresso dos corpos dos soldados mortos na Guerra do Vietnã. Chega a ser irônico e cruel, para quem serviu pouco tempo durante esse conflito, voltar ao país nas mesmas condições daqueles que estiveram em combate na Ásia, principalmente para quem, como certifica Hauser, se decepcionou com o Vietnã. Em consonância com a ideia de Síndrome do Vietnã sugerida por Van Gosse, Costa-Gravas chama atenção para uma continuidade entre os dois episódios da política externa dos Estados Unidos.

**Imagem 22**<sup>257</sup>



“Emocionalmente fascinante e instigante o filme de 1982 de Costa-Gavras ainda tem o poder de abalar os espectadores em relação a sua indiferença para com a América Latina.”<sup>258</sup> Escolhi esse comentário a respeito do filme para finalizar o capítulo, porque ele resume o sentido que se pretendeu dar ao Movimento em Solidariedade ao Chile, ao qual o filme de Costa-Gravas pode ser intimamente associado. Visando educar as pessoas sobre as manobras do governo norte-americano na região e sublinhando a natureza ditatorial do regime no Chile, os ativistas envolvidos com os direitos humanos e outras causas convidavam as pessoas a se posicionarem criticamente em relação à política externa estadunidense.

<sup>257</sup> 01:54':15''.

<sup>258</sup> “Costa-Gavras's emotionally riveting and thought-provoking 1982 film still has the power to shake viewers out of their indifference to Latin America.” Comentário de Frederic and Mary Ann Brussat registrado em 2002 no site <http://www.rottentomatoes.com/m/1014007-missing/>

## Considerações Finais

Ao analisar a memória acerca do 11 de setembro de 1973 a partir dos Estados Unidos, esse estudo se dispôs a revelar uma face pouco conhecida daquele país – a face do dissenso – , confirmando a possibilidade de existência de movimentos norte-americanos críticos ao seu próprio governo, contrariando uma visão predominante e absoluta do consenso.

No Brasil uma afirmativa como essa, muitas das vezes é motivo de espanto, sendo encarada como um fato inusitado. Se conjugar um olhar para a esquerda estadunidense, então, possivelmente o objeto é considerado improvável. O senso comum apresenta concepções bastante simplistas sobre a realidade norte-americana, esquecendo que, como outras sociedades, a estadunidense apresenta nuances, conflitos sociais e diferenciadas e concorrentes correntes políticas, incluindo a possibilidade de expressão de uma postura de esquerda, oposta à bandeira política governamental oficial. Isso não significa, porém, como muitos podem pensar, que não se produza uma visão crítica a respeito do comportamento exibido por esse país.

Tentei mostrar através da experiência dos ativistas do grupo Fuente de Información Norte-americana o reconhecimento de uma realidade doméstica marcada pela frustração e inconformismo com os caminhos das políticas estatais do período da Guerra Fria. Influenciados pela Nova Esquerda, os jovens observados se retiraram do seu país num momento de intensificação das manifestações sociais contrárias à Guerra do Vietnã para buscar esperanças na América do Sul. O Chile do presidente socialista Salvador Allende foi o lugar escolhido por esses norte-americanos. Vale destacar que eram, em sua maioria, estudantes universitários de classe média, brancos e pelo menos, dois deles desenvolviam pesquisas relacionadas à experiência chilena.

Os números de FIN focaram principalmente notícias relacionadas à guerra no Vietnã, ao movimento revolucionário negro nos Estados Unidos, e ao domínio econômico exercido pelas multinacionais. No contexto das notícias, o imperialismo destacou-se como principal chave de leitura para o entendimento tanto da política externa, quanto da política interna norte-americana. Do lado latino-americano, a consciência de uma conjuntura imperialista, injusta e desigual impulsionava os movimentos revolucionários. Originário dos Estados Unidos, o material apresentado por FIN comprovou que as questões discutidas e a interpretação acerca do cenário da

Guerra Fria eram bastante afins com o que se debatia na América Latina, o que sugere um paralelismo entre o que acontecia na América Latina e Estados Unidos.

A efetiva interação entre atores e cenários políticos sociais, o norte-americano e o chileno, – comprovada pela pesquisa – sugerem e reforçam a possibilidade de uma articulação internacional de esquerda e a identificação da esquerda da América Latina como uma interlocutora privilegiada para a esquerda norte-americana. E embora fosse pequeno o número de ativistas FIN, sublinho a sua importância do ponto de vista do horizonte utópico que perseguiam e encarnavam.

Como destacou Cecilia Azevedo, desde a sua fundação, os Estados Unidos apresentam um discurso que reserva ao país a prerrogativa de exercer uma ação responsável sobre os demais, ideia fundada num repertório mítico e no seu destino incontornável à expansão territorial, a princípio, e ideológica, posteriormente. A América chama atenção, orgulhosa do seu ethos pioneiro e da criação do seu regime político republicano, de sua disposição missionária: espalhar a democracia e a liberdade aos povos que, porventura, não fossem agraciados com essa benção. Essa retórica etnocêntrica justificou historicamente inúmeras intervenções na América Latina, legitimando, por exemplo, a proposição de superação de estruturas latinas hierarquicamente atrasadas e, conseqüentemente, sua substituição pelo imbatível e moderno modelo estadunidense. Contudo, é preciso notar que existiam leituras diferenciadas desse sentido, como é o caso de FIN, já que seus ativistas adotaram uma visão mais respeitosa, sugerindo a igualdade no lugar da subordinação.

O Chile marcou, como acredita Van Gosse, a continuidade e aprofundamento de um movimento de defesa da não-intervenção, que ganhou contornos iniciais por conta do envolvimento na Guerra no Vietnã. E a experiência que tenderia a permanecer isolada na memória de uma dúzia de jovens idealistas, transcendeu a esfera particular, tornando-se pública, coletivizada em razão do golpe militar e da verificação do suporte da administração Nixon às ações encobertas que tinham o objetivo de evitar um governo socialista no Chile. Diretamente dos Estados Unidos levantou-se um movimento em favor dos direitos humanos e contrário a ditadura chilena. Não foram apenas aqueles que haviam experimentado o socialismo no Chile que se integraram ao movimento de denúncia. Como salientam os pesquisadores o caso do Chile estabeleceu um novo parâmetro para avaliar a política nos Estados Unidos. A influência exercida pelo Movimento em Solidariedade ao Chile foi tão significativa que alcançou a dimensão interna da política. A eleição de Carter e sua agenda política são um exemplo disso.

Jimmy Carter levantou a bandeira dos direitos humanos como fio condutor do seu governo. Essa discussão extrapolou os círculos políticos, chegando também à esfera cultural, criando um ambiente favorável à produção do filme *Missing* de Costa Gravas. Em recente entrevista, Joyce, esposa de Charles, revelou que o filme superou as suas expectativas. Ela tinha desconfianças de que Hollywood pudesse conduzi-lo de uma maneira inapropriada. Nesse sentido, como prevenção, solicitou que a personagem relacionada à sua imagem tivesse o nome mudado para que fosse possível não associá-la à obra, caso suas suspeitas se confirmassem. Ao contrário do que esperava, o impacto que o filme causou no público levou Edmund Horman a participar de ciclos de debates e palestras em Universidades. Joyce o acompanhava e aos poucos foi se responsabilizando por essa tarefa. Ela assegura

“Eu sempre achei que as questões dos estudantes que assistiram ao filme, mesmo que eles não tivessem vivido ou estivessem conscientes de 1973, indicavam um entendimento do que havia se passado. Para esse público, o filme facilitou uma nova consciência das ações imorais e uma brutal decepção com a administração Nixon-Kissinger e provocou extenso debate sobre os valores que os Estados Unidos levantam para si como nação.”<sup>259</sup>

Joyce está atualmente à frente da Charles Horman Truth Foundation, que organizou no ano passado o Evento “Tributo à Justiça – relembrando 40 anos”, premiando iniciativas e ativistas pela causa dos direitos humanos. Ela continua realizando o trabalho de divulgação do caso Horman, avaliando que

“Em 1973 não havia Corte Internacional, não havia Corte Interamericana, não havia currículos sobre direitos humanos nas Universidades ou escolas, não havia registros de impunidade. Nós hoje temos pequenos registros de impunidade, ditadores não podem imaginar cometerem crimes contra a humanidade e não serem responsabilizados por isso. (...) Esses são alguns dos importantes passos à frente que nós demos. E é difícil, e leva bastante tempo, mas uma vez que você reconhece esses avanços (...), eu não posso estar ferida por isso.”<sup>260</sup>

Sem desconsiderar o caso Horman, uma história individual que serviu de ponto de partida para direcionar o meu olhar para o contexto interamericano, essa dissertação

---

<sup>259</sup> “I always found that the questions from students who saw the movie, even though they weren’t around or at least not aware in 1973, indicated an understanding of what had happened. For its audiences, this film facilitated a new awareness of the immoral actions and gross deceptions of the Nixon-Kissinger Administration and provoked extensive debate over the values that the United States stood for as a nation.” HORMAN, Joyce. *Missing Charlie, 40 years later*. The Progressive, setembro de 2013, p. 2. Disponível em: <http://progressive.org/justice-in-chile>

<sup>260</sup> Trecho de uma comunicação de Joyce para universitários do Centro de Estudos Latino Americanos na Universidade da Califórnia, Berkeley. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=iAqqXba4dmc>

alcançou uma perspectiva um pouco mais ampla da experiência chilena. Conjugando o contexto estadunidense ao que se passava durante o governo Allende, o estudo considera a existência de uma tentativa real de internacionalização da esquerda, chamando atenção para uma história pouco conhecida e divulgada. Sendo assim, acredito que esta pesquisa abriu um espaço para que essa experiência seja melhor compreendida na sua totalidade.

**ANEXO I**

Marcha em Washington 1963, fotos de Charles Horman.<sup>261</sup>

As fotografias sobre a Marcha, registram a cobertura televisiva sobre o evento e a presença policial na manifestação pacífica. Charles registra uma postura mais relaxada dos agentes de segurança, distinta do que ocorria em outros pontos do país. No entanto, uma marcha que reivindicava maiores direitos à população negra encontra um negro entre os integrantes da força policial. Talvez, querendo fazer notar essa contradição, Charles tenha dado bastante destaque à figura do policial negro em primeiro plano numa das fotos.



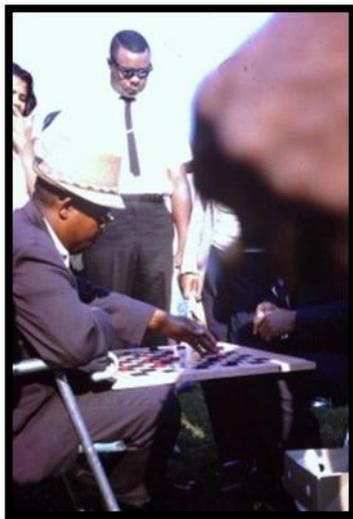
---

261

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.160371454159636.1073741831.131447947051987&type=1>

As fotos de Charles parecem ter captado o clima tranquilo do protesto, que integrou brancos e negros pela ampliação de direitos dentro da sociedade estadunidense. Fossem ativistas filiados à organizações pelos direitos civis ou militantes independentes, as pessoas, das mais variadas idades, demonstravam uma face do dissenso.





## BIBLIOGRAFIA

AGGIO, Alberto. Democracia e Socialismo: a experiência chilena. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

AGUIAR, Carolina Amaral de. “O Chile na Obra de Chris Marker: um olhar da Unidade Popular desde a França.” Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2013.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AZEVEDO, Cecília. “Sob fogo cruzado: a política externa e o confronto de culturas políticas nos EUA.” In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005.

\_\_\_\_\_. A esquerda americana e o Brasil – 1960-1970. Comunicação apresentada em reunião do Brazilian Studies Association, Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. “Um quaker desafia a América de Reagan: Jim Corbett e o movimento do Santuário” Comunicação apresentada na ANPHLAC em São Paulo, julho de 2012.

\_\_\_\_\_. “Relações Interamericanas no século XX: percursos e debates acadêmicos” In: AZEVEDO, Cecília e RAMINELLI, Ronald (orgs.) História das Américas: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

\_\_\_\_\_. “Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do século americano: William James e o Pragmatismo.” In: Diálogos, Maringá: UEM/DHI, v. 7, pp. 25-36, 2003.

BITAR, Sergio. Transição, Socialismo e Democracia: Chile com Allende. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. In: Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea São Paulo : Universidade Estadual Paulista, 1996.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRAY, Marjorie Woodford. “The making of Chile: with poems and guns – a personal recollection.” In Latin American Perspectives, volume 20, nº 10, janeiro de 2012.

CARBONELLA, August. “The Culture of U.S. Imperialism from Vietnan to Iraq.” In: MASKOVSKY, Jeff e SUSSER, Ida. Rething America: The Imperial homeland in the 21<sup>st</sup> Century. Paradigm Publishers, 2009.

ELBAUM, Max. 1968: U.S. Radicalism Explodes and Transforms.

FERRO, Marc. “Coordenadas para uma pesquisa” In: Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. “Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOOF, Jacques e NORA, Pierre (orgs). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GREEN, James. Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos EUA 1964-1985. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUEVARA, Ernesto Che. “Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental” In: Obras Escojidas. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2001.

GOMES. Angela Maria de Castro. ‘Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo’ In: Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HUNNEEUS, Carlos. ‘El liderazgo del general Augusto Pinochet; bases institucionales y recursos de poder’ In: El régimen de Pinochet. Santiago: Sudamericana, 2000.

JELIN, Elisabeth. Los trabajos de la memória. Madri: Siglo Veinteuno Editores, 2001.

JUNQUEIRA, Mary. A. “Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº42, 2001.

KAPLAN, Amy; PEASE, Donald (org). Cultures of United States Imperialism. Durham, Duke University Press, 1991.

KAZIN, Michael. “Not with my life, you don’t, 1950s – 1980s . “ In: American Dreamers: how the left changed a nation. Random House, 2011

KELLY, Patrick William. “When the People Awake’: The Transnational Solidarity Movement, the Pinochet Junta, and the Human Rights Moment of the 1970s,” A New Global Morality? Human Rights and Humanitarianism in the 1970s Conference, Freiburg, Germany, June 10-13, 2010.

MATTSON, Kevin. Intellectuals in action: the origins of the new left and radical liberalism, 1945-1970. Pennsylvania State University Press, 2002.

MAXWELL, Kenneth. “ *The other 9/11: The United States and Chile, 1973*” In: Foreign Affairs, novembro/dezembro de 2003.

NÓVOA, Jorge. “Costa Gravas: política, história e cinema” In: Revista Eletrônica O Olho da História, edição n. 7

POLLACK, Michael. “Memória e Identidade Social.” In: Revista Estudos Históricos, vol.5, nº 10, 1992.

\_\_\_\_\_. ‘Memória, esquecimento e silêncio’ In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2n.3, 1989.

POWER, Margaret. “The Engendering of Anticomunism and Fear in Chiles’s 1964 Presidencial Election”. In: Diplomatic History, volume 32, novembro de 2008.

\_\_\_\_\_. “The U.S. Movement in Solidarity with Chile in the 1970s” In: Latin American Perspectives, volume 36, nº6, novembro, 2009.

ROGERS, Wiiliam D. “ *Fleeing the Chilean Coup: The Debate over U.S. Complicity.*” In: Foreign Affairs, janeiro/fevereiro de 2004.

ROSSINOW, Doug. Introduction. In: Visions of Progress: The Left-Liberal tradition in America. PENN: University of Pennsylvania Press, 2008.

ROSSINOW, Doug. “From the Age of Anxiety to the Politics of Autenticity.” In: The Politics of Autenticity: Liberalism, Christianity, and the New Left in America. Nova York: Coumbia University Press, 1998.

ROUSSO, Henry. “Mémoire et Histoire: la confusion?” In: La hantisse du passé. Entretien avec Philippe Petit. Paris: Les Éditions Textuel, 1998.

SALIBA, Elias Tomé. A produção do conhecimento histórico e as suas relações com a narrativa fílmica. Lições com o cinema, n. 1. São Paulo: FDE, 1994.

SCHMEISSER, Boris Cofré. Historia de los pobladores del campamento Nueva la Habana durante la Unidad Popular (1970-1973). Monografía (Graduação). Universidade ARCIS, Escuela de Historia y Ciencias Sociales, 2007.

SHOULTZ, Lars. “Human Rights and United States Policy toward Latin America.” New Jersey: Princepton University Press, 198.

SCHULMAN, Bruce J. Introdução In: The Seventies: The Great Shift in American Culture, Society, and Politics. New York: The Free Press, 2002.

SOUSA, Rodrigo Farias de. “A Nova Esquerda Americana: de Port Huron aos Wheathermen 91960-1969”. Rio de Janeiro: Editora FGV,2009.

STEPHANIE. A. e SCLOCUM Schaffer. “Nixon; our father’s betrayal.” In: America in the Seventies.

Syrrett (org.) Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1998.

TODOROV, Tzevetan. Los abusos de la memoria. Barcelona: Paidós Asterisco, 2000.

TOPLIN, Robert Brent. “ Missing: an assault on the integrity of the U.S. government, the foreign service and the military” In: History by Hollywood: the use and abuse of the American past. Board of Trustees of University of Illinois, 1996.

TRILLO, Maurício Tenório. “*Caminhando para a desestadunização da história dos Estados Unidos : um diálogo.*” In: Revista Estudos Históricos . Rio de Janeiro, n.27, 2001.

VAN GOOSE. “A Movement of Movements: The Definition and Periodization of the New Left.” In: AGNEW, Jean-Christophe; ROSENZWEIG, Roy (org.) *A Companion to post-1945 America.* Wiley-Blackwell Publishing, 2006.

\_\_\_\_\_. “Unpacking the Vietnan Syndrome: The Coup in Chile and the Rise of Popular Anti-Intervention” In: VAN GOSSE e MOSER, Richard (eds) *The World the 1960s Made: Politics and Culture in Recent America.* Philadelphia: Temple University, 2003.

VERDUGO, Patrícia. *Chile, 1973: Como os Estados Unidos derrubaram Allende* . Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WINN, PETER. *A Revolução Chilena.* São Paulo: Editora UNESPE, 2010.

ZINN, Howard. “The Seventies: under control?” In: *The Twentieth Century: a People’s History.* Harper Perennial, 1992.

#### Fontes:

Carta do Center for Constitutional Rights endereçada ao editor do The New York Times, 12/02/1982, p.2. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*. Esse arquivo está localizado na Benson Latin American Collection na Universidade do Texas. Inventário disponível em: [www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html](http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html). Data de acesso: 05/02/2013.

Complaint for Declaratory and Injunctive Relief and for Damages. Disponível em: <http://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/19267> Data de acesso: 08/07/2013

Department of State, SECRET Memorandum, "Charles Horman Case," August 25, 1976. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/> Data de acesso: 15/08/2011

Department of State, SECRET. "Charles Horman Case: Gleanings,"(Undated but written in August 1976) Disponível em <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/> Data de acesso: 15/08/2011

Department of State, Memorandum (classification excised), "Film by Charles Horman," April 12, 1974. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/> Data de acesso: 15/08/2011

DAVIS, Nathaniel. *Os dois últimos anos de Salvador Allende.* Rio de JANEIRO: Civilização Brasileira, 1990.

DORFMAN, ARIEL. *Epitaph for another September 11: Chile and United States offer contrasting models of how to react to a collective trauma*. In: *The Nation*, 30 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.thenation.com/article/163056/epitaph-another-september-11#> Data de acesso: 21/12/2013

FBI, Memorandum (classification unknown), "Frank Teruggi," December 14, 1972. Disponível em: <http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB366/> Data de acesso: 15/08/2011

Fuente de Información Norteamericana, vol, I, n. 2, mayo 1972.

Fuente de Información Norteamericana, vol, I, n. 3, julio 1972.

Fuente de Información Norteamericana, vol, I, n. 4, agosto 1972.

Fuente de Información Norteamericana, vol, I, n. 5, septiembre 1972.

Fuente de Información Norteamericana, vol, I, , octubre 1972.

Fuente de Información Norteamericana, n. 7, sem data .

Fuente de Información Norteamericana, n. 8, sem data .

Fuente de Información Norteamericana, n. 9, 18/07/1973.

HAUSER, Thomas. *Desaparecido: um grande mistério (Missing)*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

HORMAN, Joyce. *Missing Charlie, 40 years later*. *The Progressive*, setembro de 2013, p. 2. Disponível em: <http://progressive.org/justice-in-chile> Data de acesso: 25/10/2013

LESSER, Mishy *The Journey Back and Foward: jornalistic notes and blog postings for a public radio documentary, 2008*. Disponível em: [http://www.mishylessor.com/Home\\_Page.html](http://www.mishylessor.com/Home_Page.html) Data de acesso: 30/01/2012

LEWIS, FLORA. "New Film by Costa-Gravas Examines the Chilean Coup." *The New York Times*. Arts and Leisure, 07/02/1982. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*. Esse arquivo está localizado na Benson Latin American Collection na Universidade do Texas. Inventário disponível em: [www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html](http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html). Data de acesso: 05/02/2013.

ORCCHIO, Luiz Zanin. "Em Recife, Costa-Gravas revela inspiração para 'Estado de Sítio'". *Jornal O Estado de São Paulo*, 28/04/2009. Disponível em: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br) Data de acesso: 17/08/2011

PAGE, Janis Teruggi. *Did US Intelligence Help Pinochet's Junta Murder My Brother?* In: *Mother Jones*, 22/09/2013. <http://www.motherjones.com/politics/2013/09/us-intelligence-pinochet-junta-murder> Data de acesso: 25/10/2013

Questionário preenchido por Mishy Lesser em 30/04/2012

Questionário preenchido por Andrew Zimbalist em 24/09/2012

Questionário preenchido por Joyce Horman em 16/11/2012

Remarks by President Obama on Latin America in Santiago, Chile . Disponível em: <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/21/remarks-president-obama-latin-america-santiago-chile> Data de acesso: 19/05/2011

Resolução do Ministro da Corte de Apelações de Santiago, Jorge Zepeda, de 29/11/2011. Disponível em: <http://www.poderjudicial.cl> Data de acesso: 30/11/2011

RYAN, Patrick J. “ ‘Missing’: A Minefield of Conjecture, Innuendo, Fabrication.” Commentary. The San Diego Union 24/03/1982. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*. Esse arquivo está localizado na Benson Latin American Collection na Universidade do Texas. Inventário disponível em: [www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html](http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html).Data de acesso: 05/02/2013

Transcrição do programa de rádio Good Morning America da Universal Picture, estação WAB-TV e The ABC Television Network, Nova York, 12/02/1982. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*. Esse arquivo está localizado na Benson Latin American Collection na Universidade do Texas. Inventário disponível em: [www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html](http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html).Data de acesso: 05/02/2013

VOLK, Steven. “Judgment Day in Chile” In: NACLA Report on the Americas. Open Forum, vol. 36, nº1, julho/agosto 2002. Data de acesso: 02/12/2011

\_\_\_\_\_. “The Politics of Memory and the Memory of Politics” In NACLA, volume 46, nº 4, outono, 2013. 05/12/2013

WILL, George F. “The Truth is Missing from ‘Missing’”. Los Angeles Times, s/d. In: Joyce Horman and Edmund Horman Papers, 1973, caixa 07, pasta 03 – Ataques a *Missing*. Esse arquivo está localizado na Benson Latin American Collection na Universidade do Texas. Inventário disponível em: [www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html](http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00271.html). Data de acesso: 05/02/2013.

Fotos:

1. Charles Horman:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=151582988371816&set=pb.131447947051987.-2207520000.1388238931.&type=3&theater> e <http://cdavidnelson.blogspot.com.br/2012/05/joyce-and-charlie-on-their-way-to-chile.html> Data de acesso: 27/11/2013

2. Frank Terruggi: [http://www.hormantruth.org/ht/bio\\_teruggi](http://www.hormantruth.org/ht/bio_teruggi) e <http://www.hormantruth.org/ht/> Data de acesso: 27/11/2013
3. Steven Volk: [http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven\\_volk\\_profile.html](http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven_volk_profile.html) e <http://web.gc.cuny.edu/dept/bildn/events/2013.09.10.shtml>. Data de acesso: 27/11/2013
4. Mishy Lesser: [http://mishylessor.com/About\\_Us.html](http://mishylessor.com/About_Us.html) Data de acesso: 27/11/2013 e <http://www.pri.org/theworld/?q=node/20840> Data de acesso: 05/01/2012
5. Andrew Zimbalist: <http://sophia.smith.edu/~azimbali/> Data de acesso: 27/11/2013
6. Resurrection City: [http://thresholds.mit.edu/issue/41/t41\\_lee\\_vale.pdf](http://thresholds.mit.edu/issue/41/t41_lee_vale.pdf). Data de acesso: 27/11/2013

Sites:

CADRE:

<http://areachicago.org/chicago-area-draft-resisters/> Data de acesso: 13/01/2014

Carta para a New Left:

<http://www.marxists.org/subject/humanism/mills-c-wright/letter-new-left.htm>. Data de acesso: 22/12/2013

Eduardo Paredes:

[http://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-P/juan\\_antonio\\_eduardo\\_paredes\\_bar.htm](http://www.memoriaviva.com/Desaparecidos/D-P/juan_antonio_eduardo_paredes_bar.htm) Data de acesso: 13/01/2014

Frank Teruggi:

[http://www.hormantruth.org/ht/bio\\_teruggi](http://www.hormantruth.org/ht/bio_teruggi) Data de acesso: 04/02/2014

Friend's World College:

<http://www.liu.edu/Global/About/History> Data de acesso: 20/07/2012

Jornal The Christian Science Monitor:

<http://www.csmonitor.com/About/The-Monitor-difference> Data de acesso: 20/07/2012

Liberation News Service:

<http://www.lns-archive.org/histories/LNS-History-by-AllenYoung.htm> Data de acesso: 04/02/2014

Marcha por Empregos e Liberdade:

<http://www.infoplease.com/spot/marchonwashington.html> Data de acesso: 18/01/2014

MIR: El MIR y Allende. Punto Final, edição 665, 26 de junho de 2008. Disponível em <http://www.puntofinal.cl/665/mir.php>. Data de acesso: 10/02/2014

Missing, Costa Gravas, 1982:

<http://www.imdb.com/title/tt0084335/awards>

[http://www.imdb.com/title/tt0084335/business?ref =ttrel\\_sa\\_3](http://www.imdb.com/title/tt0084335/business?ref =ttrel_sa_3)

Data de acesso: 27/07/2011

Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti:

<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/SaccoV/SaccoV.htm> Data de acesso:

18/01/2014

Programa da Unidade Popular:

[http://www.salvador-allende.cl/Unidad\\_Popular/Programa%20de%20la%20UP.pdf](http://www.salvador-allende.cl/Unidad_Popular/Programa%20de%20la%20UP.pdf)

Data de acesso: 27/07/2011

Steven Volk: [http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven\\_volk\\_profile.html](http://www.oberlin.edu/news-info/02mar/steven_volk_profile.html). Data

de acesso: 27/07/2011

Revista The Nation:

[http://www.amazon.com/The-Nation/dp/product-description/B000CNEFRE/ref=dp\\_proddesc\\_0?ie=UTF8&n=599858&s=magazines](http://www.amazon.com/The-Nation/dp/product-description/B000CNEFRE/ref=dp_proddesc_0?ie=UTF8&n=599858&s=magazines)

Data de acesso: 18/01/2014

Scottsboro Boys: “The Trial os Scottsboro Boys”:

<http://law2.umkc.edu/faculty/projects/FTrials/scottsboro/scottsb.htm> Data de acesso:

18/01/2014

Tom Mooney:

CRESSWELL, Stephen. “Free Tom Mooney”. Buttons and Ballots, vol. 16, março de 1998. Data de acesso: 18/01/2014

URPE: <http://www.urpe.org/about/abouthome.html> Data de acesso: 07/12/2013

Wobblies: DEBS, E.V. “Speech at the Founding Convention of the Industrial Workers of The World: <http://www.marxists.org/archive/debs/works/1905/iwwfound.htm>

Data de acesso: 18/01/2014